

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Augusta Padilha**

**O processo de constituição da identidade humana e o trabalho da  
Universidade neste processo: um estudo com alunos do Curso de Serviço  
Social da PUC/SP**

**DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**SÃO PAULO**

**2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Augusta Padilha**

**O processo de constituição da identidade humana e o trabalho da  
Universidade neste processo: um estudo com alunos do Curso de Serviço  
Social da PUC/SP**

**DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

Tese apresentada à Banca Examinadora  
como exigência parcial para obtenção  
do título de Doutor em Educação:  
Psicologia da Educação pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo, sob  
a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mitsuko  
Aparecida Makino Antunes.

**SÃO PAULO**

**2009**

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

À Dolores Dalton Padilha (in memória)

*Em fidelidade à tua luta para ver os filhos estudados, eu continuo.*

## **AGRADEÇO**

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mitsuko Aparecida Makino Antunes, porque com sabedoria orientou cada etapa deste estudo, coordenando-o com o modo de produzir e apresentar a presente pesquisa.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bernardete Angelina Gatti, aqui representadora do corpo docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pelo trabalho exigente e conservador do caráter científico da docência.

Ao Prof. Dr. José Roberto Heloani e à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Mercês Bahia Bock, pelo esmero das observações feitas durante o exame de qualificação deste estudo.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Beatriz Costa Abramides e à Prof<sup>a</sup>. Maria do Socorro Reis Cabral, representantes da Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pelo acolhimento com que receberam esta pesquisa e valerosos materiais disponibilizados.

À Maria de Lurdes e Bia (nomes fictícios), alunas do Curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por disponibilizarem à presente pesquisa, mais que o tempo de suas vidas dedicado às entrevistas, o precioso conteúdo de suas histórias de vida.

À Fundação Universidade Estadual de Maringá - Divisão de Capacitação Institucional – PPG/CPT e Departamento de Teoria e Prática da Educação, pela autorização de afastamento das atividades docentes durante o curso deste doutorado.

Augusta Padilha  
Agosto de 2009.

## RESUMO

Augusta Padilha

O processo de constituição da identidade humana e o trabalho da Universidade neste processo: um estudo com alunos do Curso de Serviço Social da PUC/SP

Esta pesquisa constitui-se num estudo sobre o processo de constituição da identidade humana. Sob a perspectiva teórica de Gramsci, com base no materialismo histórico-dialético, estudam-se as narrativas de histórias de vida de alunas universitárias. Tal universo é tomado primeiramente como fonte de referência de atividades e experiências assimiladas no percurso de suas vidas, sendo, assim, referência para a compreensão do processo de constituição de suas identidades. A pesquisa busca apreender esse processo, tendo por base a concepção de homem sócio-histórico e de identidade como processo de metamorfose. Por meio dessas histórias de vida analisa-se o processo de desenvolvimento de aptidões especificamente humanas e o sentido humano chamado consciência. À luz das concepções da psicologia sócio-histórica, estuda-se, principalmente no que se refere à identidade, a transformação qualitativa da consciência por imbricamento de fatores internos e externos ao homem. A pesquisa se estende, por isso, à análise da forma e do conteúdo do que as alunas pensam e como expressam seus pensamentos em narrativas, considerando-os como objetivação de capacidades ou aquisições implicadas em suas atividades acadêmicas. Chega-se, assim, à análise de elaborações das alunas e às interações que dão sustentação a tais elaborações. Consequentemente chega-se ao trabalho do Curso de Serviço Social da PUC/SP e à implicação desse trabalho no processo de constituição da identidade de seus alunos, nesta pesquisa representados por duas deles. Com foco no processo de identidade como metamorfose, a pesquisa centra-se na relação que se estabelece entre curso-aluno tendo por base o projeto pedagógico do curso e o perfil profissional proposto por este. Assim, como resultado deste estudo, evidencia-se a efetivação de um processo de constituição de identidades humanas, mediante o que uma determinada proposta de ensino superior e determinadas aprendizagens produzem movimentos na identidade das alunas, sujeitos desta pesquisa. Ou seja, é possível, organizar um ensino revolucionário sob o teto capitalista.

Palavras-chave: Ensino Superior; Projeto Pedagógico; Metamorfose; Identidade Humana

## ABSTRACT

Augusta Padilha

The process of constitution of the human identity and the role of the University in this process: a study with students of the Social Service Course at PUC/SP

This research encompasses a study about the process of constitution of human identity. From the theoretical perspective of Ciampa, based on the historic-dialectic materialism, life history narratives of undergraduate students are studied. Such universe is first of all taken as source of reference of activities and experiences assimilated along their lives, thus serving as reference to the understanding of the process of constitution of their identities. The study seeks to apprehend this process, based on the conception of the socio-historic man and of identity as a metamorphosis process. Through these life histories, the process of development of specifically human aptitudes and the human sense named conscience are analyzed. Under the light of the conceptions from the socio-historic psychology, the qualitative transformation of the conscience through embedded factors that are internal and external to men is studied, particularly in what refers to identity. For this reason, research extends to the analysis of form and content of what the students think and how they express their thoughts as narratives, considering these as the objectivation of capacities or acquisitions implied in their academic activities. We then come to the analysis of elaborations of the students and to the interactions that sustain such elaborations. Consequently, we come to the work of the Social Service Course at PUC/SP and to the implication of this work in the process of constitution of the identity of its students, in this study, represented by two of them. By focusing on the identity process as metamorphosis, research is centered in the relationship established between course-student, grounded on the pedagogic project of the course and on the professional profile it proposes. As a result of this study, the effectiveness of a process of constitution of human identities was evidenced, considering that a determined proposal of undergraduate teaching and determined kinds of learning produce movements in the identity of the students, participants of this research. That is, it is possible to organize revolutionary teaching under the capitalist roof.

Key words: Undergraduate Teaching; Pedagogic Project; Metamorphosis;  
Human Identity.

## SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - IDENTIDADE HUMANA.....	17
CAPÍTULO II - SOBRE O MÉTODO PARA O ESTUDO DO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE HUMANA.....	23
CAPÍTULO III - OS SUJEITOS DA PESQUISA E SUAS NARRATIVAS.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	109

## PREFÁCIO

No presente momento, aos cinquenta anos de idade, experimento a trajetória de um curso de doutorado. Vinda do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá-PR, autorizada conforme seu Plano de Capacitação Docente, cheguei à PUC-SP e ao Programa de Estudos Pós-graduados em Educação – Psicologia da Educação, apresentando o projeto de estudar a formação humana de acordo com a teoria do materialismo histórico-dialético. Trouxe comigo os meus vinte e sete anos de docência e a vontade de defender a educação entre as condições de humanização. Trouxe também a intenção de estudar um rumo contrário à prática do ensino historicamente instalada pelo modo de produção capitalista, pautada na formação (des) humana, alheia do conhecimento que nutre a luta humana e a condução das circunstâncias.

Eu reconhecia que essas intenções remetiam a pesquisa a um espaço revolucionário, mas vinha bastante confiante porque já estudara autores e obras vindos da PUC-SP, os quais me traziam uma referência da instituição como um espaço em que se promovem, entre outros, também estudos marxistas.

Na condição de doutoranda, cursei as sete disciplinas necessárias à obtenção dos créditos. A programação desenvolvida não privilegiou textos do próprio Marx, ou mesmo de Marx e Engels, mas meu projeto de estudar a formação humana, por meio dos textos marxianos, continuava em meus propósitos. Não trataria da formação humana sob os ditames do capital, nem da formação alienada, mas trataria especificamente de uma formação de expressão revolucionária a tudo isso, passível de ser organizada e que pudesse ser reconhecida na forma de ser dos alunos. Sabia que estava nas nuvens, voando alto, mas, ao mesmo tempo, já sentia as dores do tombo.

Os encontros com minha orientadora foram traduzindo a necessidade de dar “chão” à teoria projetada. Fui percebendo e descendo à necessidade de encontrar os homens reais, em suas práticas concretas. Tentamos localizar,

nos espaços que ela e eu conhecíamos, alguma experiência de cunho revolucionário que pudesse dar sustentação ao meu projeto de pesquisa (que já era nosso).

Em um sábado de maio de 2007, utilizei o laboratório dos alunos da PUC-SP até fechar, ao meio dia. Saindo do laboratório, fui à toailete; lá ouvi uma conversa entusiasmada de duas alunas a respeito da forma como Marx criticou Proudhon, de “como Marx era capaz”... “naquela época”...

Levei um choque. Pensei comigo: “Alunos com entusiasmo? Falando de Marx e Proudhon? Em um sábado ao meio dia? Nossa! É isso que eu procuro. É um sinal da revolução!”

Abordei-as e expus-me. Prontamente as alunas concordaram em cooperar na realização da pesquisa, fornecendo os números de seus telefones para contato. Senti e sinto ainda que é algo inexplicável aquilo que me aconteceu, como se nós estivéssemos em um estado de prontidão para aquele encontro.

A partir daquele momento, sob a direção da orientadora, desenvolvi a pesquisa acerca da formação humana tendo por base as histórias de vida de duas alunas universitárias, inicialmente objetivando reunir material de análise das suas relações com o mundo.

Desde o primeiro momento das narrativas das alunas, evidenciou-se relevante o desenvolvimento de suas consciências, provocado em função do trabalho realizado pelo Curso de Serviço Social da PUC-SP. O que implica considerar, por meio das narrativas das alunas, o conhecimento que as afetava e as abalava, provocando o movimento de constituição de seus conceitos, valores, ou seja, o movimento (revolucionário) de sua humanização ou de sua identidade humana e, sobretudo, de suas práticas.

Dessa forma, o objeto de pesquisa definido para este trabalho é o processo de constituição da identidade humana, na perspectiva de Ciampa (2005), que a compreende como metamorfose, tendo como ponto de referência não todas as suas determinações, mas aquelas advindas da relação entre ensino e formação no ensino superior. Essa relação será investigada por meio da análise da organização do ensino da Faculdade de Serviço Social da PUC-SP e das narrativas das histórias de vida daquelas alunas (com os conteúdos e as formas de seu pensamento ao definirem suas concepções, desejos,

expectativas) e das atividades desenvolvidas no decorrer desse curso de graduação.

## INTRODUÇÃO

A questão do desenvolvimento humano tem sido um dos temas centrais sobre os quais debatem muitos estudiosos em diferentes épocas históricas. Há um núcleo rico da filosofia, do qual emergem processos teóricos muito diferentes entre si. Mas qual é o grau de conhecimento alcançado a respeito da história humana?

Para perguntas como *O que é o homem?* ou *O que é o homem dentre os homens?* ou ainda *Como o homem chegou a ser o que é hoje?*, há, na história, incontáveis respostas de diferentes ciências e filosofias que se empenham em construir um coerente corpo teórico para o entendimento dessas questões.

Desde os pré-socráticos, entre eles Parmênides de Eléia, até os estudiosos das ciências humanas da atualidade, a questão do *ser*, do *ser* homem, a formação e o desenvolvimento humano, bem como a inserção do homem na história têm merecido um dos lugares centrais nessas preocupações, pois são processos importantes quando se consideram os definidores da realidade social e seu rumo histórico. Logo, em todas as épocas históricas, por meio do entendimento do movimento de reciprocidade entre os homens, seus comportamentos e suas circunstâncias, tais questões sempre ganham relevo.

Considerando que mesmo os conceitos e as palavras têm significado segundo o desenvolvimento histórico do seu emprego efetivo, cabe registrar que intencionamos empregar, nesta pesquisa, as expressões “formação humana”, “desenvolvimento humano”, “evolução”, “transformação” em consonância com a teoria da formação humana produzida por Karl Marx (1818-1883). Esforçamo-nos para que a presente pesquisa se atenha ao que Marx e Engels chamam de ciência da história, examinada sob o aspecto da “história

dos homens” (MARX E ENGELS, 1845-1846; 1996, 24, nota), à luz da qual nos propomos a focalizar, na história de homens de hoje, o que Marx chama de apropriação da efetividade humana. Mais especificamente, trataremos de estudar o processo de constituição da identidade humana como metamorfose, segundo a concepção de Ciampa (2005).

Em nossa época, marcada pelo processo capitalista de produção, o fascínio pelo ponto de vista situado no particular, na limitação local e no isolamento dos indivíduos é também alvo de debates e críticas. Diferentes estudos, por exemplo, emergem do binômio “homem e sociedade”, “homem e mundo”, “indivíduo e realidade” etc., enfoques que permitem muitas possibilidades de análise tanto dos polos separados quanto tomados como unidade.

Também é importante percebermos que a preocupação com o tema “identidade” emerge das relações sociais na atualidade e torna-se um desafio o exame desse tema de um ponto de vista sócio-histórico.

A título de ilustração desse movimento no âmbito acadêmico, descrevemos abaixo um pouco da forma de sua expressão circunscrita no trabalho efetivado junto à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

Particularmente tivemos contato com uma das maneiras de se conceber e investigar o processo de constituição da identidade humana desenvolvida por Ciampa (1985; 2004; 2005), cuja origem remonta estudos anteriores. Também encontramos registrado, na Série Cadernos PUC, do ano de 1985, que José Roberto Malufe, em junho de 1983, fundou o Grupo de Pesquisa sobre Identidade, sendo seu idealizador, animador e orientador (CIAMPA e outros, 1985). Nesse documento, afirma-se que a comissão organizadora foi constituída por Abigail Alvarenga Mahoney, Ana Zahira Bassit, Antonio da Costa Ciampa, José Roberto Malufe, Márcia Regina da Costa e Rosa M. Macedo; declara-se ainda que, em outubro de 1983, reuniram-se na PUC/SP especialistas de diversas áreas do conhecimento para participar do I Encontro Interdisciplinar sobre Identidade, com a intenção de dar início ao debate sobre o tema, a partir das preocupações e pesquisas desses especialistas (CIAMPA e outros, 1985, prólogo).

Segundo essa comissão, a crescente importância do tema Identidade nas diversas áreas do conhecimento evidenciava a necessidade de aprofundar questões ainda pendentes no campo da teoria e da pesquisa sobre Identidade, o que levou à continuidade dos encontros, com promoção conjunta dos Programas de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação, Psicologia Clínica, Psicologia Social, Departamento de Antropologia da PUC-SP, bem como do Grupo de Pesquisa sobre Identidade, ligado ao Laboratório de Psicologia da Educação. O II Encontro Interdisciplinar sobre Identidade, realizado em maio de 1984, na PUC-SP, constituiu-se de duas partes. A primeira, com o tema *Questões teóricas sobre Identidade*, com colóquios referentes a: Identidade e Projeto Político, Identidade e Memória e Identidade Brasileira. A segunda parte teve como tema *Questões de Pesquisa*, contando com duas sessões de apresentação oral: Construção Teórica do Objeto: A Conceituação de Identidade e Procedimentos e Técnicas de Pesquisa sobre Identidade, apresentando as pesquisas em andamento (CIAMPA e outros, 1985).

Nos idos de 1987, Silvia Lane enfatiza que o referido Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social caminha para a superação das contradições existentes no positivismo e desenvolve em torno de alguns tópicos, “uma metodologia de pesquisa em bases materialistas históricas, concebendo o homem como um ser produzido historicamente e, portanto, essencialmente social” (LANE, in CIAMPA, 2005, p. 9).

A autora destaca ainda que a Identidade analisada como um processo dialético, construído nas relações sociais, e sua implicação com as categorias atividade e consciência, é fundamental para a compreensão do indivíduo, assumindo o caráter de uma categoria ontológica, tal como tem sido apresentada a Personalidade na concepção materialista histórica. O estudo da Identidade, segundo essa estudiosa, permitirá um conhecimento mais concreto da personalidade, questão que, para Lane, futuras pesquisas deverão responder.

Como podemos observar, ainda que por uma ilustração, o movimento acadêmico, em torno do tema Identidade, também apresenta possibilidades de estudos sobre a identidade humana tendo por guia abordagens desalinhas do modo capitalista de produção.

No caso da pesquisa em pauta, a opção é ter por guia a abordagem da Identidade Humana sob o prisma da concepção de homem em Marx.

Intitulamos **Identidade Humana** o primeiro capítulo, destinado a expor as concepções fundamentais para a presente pesquisa. É uma preocupação centrada na análise do desenvolvimento sócio-histórico do homem concebido por Marx e Engels. Procuramos, portanto, apresentar as concepções do materialismo histórico-dialético que entendemos como necessárias para a compreensão do fenômeno da identidade humana.

Com o objetivo de explicar a forma de investigação e os procedimentos adotados para a pesquisa, denominamos o segundo capítulo **Sobre o método para o estudo do processo de constituição da Identidade Humana**. Consideramos a abordagem dialética como norteadora deste estudo, de modo a, num primeiro momento, vincularmos as concepções teóricas assumidas como guias da pesquisa aos procedimentos teórico-práticos adequados. Quer dizer, tanto para reunião de material, dados e informações localizadas no processo de vida de homens de hoje (no caso estudantes universitárias), quanto para, por meio do exame do conjunto das relações sociais por eles vivenciadas, proceder à análise de fatores que correspondem ao processo de produção da identidade humana.

Fruto de inúmeras horas de encontros, narrativas e registros, o terceiro capítulo é o da apresentação dos sujeitos da pesquisa: Bia e Maria de Lurdes (nomes fictícios, por elas escolhidos), então alunas do segundo ano do Curso de Serviço Social da PUC-SP. Constituído também das histórias de vida de Bia e Maria de Lurdes, esse capítulo, denominado **Os sujeitos da pesquisa e suas narrativas**, comporta os conteúdos que deram corpo para a investigação do fenômeno da identidade humana.

Considerando os objetivos da pesquisa, esse capítulo os articula, restringindo o estudo do processo de constituição da identidade humana por meio de um dos seus fatores – a relação com o ensino superior. Para esse estudo, baseamo-nos em dois polos de referência em relação, de um lado, à organização atual do Curso de Serviço Social da PUC/SP, as atividades desenvolvidas e os conhecimentos veiculados no decorrer dos dois anos cursados pelas alunas e de outro lado, as alunas com suas histórias de vida e

o movimento de suas identidades em interação com essa realidade social acadêmica.

Por último, como **Considerações Finais**, sintetizamos o resultado obtido pela presente pesquisa. Consideramos alguns aspectos do trabalho levado a efeito, aspectos que, de um modo ou de outro, em termos de resultados, evidenciam o movimento de reciprocidade das ações dos homens ou a atividade em imediata sociedade com outros, como fator de genericidade da espécie humana, de forma que todos os caminhos que tomarmos ao encontro da identidade humana chegarão ao homem social, isto é, humano. E estarão condicionados por múltiplas relações nas quais o caráter social é o caráter, por excelência, universal. E em todo o movimento do gênero humano, tanto o material de trabalho quanto o homem como sujeito são tanto produto quanto ponto de partida do movimento sócio-histórico da identidade humana.

## CAPÍTULO I

### IDENTIDADE HUMANA

De um modo geral, as áreas das ciências humanas, especialmente os cursos de psicologia, de pedagogia e as diferentes licenciaturas, encontram-se no enfrentamento de diversos impasses e dificuldades, tanto para explicar quanto para planejar encaminhamentos para a educação do homem contemporâneo.

Das demandas que se apresentam aos profissionais dessas áreas emergem continuamente inúmeros estudos e pesquisas voltados à tentativa de compreensão sobre as ações humanas, por exemplo. No âmbito da atividade humana institucional, organizada para promover a educação das novas gerações de homens, cada vez mais se requer conhecimento sobre esse “material” de trabalho: o homem.

Ganha destaque, na contemporaneidade, a preocupação em compreender, explicar e definir o psiquismo humano, incidindo em vários rumos de investigação. De forma proeminente, o interesse em entender a identidade humana tem traduzido muito trabalho, resultado de pesquisas, a exemplo de Ciampa (2005), dentre tantos outros.

Enfatizamos que, sendo o objeto de nossa pesquisa o processo de constituição da identidade humana, e que temos por foco não todas as suas determinações, mas as determinações que resultam da relação de Bia de Maria de Lurdes com o Curso de Serviço Social, optamos por centralizar a investigação sob a perspectiva de Ciampa (2005), no que se refere à identidade como metamorfose.

Por meio dos estudos de Ciampa, apreendemos, por exemplo, formas de captar com minúcias o conteúdo das histórias de vida de nossos sujeitos da

pesquisa, as duas alunas universitárias, bem como analisar esse conteúdo conforme a concepção de identidade humana como metamorfose, defendida em seus estudos.

A presente pesquisa pauta-se na concepção de metamorfose para analisar, nas histórias de vida das alunas, sujeitos desta pesquisa, a relação curso-aluno. Entretanto, consideramos importante deixar aqui outros focos de estudos, apontados por Ciampa no trabalho que realiza com o tema identidade.

Ciampa delinea a existência individual como encarnação de um momento da história, e o tempo individual como tempo das circunstâncias. Faz isso mostrando um processo de caráter histórico e circunstancial ao produzir a vida de cada um e os vínculos sociais homogeneizadores das condições de vida necessárias à produção da *mesmice*, por exemplo, que denomina “manutenção do *status quo*” (CIAMPA, 2005, p. 24). De acordo com Ciampa, a identidade humana manifestada na *mesmice* não é o homem todo, o homem é mais do que manifesta de imediato; “sua identidade pessoal permanece oculta” (CIAMPA, 2005, p. 24), mas é percebida como possibilidade de realização, de *ser presença*, ação do ser que migra, que se retira, que recusa a “rudeza” e que deseja a vida.

O autor mostra o homem como processo que se constitui de um processo maior, coletivo, produto de um movimento histórico e transitório. Todavia, mostra que o homem porta “sua individualidade, sua singularidade, sua identidade” (CIAMPA, 2005, p. 24) e a possibilidade de, sendo processo, “fazer-se ação” (Idem, p. 24). É pela força do sentido que dá à vida que o homem é *ser presença*, carregado de possibilidades: de migrar, de retirar-se, de sair de si mesmo, de entusiasmar-se, logo, *ser* de futuro. O homem é a possibilidade de sua própria negação. Negação da “*mesmice*” (da morte) instalada historicamente e superação por meio da presença da vida, sempre passível de novos relacionamentos e condições para requalificações humanas.

Ciampa explica que “ter uma identidade humana é ser identificado e identificar-se como humano” (CIAMPA, 2005, p. 38), ter marca de humano, *ser* da espécie, de carne e osso e de cujo corpo se processa o amálgama da vida social do “vir-a-ser humano” (Idem, p. 36). O corpo orgânico é, portanto, sustentação, é situação concreta, é plano material e condição pela qual se processa a humanização; por sua vez, dependente também das circunstâncias

concretas que definem as condições e as possibilidades de um ou de outro modo de vida.

De um poema de João Cabral de Melo Neto, Ciampa (2005) apreende o movimento da tessitura da vida humana oriunda de um corpo (de uma criança) em movimento histórico que apresenta o espetáculo da vida sendo tecido por fios individuais, mas junto a muitas mãos na história que se processa universalmente. E mostra que as ações individuais revelam o sentido da humanidade que se afirma diante das condições dadas, mas também revelam o homem como *ser* capaz de superação. Assim, podemos compreender a identidade humana como processo que pressupõe a negação da negação, contradição/superação, como modo de ser de seu ciclo vital (CIAMPA, 2005, p. 35).

Para Ciampa, “identidade é vida” (CIAMPA, 2005, p. 36) e é na ação que cada membro da comunidade desempenha que esta pode ser encontrada. Neste sentido, entendemos que a vida real e a mobilidade humana são pressupostos por meio dos quais Ciampa revela o processo de constituição identitária de um personagem concreto, a quem chama de Severina. Com as narrativas de Severina sobre sua vida, mostra que “só se é alguém através das relações sociais” (CIAMPA, 2005, p.86), que o indivíduo isolado é uma abstração e que a identidade se concretiza na atividade social, na posição que ocupa socialmente, nas relações com o outro. Relações permeadas pelo aprendizado que liberta, que faz compreender o lugar onde se vive – o mundo.

Dessa forma, fundamentado na concreticidade da vida, defende a tese de que “identidade é metamorfose. E metamorfose é vida” (CIAMPA, 2005, p.128).

Trata da identidade como questão teórica, sob o ponto de vista da Psicologia Social a respeito de fenômenos psicossociais, encontrando em Hegel, Marx, Heidegger, Heller, Habermas, Ruy Fausto, Stanislavski e outros, apoio para suas argumentações e defesa do “indivíduo como conjunto das relações sociais dentro da História” (CIAMPA, 2005, p. 243) e da identidade como um processo de “metamorfose, que descreve a constituição de uma identidade, que representa a pessoa e a engendra” (Idem, p. 243) – o que leva o autor a tratar a identidade como questão, além de científica, política.

Por meio da perspectiva teórica de Ciampa, apresentada até aqui, compreendemos que os fatores primordiais de definição da identidade humana como metamorfose localizam-se na mobilidade humana, no confronto com as circunstâncias. Por essa perspectiva, visualizamos que “metamorfose”, tanto da realidade quanto do indivíduo, vincula-se ao movimento humano dinamizado por sentidos, rumos, finalidades. Com isso, podemos afirmar que os estudos de Ciampa inovam com o tema identidade humana, com os fundamentos do materialismo histórico-dialético concretizados por Marx e Engels e seus seguidores, Gramsci, Heller, Vigotski, Leontiev, Luria e outros.

Ciampa expõe a identidade humana de maneira que os princípios marxianos mostram que a forma de *ser* do homem porta a possibilidade de criar, de produzir adequadamente visando a uma finalidade. Porta a capacidade, a força de suas faculdades físicas e mentais, as quais ele põe em ação toda vez que muda de forma um material da natureza, adaptando-o às suas necessidades. Ou seja, “põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana” (MARX, 1994, p. 202).

Historicamente, os objetos, os instrumentos, assim como todas as formas de linguagem, servem aos homens no processo de organização e produção de sua existência em meio às relações sociais, quer sob tempos escravistas, feudais, quer sob tempos capitalistas. São produtos da ação humana que adquirem uma existência objetiva, permeando, mediando a formação da consciência de cada homem em particular.

Em tempos remotos, da pedra, os homens produziram o machado e o entenderam como instrumento de defesa, como ferramenta, e até hoje nós também o entendemos assim. O que quer dizer que cada homem pode pensar individualmente, de forma singular, ímpar mesmo, sobre determinado tema, mas os fundamentos de sua ciência sobre isto ou aquilo são obtidos e assimilados da experiência humana socialmente transmitida de geração a geração. Isso é um fato que novamente nos faz entender a identidade humana constituída de um caráter universal-individual e a notar a importância da concepção de homem sócio-histórico.

No que se refere a esta pesquisa, trabalharemos sob a concepção de que há sempre um universo de elementos que compõem as circunstâncias,

entre eles as espécies animais, vegetais; as condições naturais geológicas, hidrográficas, climáticas e outras; as condições materiais, sociais etc. - elementos que compõem historicamente “todo o mundo dos homens e de sua capacidade de percepção, e até mesmo de sua própria existência” (MARX e ENGELS, 1845-46; 1996, p. 69). Do ponto de vista científico, não podemos perder de vista que “de longa data, é o homem considerado como um ser à parte, qualitativamente diferente dos animais” (LEONTIEV, 1978, p.261).

Marx e Engels chamam de “contínuo trabalhar e criar sensíveis, esta produção, a base de todo o mundo sensível tal e como agora existe” (MARX e ENGELS, 1845-46; 1996, p. 69), um contínuo trabalhar e criar, manifesto que se fosse interrompido até mesmo por um ano apenas, não só encontraríamos enormes mudanças no mundo natural, mas logo sentiríamos falta de todo o mundo dos homens – o mundo objetivo criado pela capacidade de percepção humana e pela forma de existência não animal, mas humana. Enfim, um mundo que reconhecemos como “natureza *humanizada*” (MARX, 1844, 2004, p. 81), aliás, onde encontrar alguma parte do planeta sem interferência da ação humana?

É importante que percebamos essa natureza *humanizada* que é o mundo dos homens como ponto de partida de nossa fundamentação sobre o tema identidade humana, pois, a nosso ver, é um tema circunscrito à concepção da “unidade do homem com a natureza” (MARX e ENGELS, 1845-46; 1996, p. 68). Uma unidade que se apresenta de maneira diferente, em cada época, segundo o desenvolvimento maior ou menor da indústria, do comércio, da produção e a troca de necessidades da vida. Assim, podemos reconhecer que se o homem se defronta livremente com seu produto, com sua produção; se o seu produto não pertence imediatamente ao seu corpo físico; se o homem produz não apenas o que necessita imediatamente para si ou sua cria, então o objeto de seu trabalho é uma forma de generalizar o caráter humano. Quer dizer, a identidade humana também se encontra na objetivação da vida genérica do homem: “quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectualmente, mas operativa, efetivamente, contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele” (MARX, 1844, 2004, p. 85).

Podemos compreender que a atividade racional do homem está em função do processo de apropriação/objetivação aprendido nas suas relações

*humanas* com o mundo, por isso “a atividade em imediata sociedade com outros etc., tornou-se um órgão da minha *externação de vida* e um modo da apropriação da vida *humana*” (MARX, 1844; 2004, p.109). Nas suas relações com o mundo, em atividade com outros, constrói-se o homem por meio da riqueza objetivamente desdobrada da essência humana, da qual se apropria como sensibilidade *humana* subjetiva. É assim, por mediação e em interação social que um ouvido torna-se musical, um olho aprende a beleza da forma, “em suma as fruições humanas todas se tornam *sentidos* capazes, sentidos que se confirmam como forças essenciais *humanas*, em parte recém cultivados, em parte recém engendrados” (MARX, 1844; 2004, p.109).

Marx diz que a formação não só dos cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor), quer dizer, o sentido *humano* ou a humanidade dos sentidos vem a ser primeiramente pela “natureza *humanizada*” (MARX, 1844; 2004, p.110).

Não cabe no espaço deste trabalho desenvolvermos estudos mais profundos acerca da concepção de natureza: a) como natureza exterior referente às leis naturais, ou seja, a natureza ainda não dominada pelos homens, e b) natureza modificada pela história, ou natureza humanizada como estado que procede ligado à história humana.

Importa, entretanto, destacar que o *ser* do homem deve corresponder à sua essência; isto exige que busquemos a clareza dessa premissa e, para isso, que analisemos “os homens em sua conexão social dada, em suas condições de vida existentes, que fizeram deles o que são” (MARX e ENGELS, 1845-1846; 1976, p. 69).

Busquemos então os homens reais, sua ação e suas condições de vida, tanto aquelas por eles encontradas, como as produzidas por sua própria ação. São eles que nos fornecerão a prova da identidade humana pressuposta até aqui.

Por ora, a hipótese é a de que o conteúdo das entrevistas das duas alunas, já relatado anteriormente, é um sinal de identificação humana, passível de ser investigada para se chegar ao processo que lhe deu concretude.

## CAPÍTULO II

### **SOBRE O MÉTODO PARA O ESTUDO DO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE HUMANA**

No capítulo anterior, denominado **Identidade Humana**, expusemos o referencial teórico da presente pesquisa.

Ao designarmos este capítulo como **Sobre o método para o estudo do processo de constituição da Identidade Humana**, de fato, vinculamo-lo ao capítulo anterior, de forma a completá-lo, ou seja, aqui tratamos de corresponder às concepções teóricas as vias de nossas investigações.

Como diz Engels (MARX e ENGELS, s.d., v.3, p. 171), “tudo que põe os homens em movimento tem necessariamente de passar por suas cabeças; mas a forma que adota dentro delas depende muito das circunstâncias”. Assim, entendemos que tudo que passa pelo cérebro dos homens e os faz agir resulta de relações com as diferentes produções humanas que se encontram no mundo exterior e que podem ser vistas, ouvidas, queridas, pensadas etc.

Falta-nos, portanto, trabalhar com esse homem, tal como o concebemos sob a categoria da identidade humana em Ciampa. Trabalhar com o processo de efetividade humana articulando-o a nossa visão, vendo e ouvindo homens de carne e osso falarem sobre suas vidas; examinar esse “material”, tendo por critério localizar o pensar e o ser *humano*.

Suscitar narrativas de histórias de vida de indivíduos é, no nosso entendimento, suscitar o conteúdo desse fenômeno que se encontra como existência subjetiva do que viveram. Do ponto de vista do método de pesquisa, suscitar histórias de vida implica tornar objetivo o desenvolvimento de

consciências ou, como diz Vigotski (1998, p. 99), “*tornar objetivos os processos psicológicos interiores*”.

Presenciamos uma expressão dessa objetividade dos processos psicológicos no chamado “sinal” de revolução por nós exposto no prefácio deste trabalho e, por causa dele, buscamos evidenciar outros “sinais”.

Acreditamos que a categoria identidade humana, como “metamorfose” (CIAMPA, 2005) pode ser explicitada com o estudo das narrativas das alunas. Como a intelectualidade pode evidenciar a identidade humana exposta, por exemplo, naquela conversa sobre teoria política; portanto, marca da essência humana como consciência. E também como uma prova de que tal componente não se desenvolve espontaneamente no homem, muito menos no homem isolado dos alcances sociais.

Assim, acreditamos que somente podemos compreender radicalmente esse fenômeno encarando suas articulações, sua dinâmica, seu processo de gênese e decadência, ou seja, por meio de um estudo proveniente da forma dialética de investigação.

É neste sentido, o da abordagem dialética, que investigamos a identidade de duas alunas universitárias, e é dessa mesma maneira que nos esforçamos por conduzir os procedimentos da pesquisa e a defesa da tese de que a identidade humana é imanente, inerente, inseparavelmente contida no processo que movimenta, de forma histórica e transitória, o que é essencial ao homem.

Encontramo-nos, dessa maneira, filiados à compreensão da identidade humana como *marca* (CIAMPA, 2005) por onde se reconhece uma humanidade, da qual o ser se constitui no processo das possibilidades (objetivas e subjetivas) de sua realidade concreta. Entretanto, não é fácil traduzir esse processo dialético no encaminhamento de nossa pesquisa, aliás, isso é sempre o desafio em relação à “propriedade científica” (HELOANI e LANCMAN, 2004, 86) de qualquer pesquisa nessa área do conhecimento.

Sem ainda tratarmos especificamente dos procedimentos da nossa pesquisa, queremos ressaltar que, na nossa compreensão, a opção de análise de histórias de vida de homens individualmente não significa adesão a uma abordagem que se limita ao micro, ao indivíduo isolado da sociedade. Ao contrário, abordamos cada história de vida atentos ao caráter derivado da

consciência humana, por isso a importância da teoria marxiana ao estudarmos histórias de vida, posto que lá a consciência de cada homem é concebida como existência subjetiva da sociedade; o homem mesmo, por mais que seja um indivíduo, distinto, específico, singular, particular, é, na mesma medida, a manifestação comunitária de vida, realizada simultaneamente com outros, o que configura cada homem como um indivíduo e “uma coletividade efetivo-*individual*” (MARX, 1844; 2004, p. 108).

Esta é a razão de trazermos estampado no prefácio desse trabalho a ilustração da consciência das alunas para o de estudo do fenômeno da identidade humana. Ou seja, como hipótese de que, se conversam sobre diferentes teóricos da história humana e relacionam a força que aqueles homens tinham em suas vidas como possibilidades para si mesmas, o fazem a partir do momento em que frequentam aulas, lêem, interagem com professores; frequentam, na verdade, um conteúdo humano que está posto socialmente e que se movimenta nas relações que estabelecem com elementos próprios do curso que fazem.

Consideramos o homem individual, ou sua história de vida, portanto, sob o prisma da sua constituição dialética pressuposta no movimento das relações sociais e suas implicações com a atividade e a consciência como fundamentais para a compreensão do indivíduo (LANE, in CIAMPA, 2005). Consideramos também que as histórias de vida, material de nosso estudo, podem ser de indivíduos particulares, de épocas e datas específicas. Podem mesmo pertencer a uma forma determinada de sociedade (capitalista), pois o ponto de vista é o que revelam sobre a identidade humana.

De nossa parte, a intenção de suscitar narrativas de histórias de vida surgiu filiada ao fato de ouvirmos uma linguagem, ou uma conduta, sendo usada por alunas e que, para nós, significou um caso de identidade humana a ser investigado. Assumindo-o como ponto de partida, obviamente assumimos uma forma superior de pensamento como referência de identidade humana, mas é também evidente que a particularidade do processo de desenvolvimento intelectual exige métodos e modos de investigação peculiares.

Podemos considerar o momento daquela conversa das alunas sobre Teoria Política como um momento (uma parte) do processo de suas vidas tomado como totalidade. O que, para nós, indica que investigar o caso em

pauta por meio da narrativa da história dessas vidas é um modo de abordar o problema da constituição da identidade humana.

De acordo com Heloani e Lancman (2004, p. 86), “toda a história de vida pode ser identificada como uma categoria particular de estudo de caso” - um tipo de pesquisa qualitativa que estuda com profundidade uma organização, um grupo de pessoas, uma família ou simplesmente uma pessoa.

Para o caso da presente pesquisa precisamos das narrativas das histórias de vida das alunas e também da história do Curso para compreendermos quais relações foram estabelecidas, em que condições e como se deram, em relação à consciência alcançada; poderíamos dizer que se trata de uma pesquisa qualitativa que estuda uma relação social acadêmica.

Considerando a história de vida das alunas ou do Curso como narrativa de uma totalidade de relações de um universo vivencial, das quais podemos nos aproximar, podemos também abordá-las como meio para a procura dos fatores determinantes do desenvolvimento atual das alunas.

Definimos como objetivo geral da presente pesquisa desenvolver um estudo sobre o processo de constituição da identidade humana, tendo por base a identidade de duas alunas universitárias. Para tanto, classificamos como objetivos específicos, respectivamente, investigar e reunir material que possibilite a articulação de fatos, acontecimentos, ideias e representações do modo de vida e do modo de ser das alunas no que se refere às suas relações nas diferentes esferas sociais, a fim de reconhecer e explicar os fatores de desenvolvimento humano, entendidos como aqueles que proporcionaram a elas “metamorfoses”, localizadas no processo de alcance do referido desenvolvimento.

Diante da possibilidade das alunas narrarem como resultaram no que são hoje, consideramos a entrevista não diretiva como um instrumento de investigação importante do ponto de vista da possibilidade de suscitar histórias de vida. Isto porque, na nossa opinião, significa suscitar a existência humana que se encontra subjetivamente pensada e sentida e por isso mesmo pode ser narrada e formalizada como fonte de estudo da constituição da identidade humana.

A história de vida é, pois, considerada um instrumento de transmissão de conhecimentos por via oral, que uma vez registrado, permanece através do

tempo como documento (QUEIROZ, 1987). Por meio de entrevistas, procuramos provocar as produções das narrativas das alunas Bia e Maria de Lurdes de modo que gerassem, concatenadamente, a história de suas vidas. Para tanto, foram realizados alguns encontros. O primeiro foi marcado com as alunas juntas, numa das salas de aula do curso de graduação em Serviço Social. Foi um início de diálogo em que as alunas fizeram perguntas a respeito da presente pesquisa. Situamos o tema e os objetivos da pesquisa, isto é, a formação humana com foco na identidade de alunos universitários. Referimo-nos à teoria de Ciampa como base de nossa pesquisa.

As alunas conheciam a obra de Ciampa, **A estória do Severino e a história da Severina**, falaram isso com admiração, e esse fato trouxe mais proximidade. Passamos a ter uma comunidade de conhecimentos por meio da qual nos elevamos para além de entrevistador e sujeitos de pesquisa em polos separados. Elevamo-nos a um patamar de unidade nessa produção científica, apesar de estarmos em funções diferentes. Com satisfação, as alunas se dispuseram a planejar os dias e horários dos encontros para as entrevistas, autorizando a gravação de suas narrativas e fornecendo números de telefones para nosso contato.

“Fale sobre sua vida” foi a expressão que utilizamos como marco da realização de uma sucessão de entrevistas voltadas a registrar as narrativas de suas vidas, maneiras de agir e pensar no decorrer do tempo até aqui. Transmitido por via oral, fomos reunindo material narrativo sobre a história de suas vidas. Podemos dizer que redigimos um documentário sobre a vida humana que, uma vez anexo à pesquisa, guardará a história desse fenômeno sob o prisma de sua expressão na individualidade dessas alunas.

Valemo-nos, dessa forma, da entrevista do tipo “não-diretiva” sob as concepções de Guy Michelat e em suas formulações acerca desse instrumento. Esse autor considera a entrevista do tipo “não-diretiva” como instrumento de investigação e análise dos fenômenos sociais, sendo, por isso, um meio ao qual recorreremos na fase inicial da pesquisa dedicada à exploração do fenômeno da identidade dessas alunas universitárias.

Supondo um continuum de relatos orais por parte das alunas, operamos com a entrevista tipo “não-diretiva”, sem roteiro, porém, na verdade, o seu caráter investigativo se conservou como desafio à nossa habilidade em captar

com todas as minúcias o que consideramos significativo para o reconhecimento da identidade humana, sua forma de geração e desenvolvimento. Apesar da denominação “não-diretiva”, as entrevistas emergiam de um planejamento nosso. Portavam, portanto, uma direção sob procedimentos sistemáticos, direção esta que pressupunha que, livres para narrarem o que e como quisessem, isso já se constituiria como dado; ou seja, os conteúdos, a sequência, as ênfases e silêncios são também objetos de análise..

Combinadas para horários próximos do início das aulas, realizamos as entrevistas, que foram gravadas, em média com quarenta minutos à uma hora cada; três com cada aluna e três com as alunas em conjunto. Essa fase das narrativas foi sistematizada e, numa primeira análise, sob o ponto de vista do desenvolvimento de alguns conceitos observados nas narrativas das alunas, percebemos a importância e a necessidade de elucidarmos determinadas expressões e opiniões das alunas.

Por isso, também realizamos dois contatos por correspondência, os quais objetivavam que as alunas retornassem a alguns aspectos de suas narrativas anteriores. Podemos considerar esses contatos como entrevistas recorrentes, uma com cada aluna, de modo a complementar alguns relatos. Entendemos a entrevista recorrente como um procedimento inerente ao modo de investigação que assumimos, também como importante componente do método dialético com o qual abordamos a história de vida abrangendo períodos temporais diversos e, assim sendo, “alguns aspectos são mais recorrentemente ressaltados” (LEITE e outros, 2004, p.22).

O número de entrevistas, de certa forma, foi determinado no decorrer da produção das narrativas que revelavam quão complexo e articulado é o movimento da existência humana, dificultando o momento de conclusão da investigação. Em todo caso, acreditamos que não é o número de entrevistas que qualifica a suficiência da investigação e sim o conteúdo da produção. No nosso caso, detivemo-nos no número citado acima porque alcançamos significativa produção.

As condições de realização das entrevistas foram determinadas também pelo escasso tempo das alunas entre os horários de trabalho profissional e de graduação. As entrevistas foram realizadas em dias e horários nos quais as alunas normalmente reservavam ao projeto de iniciação científica, leituras e

tarefas do curso de graduação. Apesar de planejarmos que os encontros fossem em salas destinadas às aulas da graduação em Serviço Social da PUC/SP, acabamos também realizando gravações de narrativas em outros lugares da PUC/SP ou de seus arredores. Após a realização de cada entrevista transcrevíamos os relatos. Em seguida, ouvíamos algumas vezes esses relatos, ao mesmo tempo em que líamos o seu conteúdo já transcrito. Com esse procedimento procurávamos garantir tanto o domínio do conteúdo das narrativas em relação aos objetivos da pesquisa, quanto a coordenação das narrativas, possíveis retornos a fatos ou questões narradas pelas alunas com maior ênfase.

Nosso objetivo em investigar a “intelectualidade” apresentada pelas alunas confrontou-se com um fator de extrema relevância em sua constituição identitária: o Curso de Serviço Social da PUC/SP.

Nossa perspectiva de conduzir a pesquisa pautada no método dialético agora convivia com a dinâmica da recíproca transformação entre homem e circunstâncias. E não poderíamos fazer que não vimos “algo novo e relevante” sob pena de perdermos justamente o caráter da dialeticidade desse movimento humano. Cairíamos em condições estáticas, perderíamos a dinâmica do processo; parodiando a metáfora utilizada por Engels (1878; 1979), obcecados pelas árvores, não conseguiríamos ver o bosque.

Nosso objetivo geral continuou centrado no estudo do processo de constituição da identidade humana. Todavia, os objetivos específicos se movimentaram também a uma outra esfera social, pois percebíamos a influência e as determinações incisivas na formação das alunas com indicadores de conscientização. Entendendo essa elevação da consciência como movimento revolucionário do pensamento, ao rigor do método dialético, não poderíamos perder de vista as conexões e os canais comprometidos com essa transformação.

Assim, encorpamos a pesquisa com objetivos específicos relacionados à análise do Curso de Serviço Social da PUC-SP. Firmados primeiramente em realizar entrevistas com representantes desse curso e reunir material documental, esses objetivos pautavam-se em constituir informações relativas à história do curso, projeto político-pedagógico, currículos, programas, corpo docente, perfil do aluno, bem como levantar dados sobre as atividades do

curso, conteúdos das disciplinas, trabalhos realizados, relações estabelecidas com professores, desenvolvimento de pesquisa de iniciação científica etc.

Focalizando outras fontes de informação, realizamos dois encontros com coordenadores do Curso de Serviço Social da PUC/SP e um encontro com professores e alunos, inclusive com a nossa participação em uma aula de um dos Núcleos Temáticos que compõem sua grade curricular.

Também reunimos material documental bastante rico em informações sobre o curso em pauta, contendo sua história, seus projetos político-pedagógicos, sua estrutura curricular, seus programas de disciplinas.

Realizamos leituras e fichamentos de várias obras, publicações de estudos e debates em torno da história desse curso. Trabalhamos com as leituras e os fichamentos tendo em mira apreender as conquistas históricas do curso, sintetizadas em seu projeto político-pedagógico vigente, bem como visualizar as bases teórico-práticas potencialmente promotoras do desenvolvimento humano de seus alunos.

Assim, articular a análise da história da organização atual do curso, as atividades desenvolvidas e os conhecimentos veiculados no decorrer dos dois anos cursados pelas alunas, passou a ser, na sequência da pesquisa, um meio da pesquisa.

Certamente, vislumbramos outros objetivos que, queiramos ou não, emergem das possibilidades de investigar a relação entre ensino e formação humana. Porém, mesmo sendo esta a dinâmica da forma dialética de investigação, consideramos que a presente pesquisa guarda os limites propostos que marcam o estudo do processo de constituição da identidade humana por meio de um dos seus fatores – o ensino superior.

Temos como certo que todo esse percurso apresentado é um processo e, como tal, está sujeito a mudanças e transformações, se entendido em seu caráter de vir-a-ser, circunscrito nas possibilidades concretas de sua realização. Tal como afirma Engels (s.d., p. 195), devemos ter “a consciência de que todos os resultados que obtemos serão necessariamente limitados e estarão condicionados às circunstâncias em que os obtemos”. Embora apresentemos algo elaborado, colocamo-nos na dependência da dialética a que Engels se refere, cujo caráter de vir-a-ser permite (sob novas condições) um continuum de elaboração.

## CAPÍTULO III

### OS SUJEITOS DA PESQUISA E SUAS NARRATIVAS

Com o presente capítulo objetivamos apresentar os sujeitos desta pesquisa e, ao mesmo tempo, focalizar suas histórias, como base da análise da identidade humana dali procedente. Condicionados a essas finalidades, optamos pelo seguinte direcionamento: nós os apresentamos e, em seguida, cada um deles continua essa apresentação, ou seja, narram-se. Por meio dos dados e informações expostos nessas narrativas teceremos nossas considerações à luz da concepção de homem sócio-histórica e de identidade como processo de metamorfose, segundo a teoria de Ciampa.

*Bia*

De pele clara e medidas em torno de 1,60m de altura, e 50 quilos, Bia tem 24 anos de idade. É solteira e mora em Guaianazes/SP, com os pais e dois irmãos. Trabalha, durante o dia, como operadora de telemarketing no atendimento a cartão de crédito. É aluna do Curso de Serviço Social da PUC/SP, segundo ano; tem Projeto de Iniciação Científica sobre as condições de trabalho do assistente social na saúde pública. Também faz psicoterapia, obtendo o que chama de conhecimento que tem de si. Considera muito importante esses dois fatos em sua vida: a psicoterapia e o Curso de Serviço Social na PUC/SP. Segundo Bia, antes desses acontecimentos, na periferia, não tinha perspectiva de vida. Tem amizades, uma delas é o ex-namorado. Para Bia, a vida é muito curta e passa tão depressa que quer aproveitar todo momento que tiver. Quer curtir tudo o que puder, quer viver.

Para a realização de nossos encontros e entrevistas, ocupamos de Bia horários tomados com tarefas do Curso de Graduação, horários do seu lanche, jantar e ainda alguns de seu descanso, na carteira, um pouco antes do início das aulas noturnas. Mas a disposição de Bia sempre superou o tempo escasso. Procedemos com as gravações de suas narrativas geralmente nos finais de tarde, no intervalo do tempo entre o trabalho na empresa de telemarketing e as aulas. Também realizamos encontros e entrevistas enquanto lanchávamos, inclusive num dos corredores da PUC/SP, antes do início das aulas, e por correspondência.

## FAMÍLIA DE ORIGEM

Ao iniciar a narrativa de sua história de vida, Bia refere-se a sua chegada à faculdade; em seguida reporta-se ao lugar onde nasceu e relata como entende o porquê da saída do pai do lugar de seu nascimento.

*Sobre a minha vida? Começa assim minha história: Como eu cheguei à faculdade? Sou pernambucana. Nasci em Pernambuco. Meu pai veio para cá, para São Paulo tentar arrumar um emprego porque se falava muito, e a gente estava passando um momento difícil. Hoje é que eu entendo; naquele tempo eu não entendia, mas acho que naquele tempo já começou, sabe aquilo da industrialização? Porque no campo já não se plantava mais, então a gente plantava e a gente vivia do que a gente plantava, mas já não estava plantando mais tanto, as pessoas já foram procurar outras coisas para fazer; por exemplo, costurar roupas. Já não viviam mais só da plantação porque no nordeste tem um período de seca, naquele período de seca não tem nada para plantar porque não chove, não vai dar nada a terra.*

É interessante notar que Bia inicia sua narrativa a partir da condição de aluna da universidade; entretanto, para tal decide retroceder às suas origens, de filha de nordestinos que sofrem com a seca e, como tantos outros, vêm buscar em São Paulo condições melhores de vida.

Ao falar sobre sua origem, Bia diz sobre as condições da família no campo nordestino. Mostra uma realidade de dificuldades que obriga a família a se mobilizar e pensar saídas para as situações de penúria.

Já nesse relato, Bia aponta para um esforço analítico, explicitando interpretações sócio-econômicas como tentativa de compreender o processo vivido por sua família. Continua ela, buscando o entendimento das condições familiares a partir dos determinantes econômicos. Pode-se falar, aqui, na busca de elementos que compõem sua consciência social e de classe, como condição para uma consciência de si (LANE, 2004).

*Hoje até converso quem são os grandes latifundiários e tudo mais. Eles têm recursos para fazer o solo, para irrigar o solo e estar plantando o ano inteiro. Mas quem tem um pedaço de terra tem que esperar o tempo para chover, deixar o solo fértil, esperar novamente o tempo de colher... Quem não tem dinheiro tem que se virar. A gente passava essa dificuldade porque não tem o que plantar, não tem o que colher, vai fazer o quê? Ou plantou o ano inteiro, esperou nascer, mas morreu porque não choveu, nem nasceu. O meu pai veio para cá, e nós estávamos lá. A minha mãe, tínhamos só eu e meu irmão, e ela estava grávida da minha irmã pequena.*

A família é separada: o pai, provedor, vem para São Paulo e a mãe grávida com filhos pequenos lá permanece.

Bia expõe a situação em que sua mãe se vê no nordeste com o dinheiro que seu marido mandava de São Paulo. Mostra a idéia que tinham da vida que seu pai levava em São Paulo, fonte de emprego.

*Minha irmã nasceu, e o dinheiro que meu pai mandava não era suficiente para a gente ficar lá e ela [a mãe] sustentar a gente. Ela falou: “Não! Vou para São Paulo também e a gente vai ficar lá, e lá a gente fica”. (...) Ela escreveu para o meu pai: “Como é que estão as coisas aí? Como é São Paulo?”. E o pai: “Eu estou trabalhando bastante”. Mas a gente pensava que as condições de vida dele estavam melhores que a da gente.*

Explica a mobilização da família em função do “emprego” em São Paulo. Como tantos outros nordestinos, o sonho do “sul maravilha”, pleno de emprego, esconde outras vicissitudes: as precárias condições de vida, o trabalho extenuante, o preconceito.

*Porque meus pais são analfabetos, quando meu pai veio para cá foi aquele período que tinha emprego. Podia ser analfabeto, mas tinha emprego, tinha muito emprego mesmo. Foi um período que tinha muito emprego porque estavam precisando de mão de obra aqui em São Paulo. Tanto que foi naquele período que veio um pessoal lá do nordeste, foi nesse período que aconteceu; então, ele conseguiu emprego. Hoje ele já não consegue mais emprego sendo analfabeto. Hoje ele já não consegue mais emprego. A minha mãe falou: “Vamos para São Paulo”. E quando nós chegamos aqui ele não tinha nada, não tinha onde morar, não tinha nada. E a gente ficou sem saber o que fazer.*

Bia relata o encontro da família com um modo de vida, que explica as dificuldades da cidade de São Paulo para aqueles que vêm em busca de trabalho, com tantos sonhos; a realidade cedo se mostra com todas as suas contradições. Nessas condições, a solidariedade entre parentes e amigos torna-se um sustentáculo para o enfrentamento das dificuldades.

*Nós fomos para a casa de um conhecido da gente (...). Minha mãe ficava muito assustada, começava a chorar a noite inteira porque escutava tiroteio, era violento lá o lugar, e a gente não estava acostumado com isto. (...) Então ela não queria deixar a gente sair, ela ficava assustada com isto, e o meu pai já estava aqui há um bom tempo, estava mais acostumado. A minha mãe falou: “Eu não quero mais ficar aqui”, nós ficamos um bom tempo lá.*

A realidade mostra rapidamente todas as facetas. Migrantes têm que morar em condições precárias, em bairros distantes, onde a violência é mais escancarada.

Mostra, assim, que a família enfrenta um novo modo de vida, diferente do anterior, no nordeste.

*Nós fomos morar com uns parentes do meu pai. Moramos uns tempos lá (...), depois a minha mãe falou: “É melhor a gente arrumar um canto para gente ficar”, achava que estava incomodando. Nós fomos morar em [nome do bairro]. Eles arrumaram uma casinha pequena. Os parentes do meu pai conheciam uma pessoa que tinha uma casinha para alugar e nós pegamos, a minha mãe alugou esta casa, meu pai também. Só que era muito difícil a vida, não era fácil e a minha mãe sempre falava: “O que eu vim fazer aqui? Não sei o que eu vim fazer aqui”. Porque era muito difícil, muito difícil mesmo.*

Distante do lugar onde nasceram e viveram, o enfrentamento de uma nova realidade, plena de novidades quase sempre ruins, torna-se um pesado fardo, ainda que com a garantia, mínima, de sobrevivência física da família.

Os referenciais expostos por Bia revelam intercâmbios por meio dos quais a história da família se delineia. Também mostram sua mãe e seu pai substituindo o descanso pela construção da casa própria nos finais de semana.

*A minha mãe conhecia uma mulher que tinha algum envolvimento político, e tinha um terreno lá em [nome do bairro] que era um lugar bem grande, terreno da Prefeitura (...). Ela conseguiu o pedaço de terra para minha mãe, e a minha mãe e o meu pai construíram a casa. Quando a gente estava morando na casa de aluguel e eles estavam construindo, chegava o final da semana, eles iam lá para construir (...). Todo mundo fala: “Ah é favela”. É favela mesmo, mas era o único lugar que tinha para morar.*

Da infância, Bia relata experiências que, em meio a tantas dificuldades, permitiram a vivência da infância, com brincadeiras e jogos criados a partir da realidade que estava dada.

*Eu gostava porque o morro era grande, era barro; eu descia aquilo com pedaço de papelão, escorregando (...). E os meus pais ficavam lá trabalhando, tentando arrumar a terra; tinham que deixar um pouco plano para construir a casa. Deu muito trabalho porque imagina o morro, você deixar plano para construir a casa.*

Frente às necessidades da família em São Paulo, mostra a mãe a tomar decisões, procurando acelerar a história, antecipando fatos para satisfazer as necessidades imediatas, enfrentando as dificuldades cotidianas.

*Chegou um dia que não tinha reboco a casa, não tinha nada, era telha, não tinha nada. A minha mãe falou assim: (A minha mãe é meio doida) “Eu não vou ficar mais aqui morando de aluguel; eu vou para minha casa”. Ela pegou a gente, pegou as coisas, e a gente estava tudo feliz lá, indo para casa da gente. Tudo feliz: a casa nova. O pai chegou à noite do trabalho e a gente já estava lá. Não tinha água, não tinha luz, nada disso. A luz, depois de um tempo, a gente fez gambiarra, que o pessoal fala. Água, a gente tinha que pegar de um poço longe, era difícil também.*

Ao recordar a chegada em São Paulo, Bia explica como entende as diferentes relações que passaram a viver. Mostra-se aqui a busca de compreensão da realidade vivida, estabelecendo mediações teóricas que permitem um entendimento mais articulado e sintético.

Percebe-se claramente que, aqui, Bia recorre aos conteúdos aprendidos e discutidos nas aulas como meio para compreender sua própria história. Certamente, configura-se, nesse caso, uma metamorfose emancipatória, produzida pelo encontro entre sua história e recursos teóricos propiciados pelo curso que frequenta. Ainda que Marx seja citado de maneira pouco aprofundada, não há como negar a incorporação de algumas de suas idéias ao cabedal de análise de Bia.

*Eu era pequena, não lembro direito, minha mãe ficava muito assustada, começava a chorar a noite inteira porque escutava tiroteio, era violento lá o lugar, e a gente não estava acostumado com isto. Porque a pessoa que vem praticamente da roça que não tem nada disso, você chega aqui em São Paulo, você vive uma coisa totalmente diferente do que você está acostumado. A gente trabalhava, mas não trabalhava nesse sistema de produção até, que Marx fala, de linhas de montagem, não era isso. Você trabalhava para plantar e para colher e para viver, mas não era dessa forma, no sentido de enricagem, ganhar dinheiro, não era isso de capitalismo. Quando a gente chegou aqui, a minha mãe chorava a noite inteira porque ela se assustou com isto, tiroteio e*

*muita violência. Então ela não queria deixar a gente sair, ela ficava assustada com isto, e o meu pai já estava aqui há um bom tempo, estava mais acostumado.*

Nessa fala, Bia mostra que a incorporação de algumas idéias de Marx contribui para sua análise, permite que ela compare, critique os fatos enquanto os descreve.

Minutos atrás, quando Bia disse: “Começa assim minha história: como eu cheguei à faculdade?”, realmente enfatiza o que nessa narrativa expõe: um processo de metamorfose, cuja gênese se encontra na chegada a uma interação com as vivências propiciadas pelo Curso de Serviço Social da PUC/SP, iniciado no ano de 2006. Portanto, um processo que se movimenta há dois anos.

A fala de Bia apresenta uma fundamentação que lhe possibilita comparar distintas formas de trabalho, no campo nordestino e na cidade grande, situar o trabalho do pai em São Paulo, implicado com linhas de montagem e sistema de produção. Expõe, portanto, uma forma de analisar a realidade que integra conhecimentos que fazem parte do currículo do Curso de Serviço Social da PUC/SP, constante do atual Projeto Pedagógico, uma atualização para o ano de 2006.

De acordo com seu ementário, as disciplinas ou espaços pedagógicos (Oficina de Formação I e II, Fundamentos Histórico-Teórico-Metodológicos do Serviço Social I e II e Trabalho e Questão Social I) do Curso, priorizam conteúdos como:

- o estudo e identificação das expressões da questão social particularizadas no processo de desenvolvimento sócio-histórico da metrópole de São Paulo, com ênfase nas desigualdades sociais e diversidade territorial e composição das classes sociais e dos seus efeitos e dilemas contraditórios presentes na totalidade do espaço urbano;
- industrialização, urbanização e surgimento de novos sujeitos políticos. Nacionalismo e desenvolvimento e a inserção dependente no sistema capitalista mundial;
- a questão social compreendida na contradição capital/trabalho no interior do interesse das classes sociais. O trabalho como categoria fundante do ser social em suas dimensões ontológica e teleológica. Processo de trabalho e processo de valorização na produção de valor e mais-valia. Trabalho produtivo e improdutivo. A acumulação flexível e desafios para a classe trabalhadora e sua relação com a profissão e o profissional em sua condição de assalariamento.

É possível perceber, no processo de desenvolvimento da consciência de Bia, a experiência vivida como aluna de um curso que tem em seu Projeto Pedagógico a intenção explícita de desvelar a realidade a partir de uma base teórica que concebe a sociedade a partir de um dado referencial teórico. Percebe-se isso na forma como narra sua realidade e de como vê o trabalho de seu pai no âmbito das relações sociais de produção, e a situação da família na dependência do salário do pai.

*Aqui você tinha que trabalhar numa linha de produção; meu pai trabalhava como metalúrgico, era torneiro mecânico. (...) Sabe o toyotismo, que você vai apertar o parafuso? Vai lá apertar o parafuso e outro. Então você não precisa saber ler para apertar o parafuso. Só precisa apertar o parafuso. Outra pessoa que sabe ler, que sabe escrever, ela vai pensar por você. Era isso, era desse jeito, só que como que você vai questionar isso? E dizer: "Não", se você precisa comer? Se você precisa viver? Isso é uma questão de sobrevivência. Não vou contar minha vida linearmente, vou falando, depois eu vou falando também sobre o que eu penso, como eu penso. Nós viemos para cá para São Paulo (...). Só que só o meu pai trabalhava, nós três pequenos, uma irmã pequena, um irmão pequeno, eu pequena. O que o meu pai ganhava mal dava para viver. Não dava para viver mesmo. O que o meu pai ganhava só dava para pagar o aluguel, pagar a água e pagar a luz. Para comer? Mal dava para comer, não dava para comer direito.*

Nessa fala, Bia, ainda que sem se utilizar de expressões propriamente acadêmicas, demonstra compreensão das contradições de classe: a venda da força de trabalho no modo de produção capitalista que, em última instância, apenas garantia a sobrevivência precária da família, a reprodução da força de trabalho, necessária para a manutenção das relações de produção nesse sistema.

Bia narra como o pai, a mãe e ela própria, ainda criança, assumem determinadas funções, necessárias para a sobrevivência física e psicossocial da família, já que a permanência em São Paulo era inevitável.

*Onde meu pai trabalhava tinha aqueles marmiteix, Sabe aqueles marmiteix que tem e que na hora do almoço davam para os funcionários – marmiteix, para eles comerem? Tinha pessoas que não comiam marmiteix, então o que meu pai fazia? Meu pai pegava os marmiteix e levava para casa para a gente comer. Foi um período tão difícil que a minha mãe conta muito isso, que tinha dias que a gente não fazia refeição de tomar café, almoço e jantar, a gente esperava o meu pai chegar com os marmiteix para comer. Porque não tinha o que comer e não tinha como voltar, porque não tinha dinheiro para voltar.*

A mãe, como a maioria das mulheres migrantes, sai em busca de trabalho que, quase sempre, se enquadra no trabalho doméstico, típico da informalidade da economia. Mas, mais do que isso, demonstra a força e a disponibilidade desta e de tantas outras mulheres que enfrentam as contradições e dificuldades da cidade grande.

*Então? O que a gente ia fazer? A minha mãe começou a trabalhar também. Começou a trabalhar de faxineira em um hospital, e eu era pequena, mais ou menos 8 anos, 7 anos. Ela começou a trabalhar e eu cuidava da minha irmã que era pequena, limpava a casa e depois ia para a escola. Eu até comento que era difícil para uma criança cuidar de outra criança porque minha irmã era recém-nascida. Cuidar de uma criança sendo criança; eu não tive aquela coisa da infância.*

Nessa situação, outra realidade se apresenta: o trabalho infantil. Bia, menina ainda, na idade em que deveria brincar e estudar, como direito de todas as crianças, via-se na condição de assumir a responsabilidade pelo cuidado dos irmãos. Como ela enfatiza: “*eu não tive aquela coisa da infância*”, direito de todos, mas só acessível a alguns.

Após reportar-se às suas origens e às condições sociais da família no período de sua infância, Bia retoma o pensamento com o qual havia iniciado sua história de vida.

*Foi um período muito difícil. Ontem eu estava conversando com um amigo meu, e eu estava falando para ele assim: “Eu não sei como que eu cheguei aqui na PUC. Eu não sei como que eu*

*consegui chegar. Eu só sei que eu estou lá”. Eu falei para ele: “Eu só sei que estou lá”. Às vezes, eu paro e fico pensando: “isso para mim é muito importante: estar aqui.” Mas não é importante só porque aqui é uma faculdade boa, é importante porque da condição social que eu venho eu não estaria em nenhuma outra faculdade. Não é só aqui na PUC, eu não tenho como pagar nenhuma outra faculdade. Pode ser uma UNIESQUINA como o pessoal fala, mas eu não tenho como pagar a UNIESQUINA. Para mim, isto é muito importante. Estar aqui para mim é algo que eu não sei explicar como que eu cheguei, eu só sei que eu cheguei.*

Nessa fala, Bia retrata o que significa para ela ter conseguido chegar à faculdade, especificamente à PUC/SP. O que normalmente acontece, para a imensa maioria dos jovens vindos das mesmas condições sociais que ela, é não ocupar uma vaga na universidade, qualquer que seja ela. Mostra que reconhece, por meio das condições sociais que relata, o caráter transformador do fato de chegar à uma universidade.

## **TRABALHO E ESCOLARIZAÇÃO**

Ao narrar os fatos a respeito de sua vida profissional, Bia se recorda de como entendia as relações de trabalho aos 15 anos de idade, expondo como compreende, hoje, aquele entendimento. Do trabalho e da responsabilidade assumidos em sua própria casa, logo ingressa no mercado de trabalho, muito provavelmente não regulamentado.

*Eu também comecei a trabalhar nova, com 15 anos, numa loja de confecção de roupa. E lá, quando eu comecei a trabalhar, eu não tinha muito ideia, eu trabalhava porque eu precisava, e para mim aquilo estava ótimo. Eu não questionava nada. Eu não tinha noção, e nem essa crítica para questionar se o serviço era bom, se não era bom; eu obedecia e tentava fazer o melhor possível porque eu precisava muito daquele serviço. Eu fazia de tudo, eu ajudava a cortar, rematava, costurava, fazia tudo.*

Hoje tem consciência da exploração de sua força de trabalho e da condição de alienação a que estava submetida. Percebe-se claramente o salto de qualidade de sua consciência de si, social e de classe, o que configura certamente um processo de metamorfose. E explica sua posição diante da atividade profissional atual, ainda submetida à exploração, à condição de trabalhado alienado, embora consciente dos determinantes e condicionantes dessa situação.

*Como vejo o meu trabalho [hoje]? Eu acho esta pergunta um tanto quanto complicada de responder, já que este trabalho é dividido em partes, eu não gosto de trabalhar como operadora de telemarketing, mas como eu preciso trabalhar não tem como ficar escolhendo o que vou fazer, principalmente quando o trabalho é uma questão de sobrevivência.*

Bia relata a forma como se vê atualmente, no desempenho de seu trabalho na empresa de telemarketing. Relaciona sua capacidade individual com o salário que recebe e mostra como compreende a relação patrão-empregado nesse modo de produção. Entretanto, ainda que conhecedora do processo de produção no capitalismo, às vezes faz afirmações ainda ingênuas, não reconhecendo as contradições e as possibilidades de superação que fazem parte da realidade em que vive.

*Às vezes, me vejo em um grande dilema: ao mesmo tempo em que eu sou contra o capitalismo, eu participo dele. Sou bastante explorada e minha capacidade não é valorizada; na empresa onde eu trabalho os meus chefes não estão interessados em saber quais são meus sonhos, meus objetivos de vida, como eu consigo sobreviver com o baixíssimo salário que recebo. Eu acho que não recebo pelo que produzo, vejo-me como produtora desta mercadoria, mas parece que as coisas têm um fetichismo tão grande que é difícil lembrar de tudo isso todos os dias.*

Para expor sua inserção no mercado de trabalho, Bia revela seu modo de pensar a realidade atual, como expressão do modo capitalista de produção, embora ainda não expresse uma compreensão sintética e articulada da totalidade concreta. Mas é fundamental sublinhar que Bia alça um nível de

compreensão da realidade em bases críticas e gradativamente fundamentadas em teorias veiculadas no curso que faz.

*Como dizem alguns autores, este trabalho vai desumanizando as pessoas. Eu também acredito que é como dizia Marx, não é a minha consciência que determina o meu ser, mas o meu ser que determina a minha consciência. (...) Eu presto atendimento, por exemplo, a cartão de crédito, eu atendo: “Está com dificuldade”? E tudo mais. Mas isso é uma forma também de quê?, de mão de obra. (...) Para vender, não é? (...) você abre o jornal está lá: “precisa-se de operador de telemarketing”. Mudou, agora não é mais a faxineira, o pedreiro, a doméstica, agora é operador de telemarketing. É isso que está na moda precisar. Por quê? Porque é uma forma de mão de obra barata, você paga pouco e você lucra muito com isso. (...) Uma máquina, não é?*

A compreensão que Bia mostra quando relaciona a desumanização inerente ao trabalho que realiza como “máquina” operadora de telemarketing, a percepção de si nessa situação como “coisa” e a capacidade de subsidiar teoricamente seus pensamentos para falar do que acredita, são dados que articulam a compreensão de sua realidade com conteúdos teóricos desenvolvidos pelo currículo do curso do qual é aluna.

Para o ano de 2007, quando Bia se encontra no 3º período do curso, as disciplinas tornam-se fonte dos conhecimentos que se encontram nas narrativas de Bia. Entre os objetivos específicos da Disciplina Psicologia I, encontra-se: “propiciar uma leitura crítica na apreensão da subjetividade humana, problematizando a relação indivíduo-sociedade” e, para tanto, o programa dessa disciplina, que se compõe de três conteúdos<sup>1</sup>, aponta como Conteúdo II, “Psicologia Crítica – elementos para a compreensão da subjetividade: - Identidade, consciência e atividade, - A dimensão social do sofrimento; humilhação social e sofrimento psicossocial”.

---

<sup>1</sup> O programa da disciplina Psicologia I, sob a docência das professoras Chica Guimarães e Luciana Szymanski R. Gomes, apresenta como conteúdos a serem trabalhados: I – A psicologia: breve histórico, II – Psicologia Crítica – elementos para a compreensão da subjetividade, III – Instituições Sociais e constituição da subjetividade.

Como cronograma para trabalhar esse conteúdo<sup>2</sup>, estabelece:

Unidade II: Constituição da subjetividade, categorias e fenômenos psicológicos: identidade, humilhação social e sofrimento ético-político.

4ª aula – Projeção do filme: *O homem que virou suco*.

Identidade: Texto 4: *A Estória do Severino e a História da Severina*.

5ª aula: Texto 5: *Identidade* – Ciampa.

6ª aula: A dimensão subjetiva da desigualdade social: a humilhação social.

Texto 6: *Humilhação social – um problema político em psicologia* – Gonçalves Filho.

7ª aula: A dimensão subjetiva da desigualdade social: o sofrimento ético-político.

Texto 7: *O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão*.

8ª aula: 1ª avaliação.

É interessante notar que, pelos conteúdos expostos, trata-se de temas desenvolvidos no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social, da PUCSP, mais especificamente por Antonio da Costa Ciampa e Bader Burian Sawaia. Essa é uma dinâmica da organização didático-pedagógica do Projeto Pedagógico do ano de 2006, por meio da qual mantém a articulação com a Pós-graduação, fundamentalmente a partir das linhas de pesquisa<sup>3</sup>. Pode ser visualizado nesse projeto que o Departamento de Serviço Social: Fundamentos, apresenta-se com as seguintes linhas de pesquisa: Ética e direitos humanos; Formação profissional e currículo; Identidade e saberes; Trabalho, profissão e projeto profissional.

---

<sup>2</sup> Como bibliografia para os textos das aulas, apresenta: Texto 4 – Ciampa, A.C. **A Estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo, brasiliense, 1994. Texto 5 - Ciampa, A.C. **Identidade**. In: Lane S.T.M. & Codo W. (orgs.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo, Brasiliense, 1995. Texto 6 – Gonçalves Filho. **Humilhação Social – um problema político em psicologia**. In: Psicologia USP. Volume 9, número 2, 1998. Texto 7 – Sawaia, B. **O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão**. In: Sawaia, B. (org.) **As Artimanhas da exclusão – Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social**. São Paulo, Vozes, 1999.

<sup>3</sup> De acordo com o *Projeto Pedagógico do Curso de Serviço Social – uma atualização*, ano 2006, p. 38, as linhas de pesquisa se “delinearam com o redesenho organizacional da Faculdade de Serviço Social, cuja proposta é a reorganização de dois departamentos (Departamento de Serviço Social: Fundamentos e Departamento de Serviço social: Política Social e Gestão Social) alinhados aos *avanços da pesquisa, da produção teórica e da formação profissional, alcançados pela graduação e pela pós-graduação da área de Serviço social na PUC-SP e no país*. Nessa perspectiva, ganhou densidade o debate acerca das linhas de pesquisa da área do Serviço social, os grupos de pesquisa e os núcleos temáticos na articulação entre a graduação e o pós-graduação (...)”.

A compreensão que Bia mostra, situando-se no processo de reificação das relações sociais atuais, apresenta-se como objetivo previsto pela disciplina Fundamentos Filosóficos para o Serviço Social I<sup>4</sup>.

Enfatizando que “o eixo do curso, nos dois semestres, é o *homem*, entendido como ser de *práxis*, ser de *projetos* (...), portanto o ser da *práxis* é também o sujeito do conhecimento” (Programa de Disciplinas, ano 2007, 3º período, p. 1), essa disciplina propõe determinados conteúdos direcionados a “contribuir para que os alunos incorporem a reflexão filosófica em seu processo de conhecimento e crítica acerca da realidade sócio-histórica a partir de suas experiências concretas enquanto seres, potencialmente, de projetos” (Programa de Disciplinas, Ano 2007, 3º período, p. 2).

Para tanto, aponta desafios a serem enfrentados coletivamente, entre eles, “discutir a relação e a natureza ontológica e social das categorias trabalho e cultura, para apreensão da realidade atual enquanto processo histórico”, e como Conteúdo Programático – Quinta Unidade: A crítica marxiana à sociedade burguesa, a ser trabalhada sob os seguintes pressupostos teórico-metodológicos:

1. O método crítico dialético em Marx, 2. A base ontológica da teoria social, 3. As bases históricas da alienação, 4. A alienação do trabalho, 5. A alienação cultural, 6. A reificação das relações sociais no capitalismo monopolista, 7. História e contradição: humanização x desumanização.

Também o fato de Bia dizer: “*Eu também acredito que é como dizia Marx, não é a minha consciência que determina o meu ser, mas o meu ser que determina a minha consciência*” mostra que se concretiza nela o que na relação com o curso é um dos conteúdos (A teoria social de Marx) da área de Fundamentos Teórico-Metodológicos da Vida Social. Tal conteúdo pode ser localizado na estrutura curricular do Projeto Pedagógico da Faculdade de Serviço Social, ano de 2003, que vigorava, concomitantemente à rediscussão como projeto pedagógico do ano de 2006. Nesse ano, a partir do processo de avaliação diagnóstica do curso, a ementa da disciplina Teoria Sociológica I e II (136h), é assim apresentada:

---

<sup>4</sup> O Programa dessa disciplina é apresentado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Lúcia Silva Barroco e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Olda Andreazza Morbin.

Matrizes clássicas do pensamento sociológico (Marx, Weber, Durkheim), para a compreensão dos fundamentos teórico-metodológicos da vida social que influenciaram a produção teórica do Serviço Social, bem como a constituição dos processos de trabalho da profissão na contemporaneidade, com ênfase no pensamento marxiano e no legado marxista (PP, 2006, p. 79).

É possível perceber que as narrativas de Bia demonstram não somente os conteúdos trabalhados em aula, mas uma forma de articular os fatos de sua história de vida com suas causas e consequências, elaborando mediações teóricas adequadas. Nota-se uma forma crítica que não alcançaria no cotidiano sem esse pertencimento a um determinado curso, com um determinado projeto de formação.

Ao se reportar aos estudos, Bia primeiramente se recorda de como pensava essa questão. A universidade, instituição que ela via como sendo a USP, era um espaço estranho a ela e a seus projetos.

*Com 15 anos, pegava um trem cheio para ir trabalhar, e eu continuei estudando, terminei os estudos. (...) A única coisa que eu ouvia falar era sobre universidade USP, aquela coisa assim. Mas quando o pessoal falava para mim: “Você vai fazer universidade?”, quando eu estava no colégio, eu falava: “Eu não! Para que que eu vou fazer universidade?”*

Das relações com a escola, lembra o que sua mãe pensava a respeito da escolarização e interpreta suas idéias a partir de suas condições sócio-culturais. Mais uma vez, Bia demonstra um esforço de análise crítica, fundamentada e articulada.

*A minha mãe sempre teve a idéia, aquela coisa de senso comum. Porque tem muito disso. Mas eu não julgo que é ruim. Naquele momento, era o que podia pensar e como ela pôde pensar. Ela não teve condições para pensar diferente, para analisar a sociedade criticamente. Ela não teve como estudar para analisar de uma forma diferente; ela pensa a forma que ela pode pensar. Eu gosto de estudar. Ah! Eu quero estudar, eu quero continuar estudando. E ela falava: “Bia, estudar para que? Para que estudar tanto? Eu nunca estudei na vida e nunca passei fome. Não sei para que estudar, que diabo de tanto estudar. Só quer viver lendo livro”. [E*

Bia]: “Mãe, mas eu gosto”. [A mãe]: “Eu não sei para que estudar tanto”. Então, tinha isso.

Mostra as idéias que fundamentavam seu modo de pensar a questão dos estudos em sua vida.

*Quando saí do colégio, eu não saí com essa idéia de fazer faculdade como, por exemplo, a maioria das pessoas de classe média, classe alta saem: “Agora eu vou fazer vestibular, vou me preparar”. Eu não saí com essa idéia. Eu saí do colégio pensando: “Pronto, eu saí do colégio. Que legal! 3º ano! Nossa! Fiz minha formatura!” Achava assim: já tinha tudo.*

Da mesma maneira, aponta para suas próprias idéias e projetos, analisando-os sob a perspectiva de uma condição dada na época. Embora não explicita, percebe-se em sua fala um tom de crítica, que aponta para a superação que se daria mais tarde.

## FORMAÇÃO ACADÊMICA

De suas derradeiras relações com a escola, Bia explica como conheceu a PUC/SP: um projeto de extensão, empreendido por alunos, que ia aos bairros, com uma proposta de curso pré-vestibular, mas que ia além dos conteúdos específicos para a entrada na universidade.

*Eu vi um jornal num mural que estavam alunos aqui da PUC, que eles dão cursinho da PUC. Estava escrito no mural: “Cursinho com os alunos da PUC”, “Cursinho pré-vestibular com os alunos da PUC”. Eu nem conhecia a PUC. Eu não sabia o que era a PUC. Eu nem sabia que existia a PUC. O que é a PUC? (...) Eu comecei a fazer o cursinho, e no cursinho os meninos falavam muito de Marx, a gente lia as matérias, e tudo mais. Mas o pessoal do cursinho, o pessoal aqui da PUC, que fazia História, eles levavam aquilo para o cursinho, aquela coisa de reivindicar, de falar, de questionar, de indagar, e eles falavam: “tem aquela*

*novela Da cor do pecado... que isto já é um preconceito” e que não sei o quê.*

Revela como essa relação com o cursinho, na PUC/SP, a afetava e narra como entende isso com os olhos de hoje. Mostra também o entusiasmo com a descoberta de novas interpretações sobre o mundo, que a deslumbrava a ponto de ficar repetindo o que ouvia nas aulas.

*E eu estava achando aquilo o máximo porque eu nunca tinha pensado dessa forma, nunca tinha conhecido isso. Eu chegava, eu repetia (...) eu repetia a mesma coisa, mas era coisa que eu nunca tinha pensado. (...) só repetindo o que as pessoas estão falando, e só estou tendo a minha crítica; não é minha análise. É análise de uma pessoa que já estava na faculdade e que foi lá e que falou para mim o que era diferente, e eu estou repetindo o que era diferente.*

Bia expõe elementos de sua relação com o cursinho, na PUC/SP, e com isso estabelece parâmetros para analisar a sua vida até então. Descobre que pode ser parte integrante de um mundo novo, pleno de possibilidades.

*Mas o legal que eu achava desse cursinho, e eu ainda acho porque ainda tem cursinho, é que o cursinho é aqui na PUC. A pessoa está aqui dentro, está vendo o que está acontecendo aqui dentro, ela está aqui, perto. Se ela quiser ir à Biblioteca - tudo bem: ela não pode pegar um livro. Mas ela pode ir, ela pode ter acesso; ela pode entrar, pode ver. Pode vir para um mundo que não é o mundo dela que não fazia parte do mundo dela. Foi essa oportunidade que eu tive, e eu também comecei a vir para um mundo que não fazia parte do meu mundo. Eu saí da periferia que hoje tem esse nome, eu saí da periferia para vir para um lugar que não fazia parte do meu mundo. (...) Entrei na biblioteca e falei: “Quanto livro!”*

Decide, então, que quer fazer parte desse mundo, quer ser aluna da PUC/SP. Estabelece um projeto para sua vida que implicaria assumir novos “papéis”, o de estudante universitária.

Expõe, assim, outros elementos necessários para a realização de seu projeto, propiciados pela própria instituição. A escolha do curso deveu-se à

proximidade com uma amiga já formada e que lhe propiciou alguma informação sobre a profissão de assistente social.

*Decidi entrar na PUC porque fiquei sabendo que aqui poderia conseguir uma bolsa de estudo. Decidi fazer Serviço Social porque tenho uma amiga que é assistente social e me interessei pela profissão a partir dela. Paguei a Universidade com meu fundo de garantia. Na época fazia um mês que tinha sido demitida, e foi com esse dinheiro que paguei a matrícula, o restante (...) não conseguia pagar (...), me inscrevi e consegui bolsa doação da fundação São Paulo (...). As mensalidades que não tinha pago até então consegui fazer uma negociação para pagar assim que terminar o curso.*

Ao se recordar do momento em que efetiva sua entrada na PUC/SP, Bia se reporta ao modo como sentia sua relação com a sociedade. Mais do que isso, hoje faz uma elaborada crítica das idéias que tinha na época; em outras palavras, percebe que estava submetida à ideologia das classes dominantes. Bia incorpora, sem dúvida, os conhecimentos que fazem parte do Projeto Pedagógico do Curso de Serviço Social.

*Quando eu entrei na PUC era forte o sentimento de humilhação social, eu não me via separada da idéia de servidão. Ou seja, eu nasci para servir, mas quem sabe um dia eu não serei servida, aquela idéia reforçada pelo capitalismo: “se aquela que era pobre conseguiu porque eu não vou conseguir, eu preciso apenas me esforçar”. Eu ainda não sabia que muitos morrem tentando ser servidos, e não foi por falta de esforço, afinal, acordar às 4h para pegar um ônibus cheio, um trem lotado, não é fácil.*

Ao dizer que não sabia o que hoje sabe, Bia reconhece e explicita o processo de desenvolvimento pelo qual tem passado e suas novas idéias e pensamentos, opiniões e sentimentos.

Passados dois anos da entrada na universidade, Bia narra aspectos de sua relação, na PUC/SP, com o Curso de Serviço Social.

*Acho que a PUC tem essa coisa de incentivar fazer pesquisa, incentivar a pesquisar, tentar buscar o conhecimento, tentar sair do senso comum. Esse acesso que a gente tem com os professores e estar conversando, pelo menos com os professores do nosso curso, falar com eles que a gente está com dificuldade; tentam ajudar. Isso é diferente das outras faculdades.*

Bia, dois anos depois, mostra como seu projeto inicial, ser aluna da PUC/SP, transformou-se, ampliou-se, trazendo para sua vida outros projetos que só poderiam ser conhecidos na vivência do curso.

## **ENSINO/FORMAÇÃO**

Bia narra aspectos da organização do Curso de Serviço Social da PUC/SP e as implicações desta com a sua forma de pensar e viver. Sua fala guarda uma excepcional clareza sobre as metamorfoses que o curso provocou nela, como as vê e as sente.

*Eu já fiz muitas disciplinas, o Curso de Serviço Social é bastante amplo, para que os estudantes consigam ter uma visão geral da sociedade como construção histórica e social. (...) eu gosto quando eu consigo refletir sobre os problemas sociais, gosto quando as disciplinas causam um impacto na minha forma de pensar e viver, fico fascinada quando penso que vou enlouquecer porque meus conceitos foram todos desconstruídos.*

Com foco na identidade como processo de metamorfose, segundo a teoria de Ciampa, percebe-se a necessidade de, num outro nível de análise, ver Bia como atividade e como relação com outros, no caso, os profissionais do curso, por exemplo. Para esse autor, “a preocupação é com o que se oculta, fundamentalmente com o desvelamento do que se mostra velado” (CIAMPA, 2005, p. 139).

Cabe registrar que, no ano de sua entrada no Curso de Serviço Social da PUC/SP, Bia faria parte de um projeto de formação profissional cuja gênese,

décadas atrás, é marcada pela intenção em “instaurar uma dinâmica radicalmente crítica que rompa com as soluções anteriores e abra caminho para o giro profundo na formação dos assistentes sociais” (NETTO, 1984, p. 12).

Tratava-se, portanto, de uma relação não somente com conteúdos programáticos e respectivas tarefas e avaliações, mas de uma relação com uma direção social na sua formação profissional. As disciplinas que Bia cursaria em 2006 mostram-se como produtos históricos dos setenta anos em que esse curso organiza seu ensino, sendo que, segundo Yasbek (1984, p. 34), “a preocupação com a revisão curricular aparece de forma sistemática na Faculdade de Serviço Social a partir de maio de 1978”.

Tem início um movimento de revisão curricular que, hoje, mantém sua história de ruptura com as marcas da imagem do apostolado, as marcas da sua desmistificação através do movimento conhecido como Reconceituação do Serviço Social. O curso de Serviço Social conserva a orientação desse movimento por “valores e princípios colocados no horizonte do projeto de superação da ordem burguesa” (PP, 2006, p. 12). Valores e princípios que determinam a identidade do curso e conseqüentemente o processo de constituição da identidade profissional do assistente social.

Em seu 2º ano no curso, Bia inicia o primeiro semestre cursando as seguintes disciplinas: Fundamentos Filosóficos para o Serviço Social I, Fundamentos Histórico-Teórico-Metodológicos do Serviço Social III, Oficina de Formação Profissional III, Pesquisa em Serviço Social, Teoria política e Psicologia I<sup>5</sup>.

Bia afirma: “*as disciplinas causam um impacto na minha forma de pensar e viver*”, e, então, mostra a lógica do processo de metamorfose de sua identidade. Mostra uma sequência de mudanças, coerente e em decorrência da “amplitude” do Curso, que no dizer de Bia é voltado “*para que os estudantes consigam ter uma visão geral da sociedade como construção histórica e social.*”

Não se pode perder de vista que é o aluno que está falando de uma forma de ensino, de base “*histórica e social*”, e do que isso produz como

---

<sup>5</sup> Elenco constante do Programas de Disciplinas, ano 2007, 3º período, cedido pela secretaria do Curso de Serviço Social da PUC/SP.

resultado nela (aluno). Mostra que a desconstrução de seus conceitos precisou de uma determinada forma de “refletir sobre os problemas sociais”. A sociedade não mudou sua estrutura, o que mudou foi a maneira de Bia ver, passar a ver o que não via e pensar com isso, pensar com novos elementos que não conhecia.

Por meio do ensino, uma formação revolucionária.

É bastante interessante a análise que faz de algumas disciplinas e da maneira como as percebe no início e, em seguida, as mudanças que estas provocam nela e as mudanças em seu modo de concebê-las. Certamente, a pesquisa, que não fazia parte de seus projetos, passou a se constituir em tema de interesse.

*Eu não senti muita afinidade com disciplina de Pesquisa em Serviço Social, talvez porque naquele momento a pesquisa era algo que eu não tinha a menor idéia, ou talvez porque tinha muitos detalhes, ou talvez naquele momento este não era o meu interesse maior.*

Evidencia como entende a relação professor-aluno e o trabalho docente na determinação do que chama de “crescimento pessoal”.

*A cada dia um professor me marca, marca-me pela proximidade (coisa que eu não estava acostumada), marca-me pela simplicidade, marca-me pela arrogância, marca-me pelo domínio teórico, marcam porque me ajudaram a acreditar mais na minha capacidade. Todos os professores, de uma forma ou de outra, contribuíram para o meu crescimento pessoal, alguns com coisas que eu não gosto, outros pela grande admiração que eu tenho.*

Bia relaciona a forma de ser dos professores com a influência exercida sobre ela. Da forma de ser dos professores, fala da arrogância de um, da simplicidade de outro, do domínio teórico como qualidades que distinguem suas formas de docência, mas não impedem a unidade do trabalho docente. Conforme diz Bia: “*Todos os professores, de uma forma ou de outra, contribuíram para o meu crescimento pessoal*”.

A questão da docência, tal como exposta por Bia, exprime que, independentemente do estilo de cada professor, todos contribuíram para seu desenvolvimento.

Revela, com isso, uma efetivação da relação pedagógica, que se mostra condicionada pela estrutura do currículo e pelo conteúdo do ensino, mas articulada a uma perspectiva de desenvolvimento do aluno.

De acordo com os projetos pedagógicos desse curso, muitos princípios e diretrizes são mantidos para reafirmar a responsabilidade da Faculdade de Serviço Social da PUC/SP no cenário nacional por sua excelência e pelo perfil acadêmico e profissional que consolidou no decorrer de seus setenta anos de existência. É importante evidenciar, na história desse curso, como propõem o trabalho ou o papel do professor.

O papel do professor não se esgota na transmissão do conhecimento, mas envolve uma dimensão formativa, anteriormente qualificada. O professor tem uma autoridade que se origina do saber técnico e científico que detém, o que lhe confere o papel de dirigente e coordenador do processo de ensino (YASBEK, 1984, p. 85).

O papel de dirigente do processo, que ao professor cabe assumir, centra-se na direção de articular a dimensão formativa e informativa do curso como política pedagógica de seu processo educativo. Não se confunde, portanto, com “uma postura autoritária e dogmática na relação pedagógica, expressão da concepção do professor onipotente e detentor exclusivo do saber” (YASBEK, 1984, p. 86).

Pode-se dizer que Bia explicita a efetivação da articulação formativa e informativa proposta pelo curso, quando diz o que significa, para ela, estudar nesse Curso. Também expõe uma forma de pensar fundamentada teoricamente. Os autores estudados não são apenas conteúdos a serem cumpridos e avaliados; os autores constituem-se em algo que ela deseja compreender, incorporar, passam a ser mediações para que ela possa compreender mais efetivamente a realidade.

*Sabe aquela coisa de você vir com prazer estudar? Aquela coisa de “eu gosto daqui mais que qualquer lugar”. Eu curto isso, eu tenho*

*que aproveitar o máximo que eu posso. (...) Como a gente falava lá na sala sobre La Boétie discutindo trabalho e capital. Tem uma parte do La Boétie que eu acho muito interessante (...). Ele faz um questionamento da situação das pessoas na sociedade (...). Como as pessoas se deixam perder a liberdade, como deixam a liberdade ser roubada? Se para a humanidade a liberdade é a coisa mais importante, luta com unhas e dentes! Fala do animal preso na gaiola, resignado, triste. Como as pessoas podem aceitar perder sua liberdade? Como pode ter um soberano, um comandante? E é verdade. Como que isso pode porque a gente não tem liberdade. (...) É que lendo o livro fica mais claro de entender, mas é de liberdade que ele fala.*

Por meio das questões trazidas por La Boétie sobre trabalho e capital, humanidade e liberdade, Bia confirma, “*E é verdade*”. Significa que os autores e os temas que o curso seleciona, de fato, fazem-na (aluno) mais aberta para apreender e reproduzir o movimento dos processos sociais.

Nota-se que se articulam, no que Bia produz para narrar sua história de vida, aspectos das dimensões formativa e informativa. Mostra que se internaliza nela uma bagagem científica por meio da qual busca apreender e explicar a vida em sociedade. Bia manifesta, portanto, um perfil, em processo, correspondente ao que o projeto pedagógico, considerado matriz, supõe, entre outros, para articular a dimensão formativa e informativa do curso:

A criação de condições, no processo de ensino, que possibilitem ao aluno internalizar uma bagagem científica que lhe permita apreender e explicar a vida em sociedade, superando a mera repetição de categorias de análise. Trata-se da criação de condições para que o aluno incorpore a teoria como instrumento de explicação e de efetivação da prática social e, mais especificamente, do exercício profissional (YASBEK, 1984, p. 84).

Ao se reportar e opinar sobre temas sociais, Bia expressa uma forma de pensar estruturada academicamente.

*O que a lei faz? Porque a lei não foi elaborada por todos os homens. Foram elaboradas por alguns homens, sim, são representantes, mas será que lá está a vontade de todo mundo? Ninguém fala contra, mas por que não falam contra? É isso que La Boétie diz: “Por que não falam contra? Por que se submetem?”*

*Por que aceitam isso”? É isso que ele está tentando dizer. Por que aceitam isso? Porque é melhor ter alguém mandando, é melhor ter alguém comandando e eu vou obedecendo. É isto que eu fico indagando o tempo inteiro. Eu achei muito interessante esse livro. (...) Tem gente que gosta de Maquiavel, você já ouviu falar de Maquiavel? Eu gosto de Maquiavel, mas gostei muito de La Boétie. Maquiavel faz uma análise do governo (...). Tanto que Marx não vê, ele não vê a máquina como ruim. Ele pensa que a máquina vai ajudar na vida do homem, vai amenizar no trabalho, mas é exatamente diferente. (...) E Hobbes, que é outro autor, ele fala muito disso, da questão de lutar pela vida, a coisa de sobreviver.*

Refere-se aos clássicos que, no movimento curricular, são tidos como eixo norteador do curso para oferecer ao aluno “sólida fundamentação científica nas principais vertentes teórico-metodológicas presentes nas Ciências Sociais contemporâneas, a partir das fontes originais” (YASBEK, 1984, p.76). Para Bia, mostra-se como formação levada a efeito.

Embora Bia cite superficialmente os autores (não se pode desconsiderar que é uma entrevista sobre sua vida e não uma avaliação acadêmica), percebe-se com clareza seu esforço para compreender a realidade a partir deles. Essa é, sem dúvida, uma condição oferecida pelo curso<sup>6</sup> e que Bia parece querer aproveitá-la ao máximo. Mais que isso, ela opera com essa condição ao máximo, em muitos sentidos.

No que se refere ao processo de constituição de sua identidade, é importante notar, por meio das considerações que tece, a exposição de uma certa “bagagem científica” concomitantemente a uma atitude no sentido de articular conhecimento e crítica. Para além dos dados da história de vida, significa prestar atenção ao perfil intelectual inseparavelmente contido no que ela apresenta, independentemente se sua narrativa aborda esta ou aquela questão.

A história de vida, narrada por Bia, põe em relevo o fenômeno de sua intelectualidade, que aparece claramente em tudo o que se reporta. Nota-se que é um fenômeno que aumenta suas possibilidades, torna-a mais capaz em

---

<sup>6</sup> Étienne de La Boétie, com a obra *Discurso da servidão voluntária*, Thomas Hobbes, *Leviatã*, Nicolau Maquiavel, *O príncipe*, fazem parte da bibliografia básica da disciplina Teoria Política – Noturno, da qual Bia era aluna no momento das entrevistas, 1º semestre de 2007.

todos os sentidos e questões que enfrenta. Bia se diz nordestina que migra, brasileira explorada pelas relações capitalistas, estudiosa de Marx, Maquiavel, La Boétie, Hobbes, indignada com a submissão das pessoas... Bia diz mais do que o que verbaliza, pois ao se utilizar da linguagem da humanidade, dos clássicos para examinar a si e aos outros, revela o universal que incorpora como algo que a identifica.

Os autores e leituras que Bia utiliza em suas narrativas e por meio das quais se percebe seu perfil intelectual, constam das exigências do curso, conforme se pode ver num dos aspectos que considera para articular a dimensão formativa e informativa no processo de ensino:

A criação de uma atitude científica frente à produção do conhecimento acumulado socialmente, no sentido de evitar a pseudo-crítica feita aprioristicamente, rebatida pelo esforço de criação do hábito e disciplina exigidos pelo trabalho intelectual que se pauta pela preocupação com o rigor científico (YASBEK, 1984, p. 84).

O fenômeno da intelectualidade de Bia, filiado às exigências do curso, retrata, no que concerne à questão de sua identidade, a implicação de suas ações com as condições postas pela faculdade. Lembra, portanto, o que diz Lane (In CIAMPA, 2005, p. 10), “a Identidade passa a ser também como uma questão política, pois ela está imbricada tanto na atividade produtiva de cada indivíduo quanto nas condições sociais e institucionais onde esta atividade ocorre.

De acordo com a constatação aqui feita da intelectualidade apresentada por Bia, chega-se ao processo de constituição da identidade como política, porque, considerando a concepção de Lane (In CIAMPA, 2005, p. 10), “somos levados a questionar que espaços, que possibilidades nós nos permitimos – a nós e aos outros – de, sendo nós mesmos, nos transformarmos, nos recriarmos”.

Sobressai das narrativas de Bia um modo científico de expressar os dados de sua história, que forja o entendimento do que lhe está a ocorrer como a unidade do encontro de dois modos de ser: o seu e o do trabalhado curso. Uma unidade que, por interação, apresenta a força do referido curso a provocar, nela, o movimento de seus conceitos, no sentido da desconstrução

do que era real e efetivo, para novos horizontes de possibilidades de análise com outros conhecimentos e princípios éticos.

O modo de ser e pensar que Bia apresenta pode ser analisado por meio do movimento que o curso desenvolve, na época dos anos 1980, em que revisa seu currículo, em torno do perfil do profissional de Serviço Social que decidem formar, com um processo de ensino determinado a convergir, na formação do assistente social, “os perfis<sup>7</sup> do técnico e do trabalhador intelectual” (NETTO, 1984, p. 13).

Considerando o agente profissional na sua qualidade de trabalhador assalariado e de intelectual, os protagonistas do referido perfil acadêmico fundamentam, com a teoria gramsciana, seus propósitos para o processo de ensino. Assim, formalizam no projeto de revisão curricular da Faculdade de Serviço Social da PUC/SP, tal fundamentação:

O agente profissional é aqui considerado na sua qualidade de trabalhador assalariado e intelectual. Ao caracterizá-lo como intelectual, apoiamos-nos em Gramsci, para quem essa categoria não constitui um grupo autônomo e independente das classes fundamentais; ao contrário, tem o papel de dar-lhes homogeneidade e consciência de sua função, isto é, contribuir na luta pela direção social e cultural dessas classes na sociedade. Trata-se do “organizador”, “dirigente” e “técnico” que coloca sua capacidade a serviço de condições favoráveis à organização e hegemonia da própria classe a que se encontra vinculado. À medida que os intelectuais expressam uma identidade pela consciência e pela prática com essas classes, são orgânicos, organicidade que é tanto maior quanto mais íntima sua conexão com uma classe social (YASBEK, 1984, p. 55).

Com essa perspectiva analítica, pode-se notar que situam a reflexão do papel do profissional na sua dimensão eminentemente política, evidenciando o sentido social intencional de sua atividade intelectual. Ou seja,

O assistente social desempenha sua função intelectual como cidadão e como profissional, que são duas expressões da mesma prática social. Procura-se aqui privilegiar a reflexão da dimensão profissional – **o exercício da prática social mediado pela prática profissional, o qual não se desvincula de seu caráter político**. Neste sentido, o assistente social é um profissional mediador dos interesses das classes fundamentais

---

<sup>7</sup> Esta era uma possibilidade, considerada na via de ruptura, apontada por Netto no momento em que analisava a formação dos assistentes sociais em artigo “A propósito da disciplina de metodologia”. in: Serviço Social & Sociedade. Ano V, nº 14, 1984, pp. 5-15.

(...) a luta pela identidade profissional dos intelectuais que buscam conferir nova dimensão social à sua prática supõe um dilema de definição, que não está colocado para quem nos contrata, mas sim para a categoria profissional: a questão política da definição desta prática, que subordina a questão propriamente profissional (YASBEK, 1984, 57). Grifos no original.

O que se percebe em processo, na constituição da identidade de Bia, configura que o trabalho de ensino desse curso incorpora vários dos pressupostos de seu projeto matriz. Configura também a concepção de identidade na teoria de Ciampa (2005, p. 127), ou seja, “a questão da identidade, assim, deve ser vista não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é sobretudo uma questão social, uma questão política”. E, ainda, permite visualizar o modo dialético desse processo, ou seja, que a identidade, nesse caso, processa-se na interação social, implicando, necessariamente, atividade e consciência (LANE, In CIAMPA, 2004).

Não é o foco da pesquisa aqui, mas cabe registrar o que ressalta Lane (In CIAMPA, 2004, p. 10): “a Identidade analisada enquanto um processo dialético nos permitirá um conhecimento mais concreto da personalidade, tema sempre trabalhado teórica e abstratamente, gerando teorias muitas vezes contraditórias”.

Bia questiona a capacidade de pensar ligada ao tempo para estudar e diz como entende os estudos que empreende nessa graduação. Demonstra as dificuldades que enfrenta como aluna-trabalhadora, de um curso noturno, para dar conta do curso. O interessante, no entanto, é que ela não se refere a provas ou exigências formais do curso, mas ao desejo de estudar mais, de conhecer mais. É fundamental que se busque compreender as relações que se estabelecem entre essa aluna e o curso oferecido, já que afirmações como a de Bia não têm sido comum em pesquisas sobre o ensino superior.

*O Capital que Marx escreveu é um outro capital, hoje é um capital, mas a gente está tão incapacitado de pensar esse capital de hoje e refletir sobre esse capital de hoje, a gente não tem tempo. Acho que poucas pessoas hoje podem parar e falar: “Eu vou parar, eu quero estudar”. Você não pode fazer isso. Você não pode parar e pensar só nos estudos. Não, você precisa trabalhar, você precisa sobreviver. (...) hoje, quando a gente vem para faculdade a gente vai é na essência das coisas; quando você começa a estudar esses*

*autores que a gente estuda na faculdade, você começa a ter sua própria crítica, você sai do senso comum.*

Bia opina sobre os estudos dos clássicos. Com isso, reconhece um vínculo entre o conhecimento que tem apreendido por meio desses clássicos e o desenvolvimento de suas idéias. Bia demonstra o processo de sua metamorfose, provocada pela experiência do curso, com muita clareza; mais do que isso, ela mostra que um curso pode e deve ser muito mais do que um rol de conteúdos e de práticas a serem incorporados pelos alunos.

Mostra, por meio do que vivencia no curso, que as possibilidades previstas pelos projetos desse curso, ao longo de sua história, podem concretizar-se em seus alunos. O trabalho realizado com os clássicos, por exemplo, apresenta-se como uma das determinações do curso em seu **Projeto de revisão curricular da faculdade de serviço social – PUC-SP**, do ano de 1984 e se mantém no **Projeto Pedagógico do Curso de Serviço Social, uma atualização**, no ano de 2006.

*Sabe o que eu acho? Eu acho que esses estudos clássicos eles não me tornam uma pessoa com mais conhecimento apenas, eles me tornam uma pessoa melhor como ser humano. Eu não estou em busca da intelectualidade, ser intelectual que sabe todos os autores, e que sabe todos os pensamentos. É uma melhora como pessoa, e isso me ajuda como pessoa porque eu deixo de ter aquela visão de senso comum. (...) Eu não sei direito como pensar tudo isso. Essas coisas para mim ainda são muito imaturas. Eu estou começando amadurecer as minhas idéias. Eu estou começando a conhecer, a amadurecer as minhas idéias, até a minha própria crítica, tentar sair do senso comum. Então tudo isso está muito (...), ainda está muito verde. É um começo tudo isso.*

Sem dúvida, a fala de Bia é reveladora do processo de desenvolvimento de sua forma de ser e pensar. Mostra elementos do curso que foram incorporados e os expõe, mostrando que o seu ser hoje se constitui a partir de efetivas metamorfoses.

Mostra-se num processo de autonomia, de emancipação e ampliação da liberdade. Tem em si a socialização da política, compreende a apropriação coletiva da riqueza socialmente produzida como um direito de todos. Bia é

expressão das possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos sociais, que podem ser encontradas num Projeto Pedagógico de um curso que se compromete com a formação do aluno e deste com sua realidade histórica e social, como um perfil do profissional a ser formado no Curso do qual é aluna<sup>8</sup>.

E continua a falar de si, exercitando um auto-exame através do qual visualiza o futuro na medida de seus objetivos e aspirações hoje.

*É como se fosse a síntese. Porque a professora até que me explica: tem a tese, a antítese e a síntese. É como se fosse a tese isso sabe? É isso. Está muito novo ainda, está muito verde. Estou começando a conhecer agora, não era uma coisa que eu tinha, eu [não] tive isso na escola. Eu não tive a oportunidade de ter isso. (...) Eu quero terminar a graduação e tentar uma bolsa para mestrado, atualmente sinto-me atraída pela área da habitação e meio ambiente, mas não é nada definido. Quero trabalhar com projetos sociais, contribuir para que as pessoas consigam ser independentes, acho que as políticas públicas não devem ser um fim. Espero conseguir executar com competência a profissão que escolhi.*

De sua vivência no curso, novas necessidades são produzidas, novos motivos, que se constituem em projetos de vida, que não são apenas projetos individuais, mas projetos individuais que incorporam projetos de sociedade, de compromisso social.

Como aluna do Curso de Serviço Social da PUC/SP, há dois anos Bia interage com os conteúdos dos programas das disciplinas, a metodologia, as estratégias pedagógicas organizadas em função da formação de um determinado perfil profissional e, sobretudo, com os professores que concretizam essas propostas. Hoje, Bia narra sua história relacionando teoria e realidade, ética e trabalho; fala de trabalhar com projetos sociais, políticas públicas, direção social, competência na profissão etc.

---

<sup>8</sup> As características de Bia, observadas nesse parágrafo, encontram-se definidas no *Projeto Pedagógico da Faculdade de Serviço Social*, 2003, p. 5 e no *Projeto Pedagógico do Curso de Serviço Social da PUC/SP uma atualização*, de dezembro de 2006, p. 13 como possibilidades diante do compromisso do Curso de Serviço Social com a direção social da formação profissional que objetivam para seus alunos.

Sua narrativa mostra dimensões, investigativa e interventiva, que fazem parte dos princípios da formação profissional estabelecida pelo Projeto Pedagógico do Curso que frequenta.

As dimensões, investigativa e interventiva, são, de acordo com esse projeto, princípios formativos e condição central da formação profissional e da relação teoria e realidade. Princípios que se traduzem em trabalhos e atividades individuais e em grupo, realizados como exigências das disciplinas e oficinas que cursa.

Bia, na época da realização das entrevistas, cursava, por exemplo, a Oficina de Formação Profissional III, que tem por base o trabalho com a “investigação social, com ênfase na identificação, análise e compreensão das necessidades e respostas às demandas sociais advindas da população, no âmbito dos diferentes espaços sócio-ocupacionais”<sup>9</sup>. Por meio da investigação social, essa Oficina visa “exercitar o aluno para a elaboração e execução de um projeto de pesquisa em Serviço Social nas particularidades da temática criança e adolescente”<sup>10</sup> em suas sub-temáticas:

Violência (ato infracional, liberdade assistida, abuso sexual, maus tratos familiares, dentre outras); Família (abandono familiar, abrigo, adoção, drogadependência, entre outras); Educação (políticas públicas, questões relacionadas ao ECA, prestação de serviços das escolas públicas, ações de complementação ao ensino fundamental, esportes, artes, cultura); Sexualidade (gravidez na adolescência, paternidade na adolescência, prostituição infantil); Programas e projetos implementados por organizações privadas, ONGs, voltados a criança e ao adolescente); Trabalho infantil.

Trabalhando inicialmente a dimensão investigativa, a Oficina prevê atividades com a identificação das demandas, consolidadas e emergentes, institucionalizadas ou não, via mercado de trabalho, e a identificação crítica das respostas institucionalizadas às referidas demandas, a partir da relação com as políticas públicas; novas proposições e construção de respostas<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Dados coletados junto ao Programa da disciplina: Oficina de Formação Profissional III, apresentado pela Prof<sup>a</sup> Elizabeth de Melo Rico.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Idem.

Pode-se verificar, portanto, que Bia, hoje, constitui-se como identidade que incorpora em si uma formação antes planejada e organizada por um determinado projeto educacional. É claro que Bia constitui-se não apenas como aluna de um curso, mas como totalidade; entretanto, não há como negar que sua experiência nesse curso se faz presente em outras dimensões de sua vida, nos outros papéis sociais que lhe compõem, pois realiza uma leitura de sua realidade pela articulação com o que aprende no curso.

## FORMAÇÃO/CONSCIENTIZAÇÃO

Bia narra sua história de vida expondo o processo de constituição de seus pensamentos e idéias, conceitos e opiniões em articulação com inúmeras relações e intercâmbios familiares, profissionais, acadêmicos etc. Em relevo, transparece a visão do mundo e das coisas que tem agora como diferente de dois anos atrás, quando inicia sua formação superior.

Compara a visão que tinha da biblioteca da PUC/SP com a de hoje.

*Hoje eu ainda acho que a PUC tem uma ótima biblioteca, apesar de ser bastante desatualizada para alguns cursos. Eu a vejo menor do que eu a via.*

Bia não vê hoje o tamanho da biblioteca pela quantidade de livros.

Da primeira vista, quando disse, “*Quanto livro!*”, até hoje, dois anos nessa graduação a tornaram conhecedora a ponto de dizer que acha a biblioteca ótima, “*apesar de ser bastante desatualizada para alguns cursos*”. Demonstra que incorpora a crítica fundamentada no conhecimento e na ética para a análise da realidade.

Que o perfil intelectual, previsto pelo curso, ainda tem o trabalho de mais alguns anos até a conclusão do curso, é certo. Mas já se encontra nela, orientando-a a construir suas narrativas aqui, por exemplo. Bia não pensaria e utilizaria essas sábias palavras sem o vínculo com o que é trabalho do curso,

visando a identidade profissional do assistente social. Ou seja, sem o vínculo com o que, para o curso, é considerado desafio maior:

O desafio maior é, pois, traduzir o projeto ético-político em realização efetiva no âmbito das condições em que se realiza o trabalho do assistente social, forjando profissionais especialmente dotados de curiosidade intelectual, de solidariedade humana e de competência teórico metodológica e técnico operativa (PP, 2006, p 34).

Diz das relações sociais, como as percebe, agora de maneira muito mais crítica.

*Parece que tudo liga no capital, não parece? Quando você pensa, pensa, você vai lá no capital. (...) Tantas pessoas sem emprego: será que é um problema? Isso também pode ser uma solução: quanto mais desempregados a mão de obra é mais barata. (...) Mas a educação está sendo privatizada, a saúde está sendo privatizada, tudo privatizado, quem está mandando é o capital. O capital quer o quê? O que ele quer? Quer ele alienado, e quanto mais alienado melhor.*

Vê sua entrada na PUC/SP como determinante para sua vida, por lhe trazer coisas importantes, não banais.

*Eu acho que se eu não tivesse entrado na PUC eu não seria isso. Porque é assim: onde você trabalha não tem esse tipo de conversa; são banais, são coisas banais: qual a roupa que você usa, que marca que você usa, que marca que é o seu tênis, porque a minha casa custa não sei quantos, o carro que eu vou comprar no final do ano é moderno... São tão banais, tão banais, que isso passa, não é a vida. E o que você vale não é pelo que você tem, é pelo que você é como pessoa; não o que você tem, pouco importa o que você tem. Dane-se o que você tem, se tem um carro, se tem uma casa, dane-se, não é isso. O que você é como pessoa? Fala-me. É isso que é importante para mim.*

Bia mostra que ouve mais do que aquilo que falam no emprego. Quando as pessoas falam sobre a roupa que usam, a marca do tênis, o preço da casa, do carro para o final do ano, ouve mais, ouve sua autoconsciência, qualidade calcada na compreensão da realidade em que vive. Qualidade prevista na

organização didático-pedagógica do curso como um de seus princípios: “a adoção de uma teoria social crítica que possibilite a apreensão da totalidade social em suas dimensões de universalidade, particularidade e singularidade” (PP, 2006, p.31).

A consciência que Bia revela constituir também é reveladora de que se constitui nela como unidade, a relação indivíduo e sociedade. Ela reconhece as relações sociais e os homens nessa relação, reconhece a si mesma como um desses a analisar o que se passa e a questionar os encaminhamentos e tendências sociais.

É um momento de sua história de vida, que incide diretamente no que Ciampa intitula “chegar a ser um” ou (o que é o mesmo) ser uma metamorfose ambulante” (CIAMPA, 2004, p. 73). Ou seja, os dados expostos por Bia, em sua história de vida, e a forma como apresenta o estado de sua consciência hoje, levam às palavras de Ciampa (2004, p. 73) “a questão da identidade nos remete necessariamente a um projeto político”.

É a via de conclusão que se chega quando, mesmo sem analisar profundamente o projeto pedagógico do curso de Serviço Social da PUC/SP, chega-se, como enfatiza Ciampa (2004, p. 73), “a projetos que possam tender, a convergir ou concorrer para a transformação real de nossas condições de existência, de modo que o verdadeiro sujeito humano venha à existência”.

Bia é hoje alguém que, ao olhar para o mundo, fica indignada. E da sujeição das pessoas que observa, diz:

*Eu fui lá no Brás, estava voltando do Brás e aquele trem cheio, cheio, cheio. As pessoas não tinham espaço, não tem espaço mesmo na porta; aquele trem cheio, aquele monte de gente para ir embora para casa. E eu pensei, porque La Boéti pergunta, “Como pode? Como pode milhões de pessoas se submeterem a isso?” E eu falei: “Meu Deus como pode isso?” (...) Sabe quando você fica questionando: “Como que pode?”*

Bia mostra que vê mais que um trem cheio de pessoas para ir embora para casa. Vê o que é essencial para que as pessoas se conformem, se sujeitem ao desumano. Ou como ela diz, “*Parece que tudo liga no capital, não parece? Quando você pensa, pensa, você vai lá no capital*”. Bia, por todo esse

processo de transformação por que passa, torna-se uma pessoa que se indigna com a realidade do mundo e sabe o porquê da indignação.

À guisa de conclusão, cabe ouvir de Bia o que diz sobre:

- os seus pais:

*Se eles fossem alfabetizados poderiam fazer uma outra visão que eles não têm.*

- a escola:

*Acho que ela faz diferença para você começar a pensar as coisas diferente, para você começar a questionar. Quando você começa a questionar - a diferença é a formação humana.*

- a lei da maioria, em debate atualmente:

*O problema não está em você colocar o menor na cadeia. (...) É na formação do indivíduo, é ele ter acesso ao conhecimento, ele ter acesso à informação, ter acesso ao teatro, à música, à cultura.*

E, por meio do que Bia diz da importância da alfabetização, do questionamento da realidade e do acesso aos bens culturais, ela diz mais do que o que se fala. Diz que a visão de si, do mundo em que vive a aproximam da sabedoria, própria do humano. Importa perceber a interrelação de sua história de vida com o processo de constituição da identidade humana.

Sem dúvida, um processo provocado, intencional e oficializado que pode ser lido pelas inúmeras edições dos Projetos Pedagógicos do Curso de Serviço Social da PUC/SP ou pode ser ouvido, conforme é o caso aqui de Bia, como um de seus alunos.

# Maria de Lurdes

Mulher negra, de um tom marrom dourado, mais ou menos 1,70m e 60 quilos, Maria de Lurdes tem 41 anos. Arrimo de uma família com doze irmãos, dez mulheres e dois homens, mora em São Paulo, com o marido e três filhas. Diz que adora os irmãos e considera o momento mais feliz aquele em que está junto com a família: marido e filhos, sua mãe e irmãos. Trabalha como empregada doméstica e ainda como acompanhante de uma criança em sua ida e volta ao colégio, diariamente. Também trabalha na Igreja Católica, faz parte de corais; gosta de igreja no sentido de viver em comunidade. É aluna do 2º ano da graduação em Serviço Social da PUC/SP, tem Projeto de Iniciação Científica sob o tema **Mulher negra: da casa grande aos novos quilombos**.

Ficou muito entusiasmada quando conversamos a respeito da presente pesquisa, colocando-se à disposição para as narrativas sobre sua história de vida. Os nossos encontros ocorreram no interior e ao redor da PUC/SP, em salas de aula, em refeitório, num de seus corredores e num barzinho próximo à universidade. Maria de Lurdes sempre enobreceu nossos encontros com orgulho do que relatava. Desde a primeira vista foi assim e até a última narrativa, sempre digna de admiração de nossa parte.

## ORIGEM, INFÂNCIA E FAMÍLIA DE ORIGEM

Maria de Lurdes inicia a narrativa de sua história de vida reportando-se ao tempo decorrido entre seu nascimento e a condição de filha arrimo de família. Em seguida, situa as condições de vida da família, circunscrita aos limites da cidadezinha do interior, ressaltando o trabalho de seu pai.

*Minha vida começou há 41 anos atrás. Sou filha de... Sou arrimo de 12 irmãos, 10 meninas e 2 homens. A gente vem do interior de Minas, uma pobreza bem precária mesmo. Mas meu pai sempre trabalhou no que era dele, era pouco, mas era dele. Então ele criava gado, era um homem muito trabalhador na lavoura e tinha muitas plantações de milho. No tempo da roça tinha de tudo, mas ele plantava muito, tinha pomar,*

*laranja, manga, banana, mandioca, tudo aquilo que tem. A gente vivia, não tinha uma vida maravilhosa de dinheiro, mas fome a gente não passava. E não passava por ter essas coisas que tinha, batata doce, tudo quanto é frutas para a gente comer.*

É importante observar que Maria de Lurdes principia sua narrativa considerando sua vida como “o hoje” iniciado há 41 anos. Época na qual lembra a família de origem, suas condições de vida, mas tendo o modo de ser do pai como referência, a fazer do local fonte de sustento da família.

Ao se reportar à família de origem, Maria de Lurdes fala de um tempo passado na “roça”, na lavoura que o pai plantava e de tudo que colhiam. Com isso diz, “*fome a gente não passava (...) por ter essas coisas que tinha*”, porque seu pai “*criava gado (...), muito trabalhador na lavoura e tinha muitas plantações de milho*”, na terra que era dele. Mostra que seu pai, para tanto, era homem que trabalhava em diversas atividades, aproveitava o máximo de suas capacidades.

Da infância, lembra que nada lhe faltou e narra exemplos de seus brinquedos e brincadeiras.

*Eu tive uma infância maravilhosa, não posso me queixar de que me faltou alguma coisa. Eu tive uma infância que acho que as minhas filhas hoje não têm. Adorava brincar nas árvores, subia nas árvores, aliás, eu escolhia as árvores como minha casa, fazia duma árvore uma casa, ia lá, brincava e brincava sempre de madeira. Eu não conhecia aqueles brinquedos de bonecas que tem hoje. As bonecas eram feitas tudo de caroba de leite, não sei se vocês conhecem. Eu pensava muito em ter família, construir família; então eu tinha meu esposo, eu tinha meus filhinhos. Fazia tudo com aquelas bonecas, tanto eu como minhas irmãs, mas que a gente brincava mais era com umas duas irmãs, a [nome da irmã] e a [nome da outra irmã]; a gente brincava e tivemos aquela infância maravilhosa!*

É possível perceber que Maria de Lurdes fala da infância como uma fase de sua vida que nada lhe faltou e que brincou com tudo que adorava: escolher, subir e fazer da árvore sua casa, fazer as bonecas e com elas inventar, imaginar sua família. Revela, na dinâmica de sua infância, que viveu o que era essencial nesse tempo de criança. Como se as brincadeiras e os brinquedos

com os quais brincou, imaginou, inventou, construiu, deixassem-na preenchida, suprissem as necessidades da infância que hoje pode ser lembrada como um tempo feliz.

Desse tempo, Maria de Lurdes lembra que mudaram de cidade movidos por um sonho de seu pai. Lembra também que era uma mudança de residência, mas não dos planos do pai.

*Só que ali não tinha muito estudo para a gente. A gente tinha ali até o 2º, 3º ano, por aí; é só mesmo para 2º ano; até o 1º e 2º ano, restante não tinha. Então meu pai precisou sair de lá que ele tinha um sonho muito grande de ver nós estudadas. Não numa faculdade, mas ter um estudo. Ele via isso. Tanto que duas irmãs minhas tiveram que sair de lá e vir para um outro estado para poder fazer, elas queriam muito, e meu pai fazia gosto naquilo. Ele deixou duas dessas irmãs morarem muito tempo aqui sem a gente por causa do estudo. Então nós viemos. Eu não falei de onde eu sou, mas eu sou de [nome da cidade], Minas Gerais. A gente saiu de lá de [nome da cidade], bem no interior, bem na roça mesmo. [nome da cidade] é uma cidadezinha bem adiantada e a gente teve de ir para uma chamada [nome da cidade], e ali eu fui até a 5ª série porque nem a 8ª tinha lá também nesta cidadezinha. A gente foi ao estudo até a 4ª série, e foi até os 19 anos. Meu pai do mesmo jeito, incentivando a gente em tudo, a mãe.*

Maria de Lurdes valoriza o “jeito” do pai para realizar as necessidades da família, dos filhos. Mesmo que, ao mesmo tempo, denuncie os limites e dificuldades apresentadas pelas condições sociais da cidadezinha que a permite, aos 19 anos, cursar apenas até 4ª, 5ª série.

A família é unida: o pai, provedor, é exigente. Demarca as terras, o pedaço dele, o dos filhos. Põe os filhos a trabalhar no que é deles para, com seu trabalho, produzirem.

*A gente também trabalhava muito na roça. O único problema nosso é que a gente passou a trabalhar. A gente tinha plantação, meu pai tinha a dele, e nós tínhamos um pedaço, que se a gente queria alguma coisa tinha que trabalhar na roça, comprar as nossas coisas, que ele não podia dar. E a gente tinha ambição, queria ter. A gente plantava arroz, feijão, milho para nós; tirava um pouco para o meu pai e o resto vendia e mantinha. A gente aprendeu independente.*

Com essas narrativas, Maria de Lurdes expõe a dinâmica das relações familiares, com as quais conviveu até a fase adulta, no campo, em Minas Gerais. Por meio dessa dinâmica, expõe também o modo como, a partir do exemplo e projetos do pai, “*aprendeu independente*”.

Essencialmente, ao dizer isso, sintetiza a forma determinante da educação, prevista e dirigida pelo pai, sendo assumida pelos filhos. Não há como negar que a forma de educação desse pai vai além, pois na direção da autonomia e da liberdade, fundamenta suas ações.

## **RELAÇÕES CONJUGAIS E EXPECTATIVAS**

Maria de Lurdes narra a trajetória de seu casamento e lembra o que pensou ao se encontrar, casada, em São Paulo.

*Quando eu fiz 19 anos, eu acabei me casando com um rapaz que morava aqui em São Paulo e que era de Minas, mas estava há muito tempo morando aqui em São Paulo. Ele vai lá a Minas, a gente se conhece e acaba namorando, e, mais tarde, casando. Casei-me, vim para cá. Aí eu pensei: “Ah! Casando-me, agora vou continuar meus estudos”. Porque eu sempre quis estudar, sempre, sempre eu queria terminar. Não falava de uma faculdade, mas de terminar os estudos até o 3º colegial, pelo menos isso eu queria fazer.*

Em relevo, transparece o que São Paulo representa para Maria de Lurdes: a saída da cidadezinha do interior, a saída da 4ª, 5ª série para a

possibilidade de mais estudo. Os estudos, que já faziam parte de sua vida e também de seus projetos para o futuro.

Das relações estabelecidas no casamento, expõe a forma de ser e pensar do marido. Lembra-se do que acontece nos primeiros tempos dessa união.

*Casei e, infelizmente, ele, o meu marido, já não pensava igual meu pai na questão de estudo. Começou a colocar mil obstáculos: “É que não vai estudar, que não vai trabalhar também. Mulher minha não trabalha”, essas coisas. Para evitar tanta discussão, briga em casa, eu acabei deixando. O tempo foi passando e vieram os filhos, ganhei a primeira, depois a segunda, depois a terceira. Mas eu sempre... Ele não deixava eu trabalhar fora, mas em casa.*

Maria de Lurdes lembra quem é, da forma de ser de sua família de origem e reporta-se à dificuldade de seu marido para compreendê-la. Em seguida, narra como buscou o que desejava.

*Como eu sou uma pessoa que vim de uma família independente e de luta, ele não conseguia dar para mim aquilo que eu precisava, ele não conseguia dar. O que eu comecei a fazer? Costurar, costurar para fora. Eu fazia calça plástica, calça de criança. Aqui agora quase não se usa mais, mas é uma coisa que, na época, nossa! Era muito influente. Ganhava a vida. E eu passei a trabalhar de costureira em casa e acabei ganhando mais do que meu marido ganhava. Em casa, cuidando das minhas filhas. E chegava, como é que fala? “varar a noite”, a noite adentro costurando.*

Pode-se perceber que Maria de Lurdes, por meio de sua luta, explicita a objetividade como qualidade que fundamenta sua história. Ela busca desenvolver, usar, nas circunstâncias em que se encontra limitada, das suas potencialidades; nesse momento, para conseguir as condições materiais que lhe faltavam. O momento é outro, as relações são novas para Maria de Lurdes, mas os valores e princípios aprendidos na educação familiar prevalecem. Trata-se de estar atento à realidade, ao que é possível fazer. Mais ou menos o que seu pai conseguia nos limites de seu tempo, local e disposição.

Mesmo mostrando a força de vontade que a move, Maria de Lurdes perde o serviço de costureira. Explica como entende o que aconteceu, procurando estabelecer relações entre o governo e o plano econômico, as empresas e seu vínculo como costureira.

*Mas, passado um tempo, entra esse governo Fernando Henrique com o belíssimo real e, naquilo, as empresas começaram a sair de São Paulo, começaram a ir embora. Várias empresas começaram. O primeiro ano do real foi maravilhoso. Não sei para vocês, onde vocês estavam, mas para a gente aqui em São Paulo foi maravilhoso o primeiro ano. Já o segundo começou a mostrar que não era tudo aquilo. Aí começaram as empresas indo embora, inclusive essa que eu trabalhava onze anos. Trabalhei durante onze anos de costura em casa.*

Maria de Lurdes conta como sentiu esse fato novo em sua vida, agora sem o vínculo com a empresa. Ressalta o que pensa sobre o modo de ser do marido e com isso expõe o embate existente entre eles.

*Começou tudo de novo a ficar precário. Aquela vida precária, que eu não tinha na casa do meu pai, eu comecei a ter depois de casada porque além do meu marido ser muito ignorante, porque ele era muito ignorante. É por isso que eu digo que não é a idade que faz a pessoa ficar velha, a pessoa já é velha independente de idade. E ele pensava muito, como diz, é NÃO! Tudo para ele, ele era do contra. Não deixava a gente ir para frente, ele colocava obstáculo, ele não fazia e nem deixava a gente fazer; era desse tipo.*

A perda do serviço é também a perda de condições materiais para a família. Juntando-se a isso, a não aceitação de seus planos e projetos, por parte do marido, determinam o que Maria de Lurdes chama de “*vida precária*” e que faz questão de lembrar, “*que eu não tinha na casa do meu pai*”. É um momento no qual o que consegue fazer se apresenta “insuficiente” em relação ao que lembra ser capaz. Mostra-se dotada de sentidos próprios do processo de humanização que vivenciara na educação familiar.

Maria de Lurdes relaciona a perda do serviço de costureira, o modo de ser do marido e o valor do salário que ele recebia como fatores que levam sua família a novamente viver um tempo de dificuldades.

*Então começaram a faltar as coisas em casa, a minha filha menor começou ter um problema de um tumor, a gente não sabia se era um câncer. Começou aquele tratamento, e eu me lembro até daquele salário de R\$ 112 reais. Esse salário nunca saiu da minha cabeça, que foi a época que eu mais sofri, porque ele é que ganhava esse salário. Eu não estava ganhando mais nada. Eu ganhava, e o que eu ganhava acabou com essa ida das fábricas embora aqui de São Paulo. Aí acabou meu serviço, comecei só a olhar as crianças. E vivendo com o salário dele de R\$ 112 reais na época, e ela com esse problema. Foi a época mais difícil para mim, que até então eu não sabia o que era dificuldade.*

Maria de Lurdes deixa transparecer em suas narrativas iniciais que cresceu com as condições materiais necessárias e suficientes para viver sem dificuldades. Conforme afirmou, “*tinha ambição, queria ter*”, então plantava, colhia, vendia, comprava mercadorias, consumia. Deixa claro, portanto, que ao ver as coisas faltarem em casa, ao ver por muitos meses R\$ 112 reais e, mais, a filha doente, vê e conhece a dificuldade pela primeira vez. A dificuldade para Maria de Lurdes refere-se tanto à falta de condições materiais quanto psicossociais.

Lembra uma conversa sua com o marido e com isso expõe a situação de impasse que sua idéia de trabalhar fora de casa provocava. Narra o desfecho desse embaraço e o resultado que dele decorre.

*Passado esse tempo todo, depois se descobriu que ela não tinha um câncer (...) as coisas começaram a melhorar para mim, mas porque eu comecei. Eu tive a coragem de largar tudo em casa e sair para trabalhar fora; mesmo contra o gosto dele. (...) Ele falou: “Olha, se você for trabalhar, você quando voltar, você não entra”. Eu falei: “Tudo bem, mas eu vou”. E vim trabalhar, trabalhar de doméstica; foi o único serviço que eu arrumei. Não tinha estudo nenhum, só tinha essa 4ª série; isso já com 26, 27 anos. Vim trabalhar na casa de família, aqui mesmo em Perdizes, pertinho da PUC.*

Ao dizer, “*as coisas começaram a melhorar para mim, mas porque eu comecei*”, isso aos 26, 27 anos, Maria de Lurdes diz mais do que o que conseguiu. Diz da consciência com a qual percebia as relações sociais que enfrentaria com o pouco estudo que tinha. Diz também da liberdade de ação que aprendera da infância à vida adulta no interior de Minas Gerais, e que agora retomava. O que retoma, realmente, é seu potencial humano de autoconstituição histórica.

*E foi aí que começou. Eu vinha de lá e voltei para casa, claro, ele não me mandou embora coisa nenhuma [risos]. Então fui para casa e vim trabalhar direto, trabalhei aí nove anos como empregada doméstica. Trabalhando, passava aqui por dentro da PUC. Eu me via no meio daqueles alunos, mas não era uma coisa muito forte: “não, eu vou fazer!” Chegar aqui, para mim, também foi uma coisa que parece que Deus falou: “Você vai e está marcado já, e você vai fazer PUC”. Apesar de que já tinha três irmãs que já faziam aqui, PUC, mas eu não tinha esse sonho tão grande. Eu pensava que não era capaz de chegar até aqui porque eu não tinha terminado os estudos ainda. Peguei e falei: “Quer saber de uma coisa, eu vou voltar a estudar. Vou terminar meus estudos agora”. E eu comecei no supletivo.*

Lembra que o desencadeamento de atitudes de sua parte gera repercussões e consequências na relação conjugal e também, é claro, em sua história de vida.

*Ele achou ruim de novo, mas já não era como antigamente. Começou reclamando, mas não era como antes que era “é isso, você não vai fazer e pronto acabou”. Já era diferente porque até mesmo quando eu comecei a trabalhar, mesmo trabalhando, achou o máximo. Porque começou a não faltar nada em casa. Comecei praticamente a tomar conta da casa, que foi o grande erro que eu fiz. E de tudo que, mesmo empregada doméstica, eu ainda comecei a ganhar mais do que ele, que sempre ganhou bem pouquinho mesmo. Mas também nunca procurou melhorar o que era nos estudos, uma coisa que ele, claro que tinha bem mais, morando aqui em São Paulo desde novinho, não tendo a escola justamente porque não teve aquele esforço.*

Maria de Lurdes mostra o processo de mudanças que consegue encaminhar por decisão e iniciativa sua. O que exige de si própria também quer do marido. Tece críticas ao pouco esforço do marido e à sua falta de projetos, estudos, estando, desde criança, numa cidade plena de recursos. Explicita, com isso, que entende o homem como esforço e luta. Entretanto, sua análise é bem individualista, atribui a características intrínsecas ao marido sua condição de vida, não conseguindo alçar um nível explicativo mais articulado, com vistas à totalidade, isto é, às condições sócio-históricas.

Pode-se perceber que a vida para Maria de Lurdes melhora ou piora conforme consegue condições materiais e intelectuais. Por isso, é muito importante para ela continuar o que já apreendera no processo de sua educação inicial. Trabalhar, estudar, negociar, pensar, amar já lhe era próprio. Luta por suas qualidades, possíveis de serem retomadas como movimento prático de suas ações. Debate-se, portanto, quando pioram as condições de sua mobilidade, também se debate para mantê-las em processo quando melhoram. Luta em função do que é imprescindível.

*Mas eu voltei a estudar e fiz o supletivo, começando lá da 4ª série de novo porque aqui já tinha esquecido um monte de coisa. Eu só sei que fiz uma prova, passei, e eles já me colocaram ali aonde viram que ia aguentar. Vim estudando até o 3º colegial, fechei o 3º colegial bem para caramba! Aí eu disse: “Agora pronto, já está bom. Eu vou esperar só minha filha estudar, terminar os estudos para fazer faculdade”.*

Sabia dos compromissos com a família, a responsabilidade da educação e estudos dos filhos, as condições financeiras para ela e a filha cursarem uma faculdade. Pensava e planejava conforme suas limitações naquele momento, mas também repensava e replanejava com o incentivo de sua irmã.

*Mas a minha irmã que já estudava aqui na PUC, já trabalhava na área de Serviço Social, ela pegou... Eu terminei no ano, e no final do ano que é mais ou menos setembro, outubro que começa a inscrição na PUC para o vestibular, ela ligou para mim, falou: “De Lurdes, você não vai fazer a faculdade? Eu vejo que você tem tanta vontade, e você tem cara de fazer serviço social”. Eu falei: “Eu não sei não, acho que não dá para mim, não vou aguentar pagar”. Ela falou: “Ah, se você for fazer, eu pago para você a inscrição e depois ainda ajudo você pagar a matrícula”.*

*Você e a [nome da filha].”, que seria a minha filha. Eu falei: “Você ajuda?” Ela falou: “Ajudo”. “Mas está faltando quinze dias?”. Estava faltando quinze dias para prestar vestibular. “Mas eu tenho o que estudar?” Ela falou: “Não, mas eles citam uns livros lá que tem que ler, que tem que preparar para fazer”. Eu comecei a pesquisar esses livros e falei: “Eu vou fazer”. E botei na cabeça que ia fazer, eu e minha filha. E a gente prestou e eu passei. Consegui passar na primeira chamada, já minha filha conseguiu na 9ª chamada, mas esqueceu de olhar e acabou ficando.*

Mais do que o grau de parentesco, sua irmã significa alguém que a estimula e a ajuda. Insiste, investe em Maria de Lurdes. Não há como negar que exercitam as exigências do pai, um mediador de afetividade e racionalidade.

Não há como negar que Maria de Lurdes é ser de práxis, de projetos.

Abre perspectivas de humanidade ao lançar-se ao trabalho/salário e estudo/conhecimento. Conquistando e relacionando meios de vida material e intelectual supera uma situação de dificuldades que empobrecia o porte, ou o alcance humano que já adquirira. Mostra que não renuncia à humanidade conquistada nos primeiros tempos de sua vida.

Ao contrário, toma-a ao “*varar a noite, a noite adentro costurando*”, debater com a angústia da falta das coisas, rebelar-se, sair de casa para trabalhar como doméstica em casa de família, cuidar das filhas, exigir esforço do marido, fazer o supletivo começando da 4ª série e concluir o 3º colegial, passar no vestibular na primeira chamada.

## **A GRADUAÇÃO NA PUC/SP: O CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

Ao se reportar à vida acadêmica, Maria de Lurdes lembra as impressões e os impactos de seus primeiros contatos com o curso de graduação em Serviço Social, na PUC/SP.

*No 1º ano aqui foi muito difícil porque a PUC, com uma crise enorme, atrapalhou bastante a gente no 1º semestre. Foi muito desgastante porque era greve direto, a PUC passando por uma crise terrível. Eu não liguei muito com isso não. Eu fiquei encantada desde o dia que entrei na PUC porque tudo que eu via fazia sentido para mim, tudo fazia sentido. A primeira coisa maravilhosa que eu achei quando eu entrei na biblioteca da PUC, que eu cheguei, me deparei com aqueles autores que todo mundo falava neles. Do Marx, Florestan Fernandes, era tanto que eu falei: “Meu Deus do céu!”. Eu fiquei louca aqui na biblioteca da PUC, eu queria ler aqueles livros todinhos, e falei: “Que coisa maravilhosa! Não, eu preciso fazer alguma coisa para me segurar mais ainda”.*

Maria de Lurdes narra o que significou para ela a entrada nesse curso. Mais que uma entrada num curso, significou um encontro com muitas coisas com as quais sonhava, desde que soube que viria morar em São Paulo, cidade grande para os estudos. É interessante notar que, ao referir-se à biblioteca, isso indica que provavelmente foi a partir do curso que foi informada de que existia esse espaço e como usá-lo. O mesmo pode-se dizer sobre os autores que cita.

O fato de Maria de Lurdes dizer, *“me deparei com aqueles autores que todo mundo falava neles. Do Marx, Florestan Fernandes”*, não só indica que eles, provavelmente, estavam sendo tratados no curso, como expressa uma determinada perspectiva do curso.

Ao lembrar que *“todo mundo falava neles”*, revela uma participação do conjunto dos docentes a caracterizar, por meio da indicação dos referidos autores, um projeto pedagógico.

A aluna, diante de determinados autores, na biblioteca, operacionaliza uma diretriz do curso, iniciada com o processo de redefinição do projeto de formação profissional de Serviço Social, a partir dos anos 1980. Tal projeto expressava a compreensão da profissão como um processo no qual ela se transforma ao se transformarem as condições e relações nas quais ela se inscreve. Compreensão que apontava para a identificação de novas mediações históricas, que operariam *“alterações nos processos de reprodução da vida social, âmbito privilegiado do trabalho profissional, configurando um novo perfil*

de demandas postas à profissão e de respostas que ela constrói” (PP, 2003, p. 2). Assim,

A renovação profissional imprimiu uma “*feição essencialmente crítica ao Serviço Social*” (Iamamoto, 1992:5), possibilitando-lhe efetivar uma ruptura<sup>12</sup> teórico-prática com o tradicionalismo que o definia. Criou-se um novo perfil acadêmico profissional<sup>13</sup>, a partir de uma real inserção nos quadros universitários, respondendo às suas exigências de ensino, pesquisa e extensão, com uma rica produção científica<sup>14</sup> e sua instauração de um mercado editorial específico avançado na interlocução com as ciências afins e conquistando a condição de um parceiro reconhecido no diálogo acadêmico (PP, 2003, p. 1). (As notas não se encontram no texto do PP).

Assim também, no que se refere à sua concepção de graduação, esse curso

parte do pressuposto que o **conhecimento** se alicerça no confronto e no debate que permite ao aluno apropriar-se do saber historicamente acumulado, ultrapassando o papel de receptor e repetidor de informações. Trata-se de criar

---

<sup>12</sup> Segundo Netto (1996), a Associação Brasileira de Ensino de Serviço Social (ABESS), criada na segunda metade dos anos 1940, renova-se como foro expressivo dos debates sobre a formação profissional e procura, desde 1987, animar o Centro de Documentação e Pesquisa em Serviço Social e Políticas Sociais (CEDEPSS) e do ponto de vista da produção científica, a pesquisa coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nobuco Kameyama (UFRJ) acerca dos 740 trabalhos na área - dissertações e teses entre 1974 e 1994; circulando a partir de 1979, a revista profissional *Serviço Social & Sociedade*; um exemplo da abertura da área de Serviço Social ao amplo diálogo interdisciplinar e interlocução teórica, inclusive, na maioria dos programas de pós-graduação trazendo para o debate com profissionais de Serviço Social Michael Lowy, Jaen Lojkin, Robert Castel, Agnes Heller e Ferenc Feher.

<sup>13</sup> Netto (1996) destaca a importância do desempenho, desde a década de 1970, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP, oferecendo uma formação que contava com a contribuição, entre outros, de Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Evaldo A. Vieira e Maurício Tragtenberg. Também os estudos no âmbito do conhecimento sobre a realidade social, considerados avanços no espaço acadêmico, até a entrada dos anos 1990, os esforços de pesquisadores como, por exemplo, Maria Carmelita Yazbek, Vicente Faleiros, Aldaíza Sposati, Potiara A. Pereira e analistas como Ana E. Mota, Franci G. Cardoso, Elaine Behring, sem esquecer o diferenciado número de pesquisadores distribuídos regionalmente.

<sup>14</sup> De acordo com Netto (1996, p. 113): “Tinha-se uma referência claramente marxista em obras que balizaram a análise da política social (Faleiros, 1980), a compreensão do significado social da profissão (Iamamoto, *in* Yamamoto e Carvalho, 1982), uma avaliação da reconceitualização e uma tematização da “transformação social” (Carvalho, 1984), bem como o exame da problemática metodológica (Vv.Aa., 1989). Para além da referência direta, a tradição marxista rebateu forte em textos que se tornaram material de base na formação profissional, como é o caso da produção de pesquisadores da PUC-SP (Sposati *et alii*, 1985; Sposati, 1988), e em livros que renovaram a leitura da história do Serviço Social (Martinelli, 1989)”.

condições para que o aluno incorpore a **teoria como instrumento de explicação e efetivação da prática social**, capacitando-o para a identificação de demandas e a proposta de enfrentamento aos desafios do exercício profissional (PP, 2006, p. 16). Grifos no original.

Os livros e autores com os quais Maria de Lurdes se encontra, portanto, são mais que amostras, pois significam uma “explicitação do projeto de sociedade ao qual se adere o projeto de formação profissional dessa graduação e para o qual a profissão concorre e contribui (PP, 2003, p. 3).

É importante notar que se trata de um momento da história de vida de Maria de Lurdes implicado com toda materialidade de funcionamento do curso que também é historicamente repensado pela categoria dos profissionais do Serviço Social. É o início, para ela, de sua inserção numa direção social, inclusive caracterizada na teoria dos autores que cita. Para os dirigentes do curso, esse momento é a continuidade de um trabalho de ensino que explicita uma direção social definida há décadas atrás.

Em relação ao processo de constituição da identidade de Maria de Lurdes, é um momento que possibilita visualizar a atividade acadêmica como fator de direção social, ainda que potencial, para a sua identidade. Conforme explica Ciampa, a identidade precisa de condições objetivas, “se concretiza na atividade social” (2005, p. 86). Mas, segundo Ciampa (2005, p. 34), é “o sentido da atividade social que metamorfoseia o real e cada uma das pessoas”.

Pode-se notar, no caso de Maria de Lurdes, que a admiração e o encantamento produzido nela, por essa materialidade acadêmica, pressupõem o que Ciampa (2005, p. 140) denomina “uma transformação efetiva, um salto qualitativo”.

Nesse sentido, não se pode perder de vista os fatores que a levam à admiração e ao encantamento, o que remete à materialidade posta pelo curso. Essa materialidade faz com que Maria de Lurdes interaja com uma organização coerente de professores, disciplinas, ementas, livros e autores, que também não acontece por acidente. É uma materialidade alcançada pela luta histórica desse curso e na qual conquista sua maturidade atual.

Há também, na história desse curso, uma transformação efetiva, seu salto qualitativo:

O salto sobre o patamar anterior é palpável: já não se pensa criticamente um elenco de propostas do Serviço Social – procura-se pensar criticamente a própria instituição Serviço Social à luz de suportes teóricos e heurísticos que são apropriados no curso de um exame que faz os assistentes sociais defrontarem-se com as fontes “clássicas” da teoria social (Netto, 2007, pp. 265-266).

Grosso modo, da parte do curso, evidencia-se hoje o trabalho com o ensino na perspectiva da apropriação, pelo aluno, de um determinado conhecimento; da parte do aluno, nesse caso, Maria de Lurdes, evidencia-se a consciência de estar diante das possibilidades de estudo que desejava. Apesar de dizer que tudo fazia sentido para ela, esse “tudo” era “tanto” que a deixara encantada e insegura.

*Porque eu tinha medo de não dar conta, alguma coisa. Eu queria me agarrar em alguma coisa para ficar mais segura aqui porque eu já não queria mais sair desse mundo aqui.*

Maria de Lurdes reconhece as possibilidades e a riqueza desse espaço que começa a frequentar. Mais uma vez, deve-se reiterar que isso não deve ser espontâneo; deveria haver, no curso, orientação para essa busca.

Fica encantada com a biblioteca, aqueles autores todos, quer ler os livros. Tanto que sente medo de não dar conta de tantas possibilidades e alcances. Mas com a atividade racional, que lhe é própria, pensa “*preciso fazer alguma coisa para me segurar mais ainda (...) aqui*”. Alicerça seus pensamentos com o que ouve e vê no curso. Descobre novas possibilidades que o curso oferece.

*O que eu fiz? Logo no princípio eu vi a professora falando em Iniciação Científica e também para me atualizar das salas de aula, porque eu vinha de um supletivo e sem me preparar com o cursinho, eu não me preparei com o cursinho. Do jeito que eu saí da escola estadual eu vim direto para PUC. Então, quer dizer, eu não tinha base nenhuma. Ah! Sim, tinha aquilo, meu próprio esforço, mas não tinha preparação para enfrentar uma faculdade no nível de PUC, que é muito forte. O que eu fiz? Conversei com a professora e ela falou sobre a Iniciação Científica, e eu quis fazer até para aprender mais e aprofundar mais, conhecer mais (...).*

Ao ver e ouvir a professora, Maria de Lurdes encontra uma base para o que estava a pensar, queria mais que as aulas. Pode-se dizer que o fato da professora falar sobre Iniciação Científica denota que há uma estrutura do curso, da qual o professor é parte, para compelir o aluno a buscar mais que as aulas. Já no projeto de revisão curricular, ano 1984 e, agora, por meio do que se narra nesse momento, efetiva-se, na prática acadêmica desse curso, a concepção de que “currículo não é apenas um elenco de disciplinas, mas que estas decorrem de um projeto de curso cuja sustentação está na concepção de profissão e de formação profissional adotadas” (YASBEK, 1984, pp. 44- 45).

É importante perceber o que Maria de Lurdes está a falar: que “quer mais”, “aprofundar”, “conhecer mais”; justamente o que está possível, disponibilizado, porque é o que lhe compele.

Os espaços pedagógicos que se lhe vão sendo apresentados (Disciplinas, Núcleos Temáticos, Oficinas de Formação e de Trabalho Profissional e Supervisão Acadêmica, TCC, Estágio Curricular, Atividades Complementares) são organizados de forma a garantir a articulação das dimensões de ensino, pesquisa e extensão (PP, 2006).

É, de fato, uma relação que exige de Maria de Lurdes algo que ela busca: faculdade, ensino superior. Portanto, é uma relação digna de ser conhecida de ambas as partes.

Nesse curso, os projetos de Iniciação Científica são abrigados e articulados no espaço pedagógico, denominado Núcleo Temático.

Os Núcleos Temáticos são compostos por um professor coordenador, por alunos da Faculdade de Serviço Social, por professores vinculados à temática, a partir de suas pesquisas, serviços ou experiência profissional. Abrigam, ainda, supervisores acadêmicos e de campo, professores pesquisadores de outras unidades de ensino dentro e fora da Universidade, alunos de pós-graduação, representantes de organizações e movimentos sociais, bem como alunos de graduação de outros cursos da Universidade, limitados a 5 vagas por Núcleo Temático (PP, 2006, p. 55).

Das relações com o ensino superior, Maria de Lurdes mostra a dinâmica dessa ligação: exige dela o que lhe é oferecido; compele-a a vincular-se ao trabalho acadêmico oferecido pelo Curso, além das aulas e tarefas básicas dessa graduação.

*E à professora eu pedi, falei: “Eu queria estudar mais, ter mais conhecimento, pegar mais conhecimento porque eu queria alguma coisa que me segurasse dentro da faculdade, não só as aulas, mas outras coisas”. Eu achava que a aula, só na sala de aula, não seria o bastante, até porque eu vim de escola pública (...) e eu queria um algo mais. A professora de Sociologia (...) toda vez ela falava naquele programa de iniciação científica, e eu falei: “Será que eu posso estar fazendo esse curso?” E ela falou: “Pode sim. É só você elaborar um projeto e trazer aqui que a gente analisa”. Eu fui para casa pensando nisso.*

Ao dizer, “*Eu fui para casa pensando nisso.*”, Maria de Lurdes revela que a possibilidade aventada pela professora, pelo curso, indica um rumo a seus pensamentos, mas não o que ela deve pensar, isso deveria caber a ela.

Maria de Lurdes relata algumas implicações que passa a viver em seu cotidiano.

*Abro o olho, tomo café com as minhas filhas, depois venho para o serviço, primeiro vou para o trabalho. Depois venho para cá, para a PUC, para fazer minhas pesquisas, trabalhar no meu projeto, ou então estudar uns textos atrasados a partir das quatro horas; depois vem a aula, é um mundo louco. Quando eu vou para casa, nunca consigo dormir na hora que chego. Aquela aula, depende da aula, se a aula mexeu comigo, eu vou continuar a estudar lá em casa, eu sozinha para tirar as minhas dúvidas. Fazendo uma coisa com a outra, não consigo dormir, eu vou dormir lá para as duas, duas e meia.*

Ao dizer que continua a refletir em casa sobre o que se passou em determinada aula, Maria de Lurdes diz que leva para si, subjetivamente, o que antes era atividade direta com outros, em sala de aula. E, ainda, ao dizer “*se a aula mexeu comigo, eu vou continuar a estudar lá em casa*”, mostra o ensino como fator de mobilização intelectual, fator de provocação, que lhe traz “*dúvidas*”, tira-lhe o sono, mobiliza-a.

Pode-se dizer que essa mobilização é uma nova forma de ser que se objetiva nas atividades de Maria de Lurdes, por meio do que ela faz, pensa e sente com as condições concretas colocadas na relação acadêmica.

O que se pode notar é que as relações professor-aluno e ensino-aprendizagem, iniciadas na sala de aula, continuam fora dela, porque há a continuidade do trabalho. Ou seja, o trabalho com o ensino se mostra na direção da continuidade deste por parte do aluno; isto é revelado por Maria de Lurdes ao dizer como a relação com as condições que encontra no curso implicam nela, como condições novas e conscientes a lhe impor uma reestruturação interna, sozinha.

É um processo no qual se pode reconhecer a continuidade da atividade que se realiza do curso para o aluno, a princípio, mobilizando-o a continuar esse processo de atividade. É uma perspectiva de trabalho reiterada até o momento, mas reforçada com a história de renovação<sup>15</sup> desse curso. Conforme ouvimos da coordenadora do curso, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Beatriz Costa Abramides, para compreender a história do curso é preciso vincular o seu projeto com a trajetória histórica da profissão e com, como dizia José Paulo Netto, a ruptura com o conservadorismo<sup>16</sup>.

Com os dados acima, é importante notar que o que acontece com Maria de Lurdes hoje, em sua relação com esse curso, é resultado da luta da categoria por reduzir cada vez mais o caráter superficial de “celebração da profissão” (NETTO, 2007, p. 134), das discussões teóricas e revelar espaços de polêmicas temáticas de natureza teórica, ideológica e política. Mas, para além da luta pela validação teórica, mais quatro aspectos estão implicados na renovação do Serviço Social e, portanto, no trabalho da faculdade hoje:

---

<sup>15</sup> “Entendemos por renovação o conjunto de características novas que, no marco das constrictões da autocracia burguesa, o Serviço Social articulou, à base do rearranjo de suas tradições e da assunção do contributo de tendência do pensamento social contemporâneo, procurando investir-se como instituição de natureza profissional dotada de legitimação prática, através de respostas a demandas sociais e da sua sistematização, e de validação teórica, mediante a remissão às teorias e disciplinas sociais” (NETTO, 2007, p. 131).

<sup>16</sup> Expressão que diz respeito ao Serviço Social tradicional como sendo “(...) a prática empirista, reiterativa, paliativa e burocratizada” dos profissionais, parametrada “por uma ética liberal-burguesa” e cuja teleologia “consiste na correção – desde um ponto de vista claramente funcionalista – de resultados psicossociais considerados negativos ou indesejáveis, sobre o substrato de uma concepção (aberta ou velada) idealista e/ou mecanicista da dinâmica social, sempre pressuposta a ordenação capitalista da vida como um dado factual ineliminável” (NETTO, 2007, pp. 117-118, nota).

- a) a instauração do pluralismo teórico, ideológico e político no marco profissional, deslocando uma sólida tradição de monolitismo ideal;
- b) a crescente diferenciação das concepções profissionais (natureza, funções, objeto, objetivos e práticas do Serviço Social), derivada do recurso diversificado a matrizes teórico-metodológicas alternativas, rompendo com o viés de que a profissionalidade implicaria uma homogeneidade (identidade) de visões e de práticas;
- c) a sintonia da polêmica teórico-metodológica profissional com as discussões em curso no conjunto das ciências sociais, inserindo o Serviço Social na interlocução acadêmica e cultural contemporânea como protagonista que tenta cortar com a subalternidade (intelectual) posta por funções meramente executivas;
- d) a constituição de segmentos de vanguarda, sobretudo mas não exclusivamente inseridos na vida acadêmica, voltados para a investigação e a pesquisa (NETTO, 2007, pp. 135-136).

De fato, os aspectos apontados acima são norteadores para se analisar o que Maria de Lurdes lembra abaixo. São detalhes que ilustram o sentido das mudanças que a atividade acadêmica provoca nela.

*Eu tive muitos momentos felizes da minha vida, grande parte foi isso da igreja (...). A escola abre mais a mente da gente no sentido de você não ficar a mesma. (...) você é de um jeito, daí a pouco você já não é. (...) Até mesmo como família muda, vê mais a pessoa do outro na questão de ser humano, reconhecer o valor do outro. Você critica uma coisa (...). É diferente de quando você tem o conhecimento para poder criticar (...). Eu tenho família, que eu sinto que eu tenho família, filho, uma família legal que eu constituí porque eu quis ter essa família; eu quis essa família para mim, constituí ela direitinho. Eu tenho a minha religião, e aí eu venho para uma faculdade, para ciência... Eu estou no deserto onde cada um, cada pessoa é diferente daquilo que você pensa, aquilo que você tem, tudo construído, seu, para aquelas pessoas não é nada, só você tem.*

Maria de Lurdes fala como entende o que está a acontecer com ela, as contradições que enfrenta. Debate-se e esforça-se para explicar o processo de superação que visualiza como essencial para o que chama de “desgarrar” para ir “para a frente”.

*Então eu vejo, fora daqui não é deserto, aqui é um deserto, às vezes não sozinha, às vezes com alguém, mas é o indivíduo, o sentimento é seu, independente de qualquer coisa. Vamos supor, trabalhar o indivíduo no íntimo é difícil, não é? Aquilo que você tem que é seu, e que você tem de identidade é difícil tirar, a pessoa é que vai vendo, e é isso que eu estou falando para você, é difícil porque você tem que saber tirar isso que é você,*

*isso, esse íntimo seu que você acha que é certo. Tem coisa que você precisa desgarrar porque senão você não vai. Você pensa que está indo, não vai para a frente, não evolui aquilo que você está fazendo.*

E ilustra o processo que experimenta.

*Vamos supor, ser assistente social não é fácil se você tem preconceito. Evoluir é sair dos preconceitos, sair do mundinho. Vamos supor: para eu trabalhar uma pessoa eu não posso usar o meu sentimento, o meu. Eu sou católica, eu tenho meus costumes e eu vou levar isto lá para o meu serviço aonde eu vou? Não. Eu tenho que esquecer tudo isso que eu tenho. Então, isso que é difícil. Eu tenho que levar aquilo que aprendi da profissão. Por exemplo, a pessoa vai falar comigo, vamos supor que ele tem uma religião; eu não posso olhar que religião ele tem, eu tenho que tratar ele, como levar aquilo que eu aprendi como assistente social, como o assistente social deve agir, eu tenho que levar isso. É isso que eu estou tentando dizer, que nessa profissão eu não posso levar o meu sentimento, o meu. Colocar, você tem que fazer isso porque é isso que está certo, eu não posso fazer isso com a pessoa.*

É possível notar que Maria de Lurdes prova o movimento de um processo consciente de contradição/superação que tenta conhecer, auto-examinar. Mostra que a forma de pensar sobre si incorpora uma formação que amplia os horizontes de suas análises, mas também lhe provoca reestruturação subjetiva. Demonstra a apropriação de conhecimentos, que pode ser vista pelas objetivações que faz em várias direções, com o auto-exame de seus conceitos sobre a família, a igreja, a ciência e a profissão do assistente social. Mostra, com isso, que os fundamentos teórico-metodológicos de sua atividade acadêmica são um arcabouço que permite a ela exercitar a liberdade de pensar e repensar o encaminhamento do que está a conviver; uma liberdade de ação fundamentada que possivelmente não alcançaria se o curso de Serviço Social não tivesse, antes dela, alcançado.

Com foco no processo que movimenta sua identidade, a perspectiva que se explicita em suas narrativas lembra o processo de existir humanamente, teorizado por Ciampa (2004, p. 71): “o existir humanamente não está garantido de antemão, nem é uma mudança que se dá naturalmente, mecanicamente – exatamente porque o homem é histórico”. Pode-se notar que Maria de Lurdes pensa e repensa as instituições e seu próprio modo de ser e pensar. Mostra

uma produção mental fundamentada teórica e metodologicamente, mas que não determina o que ela deve pensar; por outro lado, também é possível notar que o seu pensar é alicerçado por tais fundamentações. Segundo Ciampa (2004, pp. 71-72),

De um lado, portanto, o homem não está limitado no seu vir-a-ser por um fim preestabelecido (como a semente); de outro, não está liberado das condições históricas em que vive, de modo que seu vir-a-ser fosse uma indeterminação absoluta. (...) é do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e, conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade.

Importa perceber a ligação do processo de constituição da identidade de Maria de Lurdes com o trabalho do curso de Serviço Social da PUC/SP, como representante de um movimento que a faz ver, como ela diz, “*mais a pessoa do outro na questão de ser humano*”.

Ver o outro como ser humano caracteriza uma identidade que foge da tendência geral do capitalismo, que, de acordo com Ciampa (2004, p. 72), “é constituir o homem como mero suporte do capital, que o determina, negando-o enquanto homem, já que se torna algo coisificado (...)”.

## O PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Maria de Lurdes lembra fatos de sua vida profissional, sucedidos, e que eram muito presentes em sua memória no momento em que pensava o que a professora dissera sobre elaborar um projeto de Iniciação Científica.

*E nisso eu perdi o serviço na casa dessa mulher que eu já falei. Eu entrei na faculdade, ela arrumou uma desculpa lá, e eu pensei: “É porque eu tinha entrado na faculdade e nem todas gostam que a gente vá para a frente”. Isso foi o que eu pensei. Depois até que ela falou para mim que foi isso, mais ou menos, mas não era tanto. Na verdade, não queria me perder e achou que ia ser muito difícil eu fazer a faculdade e ficar com ela e mais uma outra. Eu ainda trabalhava com uma outra pessoa também. Eu trabalhava meio período na casa dela, meio período em outra, e ainda ia fazer a faculdade. Então ela achou que isso era muito,*

*e acabamos discutindo. Ela pensou que ia me humilhar e não fiz isso mais, eu não fiz até porque eu estava com problema com a minha filha e ela nem olhou isso, e já foi falando para mim. Eu falei: “Então está bom, eu prefiro sair”. E saí mesmo.*

A narrativa de Maria de Lurdes expõe o sistema ao qual estava submetida, as relações que estabelece com as patroas, os horários, a faculdade, o problema da filha, os sentimentos de humilhação, as decisões de ruptura com determinadas situações. Mostra uma consciência que reflete criticamente sobre sua situação nesse sistema.

Maria de Lurdes não analisa a estrutura social à qual está submetida, a relação patrão-empregado e a ordem burguesa, a partir de mediações teóricas. Analisa o que vive, reflete sobre o que sofre no cotidiano. Uma reflexão pertinente à realidade da qual é parte. Apresenta-a sem moralismo, sem julgamento, mas criticamente.

*Só que ficou uma angústia muito grande, porque eu sei que a vida de empregada doméstica não é boa. Para mim ainda era boa, mas eu conheço pessoas que trabalham como domésticas, que são verdadeiros escravos ainda, em casa de muitas pessoas que pagam salário que não é salário adequado. Tem pessoas que chegam a ganhar R\$15,00 (quinze reais) por mês aqui em São Paulo, acredite nisso. Quando vêm pessoas da Bahia para cá elas costumam ter essa exploração, que não vem à tona essas coisas.*

Revela o que pensa das condições reais das empregadas domésticas com as quais convivia. Não se atém a explicar a lógica do modo-de-produção fundado justamente na compra da força de trabalho. Mas diz:

*Então que é que eu fiz? Depois que eu saí da casa dela, fiquei um pouco indignada. (...) Não que eu ache que ser empregada doméstica é um serviço dos piores do mundo como todo mundo acha. Claro que é, mas é uma coisa que me ajudou bastante, eu nunca vou dizer: “Arrependi-me de ser empregada doméstica”. Nunca me arrependo de nada que eu fiz na minha vida. Em questão de trabalho não, porque se eu estou aqui na faculdade hoje, esse serviço me ajudou muito, inclusive criar minhas filhas. É a questão de escrever, de falar sobre a empregada doméstica,*

*não pelos patrões, as patroas, porque a gente encontra várias patroas que são maravilhosas e eu tive patroas muito boas para mim, inclusive esta que eu trabalhei nove anos, e que por causa de um desentendimento que nós tivemos, acabei saindo da casa dela. A gente ficou pensando: “Nossa fica tanto tempo, vai... fica com raiva...” Mas nós não ficamos com raiva uma da outra, hoje a gente é amiga, ela se arrependeu de ter me mandado embora. Ela várias vezes me convidou para ir à casa dela, até como convidada eu já fui várias vezes. Não tem aquela coisa de orgulho, essas coisas, não tem. Acho que é por isso que as portas vão se abrindo, porque a gente vai deixando rolar as coisas.*

Importa perceber que Maria de Lurdes, em sua narrativa, expõe o que pensa das relações de trabalho, mas também reconhece que se estabelecem entre ela e algumas patroas relações de ajuda, solidariedade e afeto. Também aponta por qual perspectiva pretende abordar a questão: “*É a questão de escrever, de falar sobre a empregada doméstica não pelos patrões (...)*”. Com isso, mostra que está a aprender uma forma de análise que ainda não tem muito claro, mas que sabe que é mais do que escrever o que sente, o imediato circunscrito às relações com os patrões.

Pode-se perceber isso como uma manifestação de sua consciência, que está a considerar uma metodologia, um método de análise, que certamente vem sendo aprendido no curso.

Maria de Lurdes lembra que cria uma idéia para o projeto e a avaliação da professora sobre um possível projeto de pesquisa de Iniciação Científica.

*Sobre o Projeto de Iniciação Científica, a idéia foi minha. É uma própria vida minha como eu sou: empregada doméstica. (...) A professora de Sociologia falou para mim: “Olha, eu achei seu projeto, sua idéia, muito boa, mas só que a gente vai ter que mudar, porque você não colocou, não introduziu a profissão que você vai fazer, que é Serviço Social, e é preciso unir uma coisa com a outra. Eu perguntei: “Mas como que vai ser isso?” Ela falou: “Você tem que unir, conciliar essa pesquisa sua da empregada doméstica com o Serviço Social”.*

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso, em 2006, os projetos de Iniciação Científica, abrigados nos Núcleos Temáticos, referem-se a pesquisas que objetivam a dimensão formativa do aluno, “a partir das suas inserções de classe social, de gênero, e de religião, nas suas expressões de valores sociais, culturais e ideológicas e nas suas relações étnico-raciais” (PP, 2006, p. 54).

A eleição das temáticas geradoras dos Núcleos Temáticos e, conseqüentemente, dos projetos de Iniciação Científica,

tem como critério a sua relevância como expressão significativa da questão social e sua inflexão no exercício profissional, sob a orientação da direção social do curso, das demandas sociais postas pela realidade à profissão e da política de pesquisa da Faculdade (PP, 2006, p. 54).

Nesses espaços pedagógicos, os professores criam, recriam e transformam os temas de acordo com a capacidade desses espaços “funcionarem como ‘antenas-radares’ das demandas da realidade e da exigência de competência profissional teórico-operativa para articularem respostas, adiantando-se às demandas sociais” (PP, 2006, pp. 54-55).

A definição das estratégias didáticas de trabalho do professor faz parte do papel que tem como dirigente e coordenador do processo de ensino que

Compreende o conhecimento como um processo em permanente construção, que supõe o exercício constante do debate democrático e aberto, no qual professor e aluno se posicionem sobre os temas abordados, trabalhem questionamentos e indagações na perspectiva de um saber reciprocamente construído, embora em níveis diferentes. (YASBEK, 1984, p. 86).

Maria de Lurdes mostra o fundamento da idéia do tema e o enfoque específico do Projeto de Iniciação Científica como um trabalho da relação professor-aluno. Relata a reciprocidade do trabalho de ambas as partes e, no polo do professor, explicita a responsabilidade da condução orientada do processo de pesquisa científica.

*Então surgiu a idéia, porque **Mulher negra: da casa grande aos novos quilombos** é meu tema; quer dizer: contando uma vida minha, a minha vida mesmo. Ela colocou então: “O recorte vai ser: **A empregada doméstica no Serviço Social**”. Então ficou, o Serviço Social é onde que*

*estou trabalhando já com esse projeto e, como ela fala: é conhecer o que fez a empregada doméstica procurar o Serviço Social, o que fez tantas empregadas domésticas procurarem o Serviço Social? Porque o Serviço Social, essa profissão, essa área aqui não é tão barata na PUC. Ela chega a ser até mais cara de que outro curso, e várias empregadas domésticas procuram o Serviço Social. Então, a gente está procurando saber o porquê que as empregadas domésticas procuram tanto o Serviço Social. É isso que tenho que ir buscar. Agora em mês de junho eu vou pegar uma parcial já, e vou entregar essa parcial onde eu estou buscando toda a história da mulher negra, desde lá do tempo da escravidão, do Congo, lá da África, e estou vindo, trazendo pelo tráfico negreiro, passando por tudo isso até chegar nos dias de hoje, qual a evolução da mulher negra.*

Pode-se observar, nessa relação acadêmica, que a pesquisa aglutina vários processos: ambas as partes dispõem de energia própria para articular os materiais de trabalho, o local e os sujeitos da pesquisa, os livros, autores e teorias, os objetivos e os métodos, as técnicas e os instrumentos, o tempo de elaboração etc.

O fato da aluna Maria de Lurdes trabalhar a história da mulher negra, buscando compreender os determinantes da relação mulher negra/mercado de trabalho/empregada doméstica, e empregada doméstica/Serviço Social, por exemplo, revela que exercita uma forma (dialética) de pesquisa exigida pelo professor do curso. Mostra, ainda, que a relação aluna/Curso se efetiva por meio do que entrega à orientadora, mas também nas exigências que passa a ter sobre o que pensa em casa, na forma como concebe o mundo etc.

A especificidade dessa relação, quem a organiza, define o perfil profissional a ser formado é o curso. Mas é o que ocorre com Maria de Lurdes que interessa como meio de avaliar a efetivação do processo de ensino-aprendizagem, para além dessa relação acadêmica, como é o caso aqui. Maria de Lurdes aqui não é só aluna. Maria de Lurdes não separa o curso de sua vida cotidiana, mas incorpora o que aprende, e o que quer saber mais, à própria realidade de sua vida.

Aqui, é possível apreender de sua narrativa o que, no projeto do curso, é pressuposto para a concepção de graduação: “incorpora um processo de ensino-aprendizagem que leva o aluno a se tornar sujeito de seu próprio processo” (PP, 2006, p. 16). É importante perceber que a relação que se

estabelece com a pesquisa de Iniciação Científica é determinada pela concepção de formação em Serviço Social.

Falando de uma de suas tarefas, o projeto de Iniciação Científica, Maria de Lurdes expõe o processo de apropriação/objetivação da atividade acadêmica que se efetiva conforme trabalha com as finalidades da pesquisa.

*O projeto, eu não estou tendo bem horário para ele, só para ele, eu estou dividindo. Divido entre o projeto e a aula, tem vez que eu o pego às quatro horas e vou até cinco e meia, e depois eu pego alguma coisa da sala de aula, senão fica tudo parado, principalmente agora final de semestre está bem corrido. Ainda estou parada na, espera aí, já passei a questão do [pausa], não, estou agora: a mulher no mercado de trabalho. Eu peguei esses jornais para estar ele todo, o que sai ali que me chamou a atenção eu vou fichando, eu vou colocando e depois eu vejo onde que eu vou jogar. A próxima que eu vou fazer são as entrevistas a campo; depois elaborar essas entrevistas como você faz, direitinho, e mostrar para a orientadora.*

Maria de Lurdes mostra com detalhes um momento de “toda” sua vida, ali, no planejamento, na organização e realização das exigências do curso. Mostra pensamento e ação, teoria e prática, como unidades. Seu modo de pensar/planejar para dividir, programar e controlar o tempo para o projeto e cada questão dele, a aula; projetar e relacionar o que fazer com cada material para o projeto; elaborar, realizar e formalizar entrevistas, é diferente de seu modo de ser/fazer o trabalho, executar no tempo previsto a coleta dos jornais; identificar neles as questões da mulher no mercado de trabalho; entrevistar; encontrar a orientadora etc.

O modo de ser e pensar são diferentes, mas ao mesmo tempo, em unidade, pois as forças dos múltiplos órgãos que trabalham são distintas e os momentos de seu desempenho também, mas inseparáveis no processo das atividades diárias.

O que acontece com Maria de Lurdes é, também, o enfrentamento das exigências do curso de “*unir uma coisa com a outra*”, ou seja, “*uma própria vida minha como eu sou: empregada doméstica (...) com o Serviço Social*”. Pode-se visualizar em sua narrativa, no que faz, no modo como faz a pesquisa, os materiais que coleta; configura-se, assim, o processo de seu desenvolvimento.

É um momento de sua história, que remete ao entendimento de Ciampa, que atividade, consciência e identidade (personalidade, para Leontiev) são categorias fundamentais para a Psicologia Social estudar o homem.

É necessário, portanto, analisar o que acontece com Maria de Lurdes sob a ótica da interrelação do que ela faz, pensa e manifesta com o porquê, para quê e como faz, pensa e manifesta. O que implica considerar mais do que suas narrativas. O fato de Maria de Lurdes operar com uma forma dialética de pesquisa, por exemplo, não se restringe à relação professor-aluno confinados a uma pesquisa. Refere-se também a um projeto de formação profissional, radicado num projeto de sociedade, que tem claro que tipo de profissional quer formar e trabalha determinado por seus motivos e finalidades.

Assim, é importante notar a preponderância da atividade social, nesse caso, acadêmica, no processo de constituição da consciência/identidade. Inseparavelmente contidas, pode-se dizer que “parece impossível analisar uma sem recorrer às outras, ainda que possamos destacar uma, como aqui está sendo feito” (CIAMPA, 2005, pp. 133-134).

## **A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

Dos professores do Curso de Serviço Social da PUC/SP, que frequenta há dois anos, Maria de Lurdes descreve como compreende o trabalho que desenvolvem.

*Quando a gente entra, começa a ver o professor, cada um com uma matéria diferente, cada um bate ali em você, mostrando, tirando as máscaras mesmo. Aquelas máscaras do conservador. A gente sabe o que está acostumado do dia-a-dia, então cada vez que vem um professor e fala na sala de aula, a gente... puxa vida, como a gente é enganado neste mundo! E aí você começa a abrir a mente e daqui a pouco, você está questionando as pessoas o porquê daquilo; a gente está num determinado lugar e começa a consertar as pessoas.*

Nessa narrativa, é possível notar o movimento do que a aluna apreende do curso, sendo relacionado, socializado, objetivado por meio dos intercâmbios com outras pessoas e lugares não acadêmicos. Pode-se dizer que o processo de ensino-aprendizagem está calcado na formação, no aluno, de uma atitude prática de cunho educativo, sustentado criticamente num arcabouço teórico.

Essa perspectiva de formação é considerada por esse curso quando, em 1984, redefinia a identidade profissional do assistente social a ser formado, considerando professor e aluno como agentes envolvidos na prática pedagógica, com papéis diferenciados, não excluindo a dimensão de complementaridade suposta na “delimitação de atribuições, responsabilidades e direitos recíprocos, que serão concretizados no desenvolvimento do processo de formação profissional e de realização dos papéis respectivos” (YASBEK, 1984, p. 85).

O que, em sua narrativa, Maria de Lurdes demonstra fazer com as pessoas, vincula-se ao estabelecido pelo projeto do curso, no que se refere ao papel do aluno:

Deve participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem como aluno e como cidadão, participação que não se esgota em sala de aula, envolvendo a prática social e acadêmica. Espera-se que ele construa sua autonomia técnica e científica, no sentido de ampliar sua formação profissional além dos limites da bagagem de conteúdos e experiências propiciadas pelo curso (YASBEK, 1984, p. 86).

Ao dizer, “*o professor, cada um com uma matéria diferente (...), cada vez que vem um professor e fala na sala de aula (...) você começa a abrir a mente e daqui a pouco, você está questionando as pessoas, o porquê daquilo; a gente está num determinado lugar e começa a consertar as pessoas*”, Maria de Lurdes expõe o projeto do curso, pela unidade de seus professores e por ela incorporado. Também expõe a dinâmica de seus intercâmbios e atividades acadêmicas. Fala de professor e livros:

*O professor de História, [nome do professor], ele é historiador aqui da PUC, dá aula aqui nas Ciências Sociais, e é professor que a gente estudou no 1º ano e que ele conheceu. Ele tem livros, escreveu [nome do livro], bastantes livros, que é um historiador, e*

*eu precisava de um livro da Carolina de Jesus<sup>17</sup> que é a questão também do negro. Eu pedi para ele emprestar para mim. Ele falou para mim: “Maria, eu tenho um livro que vai ajudar você na sua pesquisa”. Ele me deu, arrumou para mim, emprestou para eu trabalhar e deixou para mim, nesse dia que você viu o pacote.*

Maria de Lurdes fala das orientações, aulas, extensão e certificados.

*Essa que está me orientando mesmo, ela faz muitas coisas para mim, inclusive essa semana até sai na revista da PUC. Então menina! [risos] Sobre essa pesquisa mesmo. Veio um professor da USP, está dando aula aqui, o professor Kabenguele. Ele estava fazendo uma aula. Kabenguele Munanga, do Congo, que fala sobre os negros. Ele veio aqui na faculdade falar sobre a arte africana e eu participei por dois dias, ganhei certificado e tudo. Tudo que passa é muito importante a gente pegar.*

Fala também de autores e estudos, opiniões e sentimentos.

*A escola abre mais a mente da gente no sentido de você não ficar a mesma. Os autores mesmo, quem estuda Marx não fica o mesmo. É, começa a pensar para frente, não fica no comodismo. Marx incentiva a gente. Incentiva ir à luta, e que nós somos capazes. (...) o capaz individualmente e coletivamente, quanto mais coletivamente melhor, na coletividade. Ele é um dos autores que eu mais gostei, e no Serviço Social foi isso, essa coisa de ir à luta, não ficar sem buscar. Claro que tem vários autores que completam ele, como Gramsci. Os autores positivistas também eu gosto porque é uma questão de, acho que uma coisa completa o outro. A questão de Durkheim eu gostei muito de estudar porque fica aquela coisa mais passiva, mas é como se diz, é que ele é positivista como Comte, Durkheim, humm, como é que é outro...*

---

<sup>17</sup> Carolina Maria de Jesus, escritora que balançou os padrões literários brasileiros com um conjunto de 37 (trinta e sete) cadernos, a maioria com textos originais, contidos em cerca de 4.500 (quatro mil e quinhentas) páginas manuscritas. São os famosos diários publicados em muitos países do mundo, com tiragem calculada em cerca de 1 milhão de exemplares. A primeira parte desses diários, poucas páginas colocadas a público no início dos anos 1960, no Brasil, intitulado **Quarto de Despejo**, permanece como um dos mais importantes textos da história do livro em nossa cultura. A segunda parte de seus diários, publicada como **Casa de Alvenaria** foi de onde retiramos essas informações encontradas no preâmbulo escrito por seus organizadores, José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. A cada um cabe procurar Carolina Maria de Jesus e a literatura das vozes subalternas a narrar a vida do oprimido no Brasil.

Sobre os autores que estuda no curso, Maria de Lurdes identifica o que apreende de Marx com o que encontra no curso de Serviço Social. Diz, “*Ele é um dos autores que eu mais gostei, e no Serviço Social foi isso, essa coisa de ir à luta, não ficar sem buscar*”, assim, traz à tona uma lógica do trabalho com o ensino dessa faculdade, pautada num projeto de formação profissional comprometido com “valores e princípios colocados no horizonte do projeto de superação da ordem burguesa, já assumidos por setores da categoria dos assistentes sociais consubstanciados no seu Código de Ética (1993<sup>18</sup>)” (PP, 2006, p. 12).

Pelas palavras dessa aluna, é possível perceber a efetivação, nela, do que no projeto pedagógico do curso é premissa: imprimir “uma direção no processo de formação profissional” (PP, 2006, p.12). Essa direção social é conferida à formação profissional pela dinâmica “construída na processualidade de um debate necessário entre projetos e vertentes” (PP, 2003, p. 4), sendo, portanto, “conquista ideo-política” (PP, 2004, p. 4) dessa Faculdade que movimenta o desenvolvimento de indivíduos sociais<sup>19</sup>, ou seja, “*essa coisa de ir à luta*”, que Maria de Lurdes diz gostar no curso, é um princípio coletivo nessa relação, que ela reconhece e gosta de encontrar.

Maria de Lurdes expõe resultados dos intercâmbios, atividades e tarefas que tem efetivado desde sua entrada nesse Curso Superior.

*Você começa a se reconhecer. Eu ainda estou no 2º ano, na metade do 2º ano, lá para o 3º eu vou estar diferente do que eu estou falando para você agora, porque vão mudando os conceitos da gente (...). Vai mudando conforme você vai lendo vai abrindo a sua mente de uma forma (...) mudou-se muita coisa, mas (...) eu*

<sup>18</sup> O referido Código de Ética de 1993 é composto de princípios ético-profissionais do Serviço Social. É importante registrar ao menos o primeiro princípio, o do “reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas a ele inerentes: autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais” BONETTI (org.), 2007, p. 181. Aprovado em 13 de março de 1993 pela Res. CFSS nº 273/93, o Conselho Federal de Serviço Social – CFSS, resolve em ser art. 2º - “incluir nas Carteiras de Identidade Profissional o inteiro teor do Código de Ética”. A cada cidadão e profissional cabe procurar conhecê-lo.

<sup>19</sup> Entende-se que o desenvolvimento de indivíduos sociais é um compromisso da direção do curso, assim descrito: “segundo o PPI, o Projeto Pedagógico implica sempre um rumo, uma direção, ‘é uma ação intencional com um sentido explícito, com um compromisso social definido coletivamente’ (2004:20). É nesse sentido que o pedagógico é político, pois ‘(...) traz em si o sentido e o significado do compromisso social da instituição com a formação do cidadão crítico’ (2004:20)” (PP, 2006, p. 12).

*estou ainda em casa de família trabalhando, eu estou mãe de família e vou continuar sendo, claro. O que mudou? Mudou esse conhecimento que já está todo aí (...).*

Diz de si, comparando o momento atual ao anterior, diz:

*(...) já não sou mais eu no sentido de que hoje eu tenho muito mais conhecimento do que eu tinha antes (...). Antigamente quando eu sofria um tipo de preconceito, ah! Eu me sentia lá no chão. Hoje não, hoje eu já, nossa! Se a pessoa falar qualquer coisa para mim de negativo, eu me ponho lá em cima falando para ela, e para mim mesma; sem sentir lá no chão como eu sentia antes, hoje não. (...) A igreja me deu bastantes coisas, mas a questão de que “você pode Maria, você é uma pessoa que dá para acreditar” foi na faculdade que eu vi isso.*

Maria de Lurdes distancia-se para dizer de si. Compara sua forma de ser “antigamente e hoje”. Evidenciando o que faz hoje como nunca havia feito antes, percebe-se em seu processo de mudança. Percebe que é uma mudança nas condições que passa a ter para pensar e falar, para se defender, se autoafirmar e para se posicionar na sociedade.

Pode-se notar que são condições de vida, mais que “conhecimentos científicos”, sobre a questão do preconceito, por exemplo. O que a aluna vê na faculdade é mais que a mediação de um elenco de conteúdos programáticos, pois a autoconsciência que se efetiva em Maria de Lurdes, que ela mostra ao relacionar dois momentos de sua história de vida, entre outros, é expressão de que toma a liberdade de ação sob determinados parâmetros teóricos.

Mostra que não é qualquer ensino que desenvolve a consciência e transforma uma identidade humana.

Esse é um processo, sem dúvida, que expressa a noção de identidade como metamorfose, desenvolvida por Ciampa (2005). Para esse autor, a identidade frequentemente vista como dada, deixa de lado seu aspecto constitutivo e as implicações recíprocas desses dois momentos.

Focalizando a identidade de Maria de Lurdes, a partir dos dois anos que cursa a faculdade, é possível visualizar a interação dos aspectos mencionados por Ciampa: uma história de vida de 40 anos (um processo de identidade dada,

efetiva, real), mas que deve ser considerada como processo de produção, não espontâneo, nem natural, “de tal forma que a identidade passe a ser entendida como o próprio processo de identificação” (CIAMPA, 2005, p. 160).

Ao dizer, “*já não sou mais eu no sentido de que hoje eu tenho muito mais conhecimento do que eu tinha antes*”, explicita uma forma de ser, por meio da qual coordena sentimentos, consciência e ação inseparavelmente contidos na relação de apropriação de conhecimentos advindos de um processo de dois anos de ensino e de aprendizagem, que se articulam, porque se incorporam, a toda uma experiência histórica de vida. Ou de dois anos de trabalho subordinado ao projeto pedagógico do curso concentrado em aulas e inúmeras atividades complementares, acesso a determinados livros e leituras, teorias e autores, formas específicas de investigação e levantamento de dados, pesquisas e análises com consoante metodologia, procedimentos etc.

São interações que devem ser levadas em conta ao ouvirmos de Maria de Lurdes: “*já não sou mais eu*”. De acordo com Ciampa, trata-se da superação de si no devir como metamorfose, falando da possibilidade de transformação estruturada numa materialidade, segundo condições concretas.

(...) Cada coisa é uma formação material; tanto uma sociedade, como uma instituição, uma família, um grupo, como também um ser humano, todos são formações materiais particulares em relações recíprocas universais. Sempre que se faz um corte no real, pode-se estudar uma formação particular como geral (por exemplo, uma nação, que de fato é parte da humanidade), relacionada a outra formação particular, tomada como parte desse geral.

Então, ao estudar um ser humano, deve ficar claro que se está sempre estudando uma formação material determinada, qualquer que seja o corte feito na universalidade das relações recíprocas em que está inserido (o que autoriza, sem ilogicidade, por exemplo, falar tanto em identidade pessoal como identidade (s) coletiva (s) no âmbito das ciências humanas).

Ao estudar a identidade de alguém – da Severina, como exemplo - estuda-se uma determinada formação material, na sua atividade, com sua consciência – vale repetir – não como três coisas justapostas, mas presença de todas em cada uma delas, como uma unidade (CIAMPA, 2005, pp. 150-151).

Maria de Lurdes explica sua experiência num dos espaços pedagógicos do curso:

*A partir do segundo semestre do segundo ano o aluno pode escolher o Núcleo que quiser fazer. Como meu trabalho é relacionado a gênero, optei por fazer. Se você conversar com o professor você pode participar, e a formação nele é como se fosse uma disciplina normal, o aluno pode ser reprovado se não participar. Também tem um número definido de alunos, o professor vem com uma aula preparada para dar, ele pergunta aos alunos se todos estão de acordo com a didática, se não estiverem, ela, ou ele pede sugestão, então acontece. São colocados todos os temas que envolvem o Núcleo que, no caso, é de gênero, e o aluno é quem escolhe o tema que ele se identificou mais para pesquisar. É formado o grupo, o grupo pega a bibliografia que quer trabalhar, estuda e começa a escrever sobre o que escolheu, e depois é apresentado como você mesma pode presenciar. O Núcleo de Gênero, o aluno de qualquer curso deveria fazer, porque ele é um Núcleo que trabalha as pessoas no geral, entender o diferente de cada ser humano, a cultura, a questão étnico-racial, tudo que envolve homem e mulher nas suas diferenças, homossexualismo etc.*

É interessante notar como se plasma, por suas palavras, no núcleo os princípios que norteiam o curso. Segundo ela, para trabalhar com a questão de gênero, a diferença é enfocada, outras diferenças são discutidas; percebe-se aqui a categoria totalidade fundamentando as atividades do curso, que reitera uma concepção sócio-histórica de homem.

Essa instância curricular – o Núcleo Temático, foi pensado e formalizado junto à re-organização curricular determinada no Projeto Pedagógico da Faculdade de Serviço Social da PUC-SP-1996, num momento em que seus protagonistas visualizavam a formação profissional por um perfil constituído de “uma competência teórica, técnica operativa e ético-política” (PP, 1996, p. 10).

É uma instância curricular planejada e consolidada a partir de 1996, sendo reafirmada nas revisões curriculares posteriores, mantendo-se em vigência no programa de disciplinas do Curso de Serviço Social da PUC-SP.

Entre outros, o trabalho realizado em um Núcleo Temático pode ser uma forma de focalizar o processo de formação do perfil acima, a fim de trazer a essa pauta a relação que se está a analisar. Focalizam-se abaixo alguns momentos desse trabalho:

O momento do planejamento do programa da disciplina e da proposta de trabalho em sala de aula prevê

estudos e análises desenvolvidas a partir das relações sociais capitalistas, de gênero e raça/etnia implicam na superação das análises de base biológica, essencialistas, que naturalizam o que é social. Implicam também na identificação do processo de dominação-exploração, característico das relações sociais construídas numa ordem patriarcal de gênero, que tem como base da desigualdade social que forja a superioridade de um grupo sobre outro, neste caso, dos homens em relação às mulheres. Portanto, a identificação de relações matizadas pelo poder e seus desdobramentos. O movimento feminista e o movimento negro, constituintes do movimento social, é um destes desdobramentos que contribui para o processo de construção da emancipação de mulheres e de homens nesta sociedade (NÚCLEO TEMÁTICO – RELAÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E ETNIA, 2007, 7º período).

Outro momento<sup>20</sup>, situado na abertura de uma aula do Núcleo Temático acima foi diretamente observado pela pesquisadora. Ao chegar, a professora acena aos alunos com dois exemplares do livro **O movimento negro e o Estado (1983-1987) O caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra no Governo de São Paulo**, doados pelo seu autor Ivair Augusto Alves dos Santos, mestre em Ciência Política, no momento Ministro dos Direitos Humanos. Disse a professora: “Um exemplar, por mérito de sua pesquisa, vai para a aluna Maria de Lurdes e o outro vou entregar para quem tiver o melhor argumento de por que o quer”. Em seguida, a professora entrega aos alunos presentes, naquele momento, alguns livretos, com os títulos: **Mulher Negra: olhos atentos e firmes na luta por espaço e respeito na sociedade brasileira** e **Guia de Cidadania e Justiça Exercite seus direitos**, e o informativo **Dia Nacional da Consciência Negra – Linha do tempo e a luta pela aprovação do Feriado na cidade de São Paulo** (novembro/2007), publicados por Claudete Alves, vereadora do Município de São Paulo e, ainda, o **Estatuto da Igualdade Social**, publicado pelo senador Paulo Paim.

Outro momento, também situado nessa aula, foi a exposição realizada por duas equipes de alunos, a primeira sobre a “Lei Maria da Penha” e a segunda, “A mulher negra no mercado de trabalho”. A primeira exposição tratou de explicitar os momentos históricos e as interpretações no âmbito da violência contra a mulher, culminando com a alteração do Código Penal, com aprovação da Lei Maria da Penha. A apresentação do trabalho demonstrou a

---

<sup>20</sup> Esse momento, considerado no trabalho de formação do perfil do assistente social a ser formado na Faculdade de Serviço Social da PUC/SP, foi por nós presenciado.

apreensão do conteúdo por meio de uma articulação do trabalho de investigação com a análise das relações sociais no âmbito da sociedade capitalista. Na segunda, o trabalho exposto relacionou o movimento de inserção da mulher no mercado de trabalho com a questão do poder, da discriminação e seus desdobramentos no processo de dominação ou exploração vigentes na sociedade atual. Explicitou a inserção da mulher negra no mercado de trabalho marcada por uma tripla discriminação: racial, social e de gênero, concomitantemente à análise e levantamento de dados sobre vários aspectos da questão, como, por exemplo, a necessidade de trabalhar; mulheres chefes de família; situação vulnerável de trabalho; baixo rendimento; trabalho e cor da pele, entre outros.

Ao final de cada uma das apresentações, a professora teceu considerações, analisando como o Serviço Social pode organizar o fortalecimento dos movimentos populares; os limites e as possibilidades de ação para que a mulher se preserve da violência; incentivar os movimentos populares que deem suporte à mulher vítima de violência. Mostrou a questão da violência, que não se expressa só na forma “*ele me chama de feia, burra, ele me desqualifica*”, mas também no número significativo de mulheres que têm doenças, processos de depressão que têm um significado, nesses casos, que é querer a morte. Explicou que é preciso conhecer a situação; identificar as dificuldades que a pessoa tem para sair da situação de violência; exemplificou com fatos ocorridos no Brasil, o caso da “prisão da garota do Pará” [uma garota dividiu cela com 20 homens, entre outubro e novembro do ano de 2007, em Abaetetuba, na região metropolitana de Belém, por pelo menos 26 dias]; abordou o machismo, lembrou da importância de encaminhar o que outros países já alcançaram, por exemplo, o Japão; além da lei no papel, comporta abrigo e ajuda financeira para mulheres vítimas de violência, com filhos etc.

Quanto à segunda apresentação, a professora, entre outras formas, interveio com questões como: “Por que isto ocorre? Onde está o fundamento disto que vocês colocam como tripla discriminação? Onde está a base disto? Buscar a explicação é muito importante. Como lidamos com esta situação no cotidiano? Falando à população estes dados? O fato de ser sobre o negro – estamos falando da trajetória da raça e etnia até hoje. E a questão de ser mulher, da discriminação tripla? Por que a mulher é discriminada, de onde vem

essa discriminação de gênero?”. Chamou a atenção para alguns pontos: o fato de que a discriminação distancia do processo de humanização; as minorias em geral não têm voz para expor, com mais tranquilidade, a discriminação; o processo de reflexão pode ser quando essa minoria está com o assistente social; lutar por essa inclusão não dissociado da oportunidade do outro ter voz; a inclusão não somente pelo pão, mas na perspectiva de totalidade, também arte, diversão, desalienação, processos desalienadores. Como assistentes sociais, colocar essas questões no horizonte da categoria, comprometida com o projeto ético-político da profissão.

Outro momento, de debate, no qual os alunos também argumentam, considerando a exposição da professora, que articula o debate até o final da aula, momento em que aponta outros aspectos de análise das manifestações do poder e da discriminação como expressões da construção social da ordem patriarcal de gênero na sociedade capitalista. E exemplifica a dominância desse processo, inclusive, da mulher no poder, como Margaret Thatcher que incorporou a “cartilha masculina”.

Por meio dos vários e diferentes momentos, do planejamento do programa da disciplina e da proposta de trabalho em sala de aula; da abertura de uma aula; da apresentação da pesquisa teórico-prática por parte dos alunos; das articulações entre as questões apresentadas pelos alunos e as formas de atuação do Serviço Social; de debate e encerramento, é possível notar que converge para a formação do aluno a atitude investigativa e crítica.

É, pois, uma amostra de que o projeto pedagógico atual efetiva o antes definido no projeto pedagógico, considerado matriz do curso – a formação do perfil intelectual, condição do perfil do profissional mediador que poderá atuar como cidadão e como profissional.

Considerando o papel do profissional em sua dimensão eminentemente política, estando em jogo o sentido social de sua atividade intelectual, tal projeto pauta-se em indagações, como “a quem serve este profissional, que interesses reproduz, quem demanda socialmente o seu trabalho?” (PP, 1984, p. 56). A perspectiva analítica é a de que

Pode-se estabelecer uma estratégia profissional e política para fortalecer um ou outro pólo de interesses sociais que se expressam na prática

profissional, mas **não se pode excluí-los** do contexto da mesma prática. As instituições patronais, não sendo um bloco monolítico, também tornam-se campo de lutas sociais. Ao assistente social que se proponha a exercer sua função intelectual mediadora, reorientando o seu vínculo para as classes trabalhadoras, cabe analisar, a partir de situações particulares das instituições, as correlações de forças aí presentes e, a partir de sua organização enquanto categoria e junto aos demais profissionais, orientar sua prática na ótica dos interesses dos usuários (PP, 1984, p. 60). Grifos no original.

Estes são dados por meio dos quais se pode visualizar a origem da intelectualidade de Maria de Lurdes, ao dizer como entende as instituições, por exemplo.

*Quando a gente fala “família”, a gente tem que perguntar: “Que tipo de família?” Que é porque tem várias agora. Para mim que vim de uma família conservadora, poderia dizer para você que não é bom. Mas hoje, conhecendo tantas coisas, abrindo a mente com tantos conhecimentos, e também nós já estamos o que, no século XXI; pensar isso, não acho que é ruim. É ruim aquilo que você não sabe levar, não sabe construir.*

Também se pode buscar os fatores da transformação de seu modo de ser.

*Agora, por exemplo, eu estou falando aqui da igreja, mas essa igreja, para mim, está ficando para trás. Muitas coisas que eu fazia nela, hoje eu não faço mais, e hoje eu já vejo a igreja como crítica muito grande; já está mudando, já muda. Muda a maneira da gente tratar as pessoas, de ver a pessoa do outro; a gente passa a ser mais educado. Muda tudo na vida da gente.*

E, à maneira de conclusão, Maria de Lurdes narra alguns fatos de sua relação familiar atualmente; declara-se mais exigente hoje.

*Distância entre mim e minha família, meu marido não tem. O que tem é que eu cobro mais deles hoje, é para correr atrás como eu estou fazendo. Por exemplo, minhas filhas têm o que, 19, 20 anos, eu falo para elas: “Não deixem para correr tarde igual eu corri, já com 40 anos, mas vocês vão agora, vão agora atrás do tempo”. E o meu marido, eu falo para ele ficar procurando supletivo, fazer*

*supletivo, não ficar só naquele mundo, trabalhar e ir para casa e assistir televisão o dia todo.*

Maria de Lurdes lembra do que queria e da impressão que tem de si e do modo como se vê hoje. Do que quer para si, lembra o que diz sua professora.

*(...) queria ler os livros, queria conhecer os autores, queria sair desse senso comum como a gente não conseguiu sair ainda. Mas muita coisa mudou, muita coisa fez a gente pensar de maneira diferente e ver que a gente é capaz, muito capaz mesmo. (...) Estou correndo atrás do que eu perdi. Quando a gente está à procura, nunca a gente está satisfeito. Quando a gente sair daqui, eu vou querer mais, até o fim da minha vida, até o fim dos dias. É sede de conhecimento, sede de busca e de que o ser humano ele tem sempre, como é que fala a professora lá? “O ser humano quer sempre, está sempre aprendendo”.*

Maria de Lurdes sintetiza o processo de superação da “vida precária” à qual não se reporta mais.

*Isso aqui, a faculdade para mim só vem coroar tudo aquilo que eu planejava. (...) para mim, é uma riqueza enorme que eu só encontro pessoas maravilhosas, minha orientadora maravilhosa, professores que me deixam muito à vontade; os alunos também. Identifiquei-me com todo mundo. Todo lugar que eu vou as pessoas só colocam você para cima. Diferente de muitos lugares que a gente vai, como era o que eu vivi antes, que deixava a gente sempre para baixo. É como se a gente nunca tivesse condições nenhuma de nada, que a gente fosse considerado burrinho mesmo. E quando a gente chega à faculdade vê que não, a gente é capaz e tem a inteligência igual.*

Sintetiza, portanto, o processo de constituição de sua identidade que, nesses dois anos, expressa metamorfoses determinadas pela relação que estabelece com o Curso de Serviço Social da PUC/SP. Metamorfoses que ela define: “*Eu ainda estou no 2º ano, na metade do 2º ano, lá para o 3º eu vou estar diferente do que eu estou falando para você agora, porque vão mudando os conceitos da gente (...) eu estou ainda em casa de família trabalhando, eu estou mãe de família e*

*vou continuar sendo, claro. O que mudou? Mudou esse conhecimento que já está todo aí (...).*

É importante notar o conhecimento como fator de conquista de qualidade humana ou de humanidade. De posse de um determinado conhecimento crítico e ético, já identificado anteriormente, Maria de Lurdes o mostra em suas ações e funções, como é o caso aqui, onde ela produz sua história de vida na função de sujeito da pesquisa.

Do ponto de vista da totalidade dessa história de vida, há que se considerar essa fala final articulada com a primeira, com a qual Maria de Lurdes iniciou a narrativa de sua história de vida, ou seja: *“Minha vida começou há 41 anos atrás. (...) Isso aqui, a faculdade para mim só vem coroar tudo aquilo que eu planejava.”* Justamente para não perder de vista a unidade de suas narrativas como um todo, na qual Maria de Lurdes segura firme alguns fatos concretos: um, que tem vida; dois, o local em que se encontra; e a ligação dos dois a um terceiro, o pertencimento a um espaço social que realiza a direção de seus planejamentos.

Ao dizer, com os pés no chão dessa faculdade, *“Isso aqui (...) que eu planejava.”*, Maria de Lurdes mostra que a faculdade não é somente o prédio ou a sala de aula em que se encontra e tudo que representa de fonte de riqueza e de recursos humanos. Mostra que sabe da importância desse alcance em sua vida; que sabe estar num momento do processo de sua vida; que também o sabe gradual e continuamente como totalidade de passado, presente e futuro de trabalho. E explica essa sabedoria toda, assim, demonstrando auto-exame e autoconsciência: se diz inteira, inteiramente está no trabalho, na casa de família, em sua casa, porque portando uma humanidade que a faz melhor para ser e pensar, pois, conforme diz: *“É ruim aquilo que você não sabe levar, não sabe construir”*.

Dessa forma, provavelmente continuará modelo de ser humano, pois incorpora uma atitude que dá a ela nova qualidade à sua “antiga” forma de liberdade de ação, aprendida com seu pai. Ela hoje se mostra exemplo do que um projeto político pedagógico de ensino pode representar na constituição da

identidade de um sujeito, especialmente na concretização de um projeto de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que refletíamos sobre os resultados a que chegamos com esta pesquisa, ficamos sabendo que a aluna Maria de Lurdes recebera um prêmio pelo mérito de sua pesquisa de Iniciação Científica.

Não poderíamos deixar de ressaltar aqui essa conquista. Maria de Lurdes, a migrante do interior mineiro que chega a São Paulo, aos 19 anos, apenas com o ensino fundamental e cursa o supletivo anos depois, hoje, aos 41 anos, recebe um prêmio como pesquisadora da PUC/SP. É um momento para retornarmos a ela, em homenagem a mais esse feito que constrói. Ouvirmos dela o que pretende.

*Eu pretendo trabalhar na área de Serviço Social. Eu pretendo, estou trabalhando para isso, ainda não larguei a... Como diz lá no projeto: “a casa grande”, mas estou em busca. E o quilombo nesta pesquisa é como se fosse a universidade aqui na PUC. É o quilombo para mim. É o quilombo a ser conquistado. Vai ser uma luta constante para seguir em frente.*

Torna-se difícil dizer mais do que essas palavras de Maria de Lurdes dizem, o resultado a que chegamos com esta pesquisa.

Essa forma de Maria de Lurdes dizer de si, diz muito do processo de constituição de sua identidade, enfatizado nesses dois anos de graduação. Pode mesmo ser destacada como uma insígnia, por meio da qual ela mostra que se distingue da imensa maioria dos universitários, hoje, em razão do que consegue produzir.

A linguagem metafórica que usa, por si só, denota um alcance de condições sócio-educativas ou condição social; é um fato revelador de que tem consciência da lógica das relações humanas e de classe, bem como do papel da universidade como um dos alicerces de sua vida. E a essa lógica chama simplesmente, de luta. Luta constante.

Essa insígnia aqui tem dupla função: a de representar o trabalho do Curso de Serviço Social da PUC/SP, no processo de constituição da identidade de seus alunos, nesse caso, Maria de Lurdes, e a de provar que é possível ao trabalho de ensino efetivar identidades humanas no caminho da emancipação. Não poderíamos deixar de ressaltar essa conquista, não por causa do prêmio em si, mas porque é mais um fato concreto do que é possível aos homens, mediante um projeto político e pedagógico. Eis o resultado a que chegamos.

Não ficamos sabendo de alguma premiação de Bia. O que ficamos sabendo é que ela nos premiou, pois, para além de nos permitir estudar e verificar o processo pelo qual se constitui sua identidade, permite-nos deixar aqui registrado o grau de liberdade que alcança sua consciência ao falar como vê o seu futuro.

*O meu futuro? Eu não sei como eu vejo o meu futuro, pensar o meu futuro. Eu não sei. Na verdade, eu não vejo meu futuro assim: eu vou ser rica, eu vou ser pobre. Eu não vejo meu futuro assim, eu não consigo. Talvez antigamente eu visse meu futuro assim: eu quero trabalhar, ganhar dinheiro e ter uma vida estável. Era isso o futuro que eu queria. Hoje eu já vejo meu futuro assim: eu quero contribuir de alguma forma na sociedade. Eu quero ajudar de alguma forma, eu não sei como (...). Como o meu futuro vai ser bom na perspectiva de um futuro melhor só para mim? Não existe um só "eu". Não existe uma sociedade melhor só para mim. Ou existe para todo mundo ou não existe para ninguém.*

Conforme disse anteriormente sua companheira de sala de aula, Maria de Lurdes, “*esse conhecimento que já está todo aí*”, narrado, é o resultado ao qual chegamos.

As alunas narraram suas histórias de vida e, assim, objetivaram um documentário acerca do processo de constituição de suas identidades; suas narrativas mostraram um pouco de muitos aspectos de suas vidas, muitas obrigações e compromissos nas relações de mãe, de empregada doméstica, aluna, de esposa ou de operadora de telemarketing. Contudo, especialmente de suas derradeiras relações estabelecidas com o ensino superior, objetivaram o caráter de unidade num modo de pensar consciente e universal, a abranger o universo de seus compromissos e funções ou papéis sociais. Um caráter, na consciência, a favor de uma perspectiva política, a serviço de um movimento

emancipatório, que não se compartimentaliza, não se separa da vida em sua totalidade.

O Curso de Serviço Social, ressaltado nas narrativas das alunas, presta-nos a publicidade de seu itinerário como uma forma de trabalho da universidade para produzir identidades humanas e emancipação. Certamente há que haver muitas outras nessa Terra; elas mostram uma, trabalhando na formação de “profissionais com sólido suporte teórico metodológico que, ao lado de outros traços e competências, tornem a habilitação técnico-operativa imperativa” (PP, 2006, p. 34).

Esse é um modo particular desse curso, por meio do que foi demonstrado, nesta pesquisa, de produzir a efetividade humana. Deixamos em relevo a concepção que abre a ordem dos princípios ético-profissionais do Serviço Social: a de liberdade, com a qual operam com o resgate do indivíduo como sujeito com direito à liberdade.

Quando se opta pela caracterização dos *indivíduos sociais*, estamos expressando uma concepção mais ampla de indivíduo que se deseja construir, com a qual estamos comprometidos – “a cada um segundo as suas necessidades e de cada um segundo as suas possibilidades”, conforme diz Marx. Daí o claro posicionamento em favor da construção de uma nova sociedade [BONETTI (org.), 2007, p. 182].

Pode-se entender tal concepção como uma forma de trabalho que prima por efetivar a humanidade em cada homem. Portanto, uma forma de praticar um ideal que é bom para o movimento da genericidade do humano e seu devir.

Marx fala de um *nível humano* a ser atingido mediante uma práxis revolucionária, quer dizer, “uma práxis *à la hauteur des principes*” (MARX, 1843; 2005, p. 151) ligada à força da teoria que se converte em força material. Força aqui entendida como suporte para a realização das necessidades dos homens. Fala também em “metamorfose filosófica” (MARX, 1843; 2005, p. 152) como componente necessário para uma revolução radical para atingir, na prática, a emancipação humana. A emancipação que queria para seu povo é análoga ao que quer esse curso no seu trabalho com o ensino, e pode ser considerada, conforme a teoria de Ciampa, como processo de constituição ou efetivação da identidade humana. Como um processo contínuo de superação das próprias barreiras e também de barreiras que, na realidade, têm os

homens e cada homem, de experimentar e atingir. Ou seja, há que haver pressupostos e também campo de cultivo da referida revolução que Marx chama de *radical*.

Com estas considerações, é importante que não percamos de vista os dados que trouxemos para essa pesquisa, sobretudo os que se referem ao trabalho do Curso de Serviço Social da PUC/SP, em seus setenta anos de existência, e os resultados que apresenta no processo de constituição da identidade de seus alunos, aqui representados por duas deles.

Não percamos de vista o processo pelo qual esse Curso soube e sabe de si, como condição para atingir esse padrão acadêmico; como se processou e se processa seu movimento de ruptura e superação das próprias barreiras acadêmicas e também das barreiras políticas, sociais; como se processou e se processa a organização das condições de sua existência, como uma esfera de trabalho, cujo sistema de ensino promove o caráter universal na consciência de seus alunos. Porque pode ser um meio de chegar à forma e ao conteúdo do ensino ministrado na referida graduação.

E também um meio de chegar à maturidade, à liberdade ou emancipação, alcançada historicamente pelos seus idealizadores, representantes ou dirigentes. O que quer dizer, ainda, chegar à autoconsciência, à moral universal a que corresponde o trabalho social, isto é, humano. E, mais, chegar a um trabalho revolucionário e localizar, de ambas as partes, responsáveis pelo curso ou alunos, homens em processo, em movimento, cujo motivo é a humanidade.

É necessário que visualizemos esse processo dialético concretamente também no pensamento. Podemos, para tanto, valer-nos de um modo de pensá-lo, já teorizado por Marx (1844; 2004, p. 106): “o homem produz o homem, a si mesmo e ao outro homem; assim como [produz o objeto], que é o acionamento imediato da sua individualidade e ao mesmo tempo a sua própria existência para o outro homem, [para] a existência deste, e a existência deste para ele”.

Esse pode ser um modo de pensar o processo de trabalho no âmbito das relações humanas, na esfera educacional, especialmente nas áreas implicadas diretamente com a formação do homem.

Considerando que o movimento de reciprocidade das ações humanas é marca desse processo, como fator de genericidade da espécie humana, os dados, trazidos por esta pesquisa, revelam seu caráter fundamentalmente *social*. Pois “igualmente, tanto o material de trabalho quanto o homem enquanto sujeito são tanto resultado quanto ponto de partida do movimento” (MARX, 1844; 2004, p. 106). *Social*, portanto, é o caráter universal de todo o movimento acima, cujo conteúdo é a essência humana - condição de elo entre os homens e elemento vital do *ser social* levado a efeito, a exemplo da relação acadêmica, exposta nesta pesquisa.

Por ora, no nosso entendimento, o trabalho desenvolvido pelo Curso de Serviço Social da PUC/SP na formação de seus alunos exercita e efetiva uma práxis revolucionária, pois, para além de não seguir lado a lado com o caráter unilateral da realidade burguesa, seu trabalho, de direção social contrária, é fator de genericidade humana, conforme analisado na história de vida de duas de suas alunas.

Se é da natureza do homem, ou seja, se é próprio do homem “a aptidão para formar aptidões especificamente humanas” (LEONTIEV, 1978, p. 273), então, a educação e o ensino organizados por homens (como condições para essa formação) podem ser planejados e organizados para tal finalidade. Esse, como se pode ver, é o caso do ensino proposto pelo Curso de Serviço Social da PUC/SP.

É certo que somamos hoje alguns séculos de trabalho sob bases capitalistas e isto nos fez tão propriedade privada e antissociais que esse parece o jeito de ser e o jeito esperado para todos. Mas, o contrário também é verdadeiro, pela negação desses fundamentos. A realidade é essencialmente contraditória.

É, pois, uma concepção que se traduz como possibilidade para todos, sendo “uma política de identidade do Homem da nossa sociedade (...), a questão se coloca como uma questão prática e como tal deve ser enfrentada, conscientemente, por nós – cada um de nós, todos nós” (CIAMPA, 2004, 74).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMMANN, Safira Bezerra. "A produção científica do Serviço Social no Brasil". In **Serviço Social & Sociedade**. Ano V, nº 14, 1984, pp. 144-176.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. "Considerações sobre o Código de Ética dos assistentes sociais". In **Serviço Social e Ética: convite a uma nova prática**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BONETTI, Dilsea A. (org.), SILVA, Marlise Vinagre, SALES, Mione Apolinario, BORBA, A. M. **identidade em construção – investigando professores na prática da avaliação escolar**. São Paulo: EDUC, 2001.

CARVALHO, Alba Maria Pinho de; BONETTI, Dilséa Adeodata e IAMAMOTO, Marilda Villela. "Projeto de investigação: a formação profissional do assistente social no Brasil: determinantes históricos e perspectivas". In **Serviço Social & Sociedade**. Ano V, nº 14, 1984, pp. 104-143.

CIAMPA, Antonio da Costa (org.); BASSIT, Ana Zahira; e COSTA, Márcia Regina da (org.). **Identidade: teoria e pesquisa**. São Paulo: EDUC, 1985. (Série Cadernos PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo): 20.

\_\_\_\_\_. Identidade. In: LANE, S. T. M. **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **A estória de Severino e a história da Severina**. 8ª reimpr. da 1. ed. de 1987. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ENGELS, F. **A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Tradução de leandro Konder. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1975.

\_\_\_\_\_. **Anti-Duhring: filosofia, economia política, socialismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ENGELS, F. **A dialética da natureza**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da História**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere, volume 2**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HELOANI, J.R. e LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. In Revista Produção, v. 14, n. 3, pp. 077-087. Set/Dez. 2004.

LANE, S. T. M. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LEITE, Sérgio, HEREDIA, Beatriz, MEDEIROS, Leonilde... [et al]. **Impactos dos assentamentos**. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural: São Paulo: Editora UNESP [coeditora e distribuidora], 2004. 392 p.; 21x28cm. – (estudos NEAD; nº 6).

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do Psiquismo**. São Paulo: Livros Horizontes, 1978.

\_\_\_\_\_. **Actividad, consciencia, personalidad**. Traducion Rosario Bilbao Crespo e outros. Cuba: Editorial Pueblo Y Educacion, 1983.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Tradução de José Carvalho Bruni. 3<sup>a</sup> edição. São Paulo: Abril Cultural, Os Pensadores, 1985.

\_\_\_\_\_. **A miséria da filosofia**. Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Global, 1985.

\_\_\_\_\_. **A burguesia e a contra-revolução**. 2. ed. Tradução J. Chasin e outros. São Paulo: Ensaio, 1989.

\_\_\_\_\_. **A questão judaica**. 2. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Sagrada, ou, Crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e seus seguidores**. Tradução de Sérgio José Schirato. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. **Para a Crítica da Economia Política do Capital**. Tradução de Edgard Malagodi. São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Capital: Crítica da economia política, livro primeiro: o processo de produção do capital, volume I**. 14<sup>a</sup> edição. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1994.

\_\_\_\_\_. **O Capital: Crítica da economia política, livro primeiro: o processo de produção do capital, volume II**. 14<sup>a</sup> edição. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1994.

\_\_\_\_\_. **O Capital: Crítica da economia política, livro terceiro: o processo global de produção capitalista, volume VI.** Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. **Crítica da filosofia do direito de Hegel.** Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, K.; ENGELS, F. **Obras escolhidas.** Vol. I, II e III. São Paulo: Alfa-Omega, s/d.

\_\_\_\_\_. **Textos sobre educação e ensino.** 2. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1992.

\_\_\_\_\_. **A ideologia alemã (I - Feuerbach).** 10 ed. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sobre o suicídio.** Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Liberdade de imprensa.** Tradução de Cláudia Schilling e José

MICHELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em Sociologia. In: **Investigação Social e Enquete Operária.** 3ª edição. São Paulo: Editora Polis, 1998.

NETTO, José Paulo. "A propósito da disciplina de metodologia". **Serviço Social & Sociedade.** Ano V, nº 14, 1984, p

p. 5-15.

\_\_\_\_\_. "Transformações societárias e Serviço Social. Notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil". **Serviço Social & Sociedade.** Ano XVII, nº 50, 1996, pp. 87-132.

\_\_\_\_\_. **Ditadura e serviço social: uma análise do serviço social no Brasil pós-64.** 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PROGRAMA DE DISCIPLINAS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL, PUC-SP, 7º PERÍODO, ANO 2007.

PROJETO PEDAGÓGICO DA FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL, PUC-SP, 1996.

PROJETO PEDAGÓGICO DA FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL, PUC-SP, 1996.

PROJETO PEDAGÓGICO DA FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL, PUC-SP, 2003.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA PUC-SP: UMA ATUALIZAÇÃO, PUC-SP, 2006.

Proposta básica para o Projeto de Formação Profissional In **Serviço Social & Sociedade**. Ano XVII, ABRIL, nº 50, 1996, pp. 143-171.

QUEIROZ, M. I. P. “Relatos orais: do “indizível” ao “dizível””. **Revista Ciência e Cultura**. Nº 39, v.3, 1987, pp. 272-286.

Serviço Social & Sociedade - Ano V, nº 14, Cortez Editora, 1984.

VIGOSTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jeferson Luiz Camargo. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Psicologia da arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998.

YASBEK, Maria Carmelita (org). “Projeto de revisão curricular da Faculdade de Serviço Social – PUC-SP”. In **Serviço Social & Sociedade**. Ano V, nº 14, 1984, pp. 29-103.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)